COLEÇÃO ASTRAL

TARÔ

A Sorte Pelas Cartas

Com o Baralho Colorido Completo de 78 Cartas

Arthur Edward Waite

EDIOURO/90913

ZIPAK livraria

Alameda Lorena, 871
Fone: (011) 852-8288
Fax: (011) 852-5544
01424 - São Paulo - SP

Tarô

A Sorte Pelas Cartas

Um livro EDIOURO é para sempre!!

Fazemos tudo que é possível para oferecer livros da mais alta qualidade.
Nosso papel é de primeira. A composição eletrônica e computadorizada garante letras sem defeito e um acabamento perfeito. O sistema de encadernação é o moderno método de "perfect-binding".
Todo este esforço é recompensado: só oferecemos livros de alto padrão por um preço mínimo.

Arthur Edward Waite

Tarô
A Sorte Pelas Cartas

Constando de Fragmentos de Uma Tradição Secreta Sob o Véu da Adivinhação

Com 78 gravuras ilustrando os Grandes e Pequenos Arcanos

Tradução de:
David Jardim Júnior

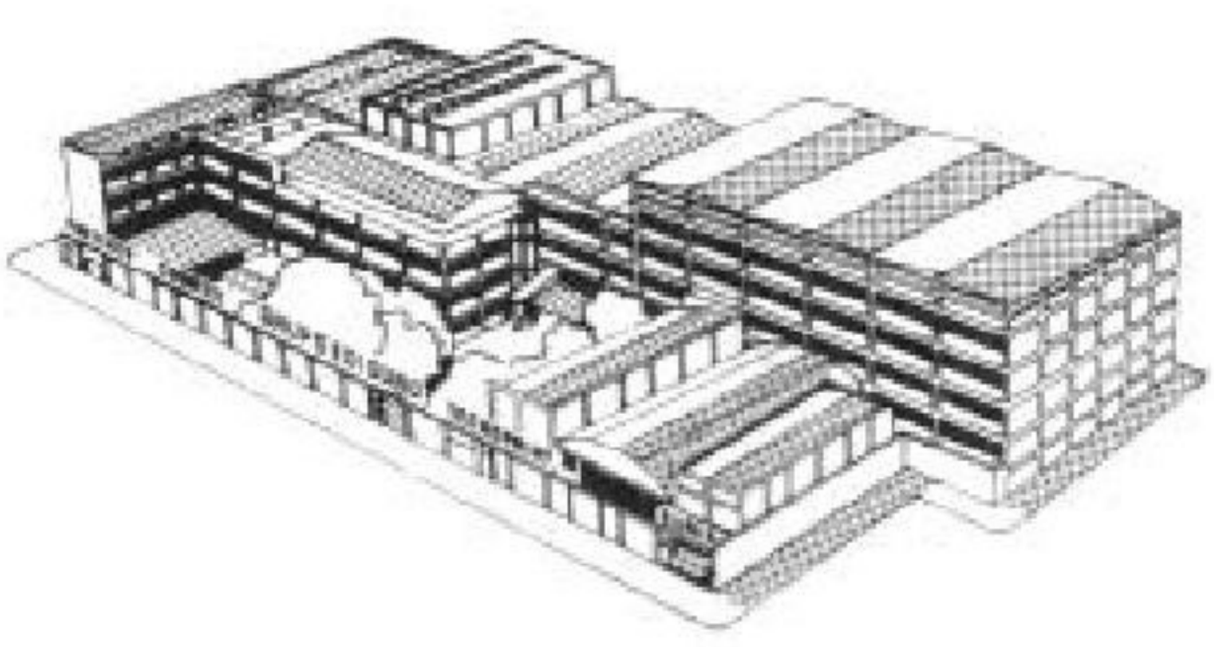
EDIOURO
GRUPO COQUETEL

Título do original:
"The Pictorial Key to the Tarot"

© Da tradução — Editora Tecnoprint S.A., 1985

As nossas edições reproduzem
integralmente os textos originais.

ISBN 85-00-90913-7



Grupo Ediouro
EDITORA TECNOPRINT S.A.

Índice

Capa - Contracapa

Prefácio 7

Parte I — O Véu e os Seus Símbolos

1 — Introdução e Generalidades 11
2 — Classe I — Os Trunfos Maiores (ou Arcanos Maiores) 15
3 — Classe II — Os Quatro Naipes (ou Arcanos Menores) 23
4 — O Tarô na História 25

Parte II — A Doutrina por Trás do Véu

1 — O Tarô e a Tradição Secreta 35
2 — Os Trunfos Maiores e seu Simbolismo Oculto 39
3 — Conclusões Quanto às Chaves Maiores 61

Parte III — O Método Externo dos Oráculos

1 — Distinção Entre os Arcanos Maiores e os Menores 65
2 — Os Arcanos Menores 67
3 — Os Arcanos Maiores e as suas Significações Divinatórias 123
4 — Algumas Significações Adicionais dos Arcanos Menores 125
5 — Repetição das Cartas na Distribuição 129
6 — A Arte de Adivinhação Pelo Tarô 131
7 — Um Antigo Método Céltico de Adivinhação 133
8 — Um Método Alternativo de Ler as Cartas do Tarô 137
9 — O Método de Leitura por Meio das Trinta e Cinco Cartas 141

Prefácio

Parece antes necessário do que meramente preferível, no sentido de apologia, *que eu apresente em primeiro lugar uma completa explicação da minha atitude pessoal, como alguém que por muitos anos de carreira literária tem sido sujeito às suas limitações espirituais e de outras naturezas, um expoente das mais elevadas escolas místicas. Julgar-se-á que estou agindo de maneira estranha, em face dos meus padrões de conduta, tratando do que parece ser, à primeira vista, um conhecido método de adivinhar a sorte. Ora, as opiniões do Sr. Smith, mesmo em revistas literárias, carecem da importância, a menos que concordem com as nossas próprias, mas, a fim de justificar esta doutrina, devemos ter o cuidado de assegurar que as nossas opiniões e os assuntos delas emanados tenham sempre o mais elevado sentido. Contudo, não deixa de parecer duvidosa no caso em foco, não somente ao Sr. Smith, a quem respeito, dentro dos devidos limites de independência de pensamento, mas também a outros mais conseqüentes, que os seus pontos de vista são os meus. A eles eu diria que, depois do muito iluminado Frater Cristão Rosa-Cruz ter visto o Casamento Químico no Palácio Secreto da Transmutação, sua exposição se interrompe abruptamente, fazendo supor que ele esperava tornar-se o guardião da entrada no dia seguinte. Da mesma maneira, acontece mais vezes do que parece provável que aqueles que viram o Rei do Céu através dos mais claros véus dos sacramentos são os que assumem depois disso os mais humildes ofícios de todos com relação à Casa de Deus. Graças a tais simples recursos, também são os Iniciados e Grão-Mestres nas ordens secretas distinguidos da coorte dos neófitos como servi* servorum mysterii. *Assim também, ou de um modo que não é de todo diferente, encontramos com as cartas do Tarô nas portas mais externas — no meio dos fragmentos e detritos das chamadas artes ocultas, acerca das quais ninguém, em pleno gozo de seus sentidos, jamais sofreu a menor decepção; no entanto, essas cartas pertencem elas próprias a outra região, pois contêm um simbolismo muito alto, que é interpretado de acordo com as Leis da Graça, e não pelos pretextos e intuitos daquilo que passa por adivinhação. O fato de ser a sabedoria de Deus loucura com os homens não justifica a presunção de que a loucura deste mundo tem sentido para a Sabedoria Divina; assim, nem os mestres das classes ordinárias, nem os pedagogos dos poderosos, terão facilidade de compreender a probabilidade ou mesmo a possibilidade de tal proposição. O assunto tem estado nas mãos dos cartomantes como parte do ativo de seus negócios; não pretendo persuadir ninguém fora de meu próprio círculo, nem acho que isso tenha muita ou nenhuma importância; não é mais feliz, porém, quem encara o fato de maneira histórica e interpretativa; tem ele sido abordado por expoentes que mereceram o desdém das pessoas dotadas de percepção ou qualidades filosóficas*

para a apreciação das provas. Já é tempo que se lhe traga socorro e é o que pretendo fazer de uma vez por todas, uma vez tenha eu podido resolver as questões marginais que nos afastam da conclusão. Do mesmo modo que a poesia é a mais bela expressão das coisas que são de todas as mais belas, assim também o simbolismo é a mais católica expressão na ocultação de coisas que são as mais profundas no Santuário e que não poderiam se exteriorizar com toda a plenitude por meio da palavra falada. A justificação da regra do silêncio não se enquadra na minha presente preocupação mas já expus alhures, e bem recentemente, o que é possível dizer a esse respeito.

O pequeno tratado que se segue está dividido em três partes, na primeira das quais abordei a antiguidade do assunto e alguns fatos dele decorrentes ou com ele relacionados. Deve ficar bem entendido que isso não constitui uma contribuição para a história dos jogos de carta, acerca dos quais nada sei e pelos quais não me interesso; trata-se de considerações dedicadas e dirigidas a uma certa escola de ocultismo, mais especialmente na França, como fonte e centro de toda a fantasmagoria que assumiu expressão nos últimos cinqüenta anos, sob o pretexto de se estudarem historicamente as cartas do Tarô. Na segunda parte, tratei do simbolismo segundo alguns de seus mais elevados aspectos, e também isso serve para apresentar o Tarô completo e retificado, encontrado separadamente, em forma de cartas coloridas, cujos desenhos são acrescentados ao presente texto em preto e branco. Foram preparadas sob a minha supervisão — no que diz respeito às atribuições e significações — por uma dama de grande valor como artista. No que diz respeito à parte divinatória, com a qual termina a minha tese, considero-a, pessoalmente, como um fato na história do Tarô; como tal, tirei, de todas as fontes escritas, uma harmonia das significações que têm sido atribuídas às vá-rias cartas, e assegurei proeminência a um método de trabalho que não fora anunciado anteriormente; tendo o mérito da simplicidade, embora seja também de aplicação universal, pode servir para substituir os sistemas incômodos e complicados dos tratados maiores.

PARTE

I

O Véu e os seus Símbolos

1
Introdução e Generalidades

A patologia do poeta diz que o *astrônomo incréu é louco*; a patologia do homem comum diz que o gênio é louco; e entre esses extremos, que se incluem entre milhares de excessos análogos, a razão soberana assume o papel de árbitro e faz o que pode. Não creio que haja uma patologia das consagrações ocultas, mas quanto às suas extravagâncias, ninguém pode questionar, e não há menos dificuldade do que ingratidão em atuar como árbitro a seu respeito. Além disso, a patologia, se existisse, seria provavelmente antes um empirismo do que um diagnóstico, e não ofereceria critério. Ora, o ocultismo não se assemelha a uma faculdade mística, e muito raras vezes atua em harmonia, quer com as aptidões de desempenho na vida prática comum, quer com o conhecimento dos critérios de prova em sua própria esfera. Sei que, para a grande arte da grosseira irreverência, há poucas coisas mais tolas do que a crítica que sustenta que uma tese é inverídica, e não pode compreender que é decorativa. Também sei que, depois de contato muito prolongado com uma doutrina duvidosa ou com pesquisas difíceis, é sempre reconfortador, no domínio dessa arte, encontrar-se o que é fruto indiscutível da fraude ou pelo menos da insensatez. Os aspectos da história, porém, tais como vistos através das lentes do ocultismo, não se apresentam como uma regra decorativa, e têm pouca capacidade de curar as dilacerações que infligem ao entendimento lógico. Quase exige que um *Frater Sapiens dominabitur astris* na Fraternidade Rosa-Cruz tenha a paciência que não se perca entre as nuvens da loucura quando se considera o Tarô de acordo com a mais alta lei do simbolismo. O verdadeiro Tarô é simbolismo; não fala outra linguagem e não oferece outros sinais. Dada a linguagem interior dos emblemas, eles se tornam uma espécie de alfabeto que é capaz de ilimitadas combinações e tem sentido em todas. No plano mais alto, oferece uma chave para os Mistérios, de uma maneira que não é arbitrária e não tem sido lida. Contudo, falsos casos simbólicos têm sido contados a seu respeito, e a versão errônea tem sido apresentada em todas as obras até agora publicadas sobre o assunto. Dois ou três autores insinuaram que, pelo menos no que diz respeito às significações, tal caso é inevitável, porque poucos com ele estão familiarizados, e, ao mesmo tempo, esses poucos têm compromissos solenes e não podem trair a confiança neles depositada. A sugestão é fantástica, pois se apresenta um certo anticlímax na sugestão de que uma interpretação particular da previsão da sorte — *l'art de tirer les caries* — possa ser reservada para os Filhos da Doutrina. Permanece, não obstante, o fato de que existe uma Tradição Secreta a respeito do Tarô, e, como há sempre a possibilidade de que algum arcano menor dos Mistérios possa se tornar público com alarde, convém antecipar o acontecimento e advertir os que têm curiosidade de conhecer o assunto de que qualquer revelação conterá apenas a terceira parte das terras e do mar e a terceira parte das estrelas do céu a respeito do

simbolismo. Isso pela simples razão de que, nem o que diz respeito às raízes, nem quanto ao desenvolvimento, algo tenha sido escrito, de modo que muita coisa restará para ser dita após a pretensa revelação. Não têm, portanto, motivo para alarme os guardiães dos templos de iniciação que vigiam os mistérios dessa ordem.

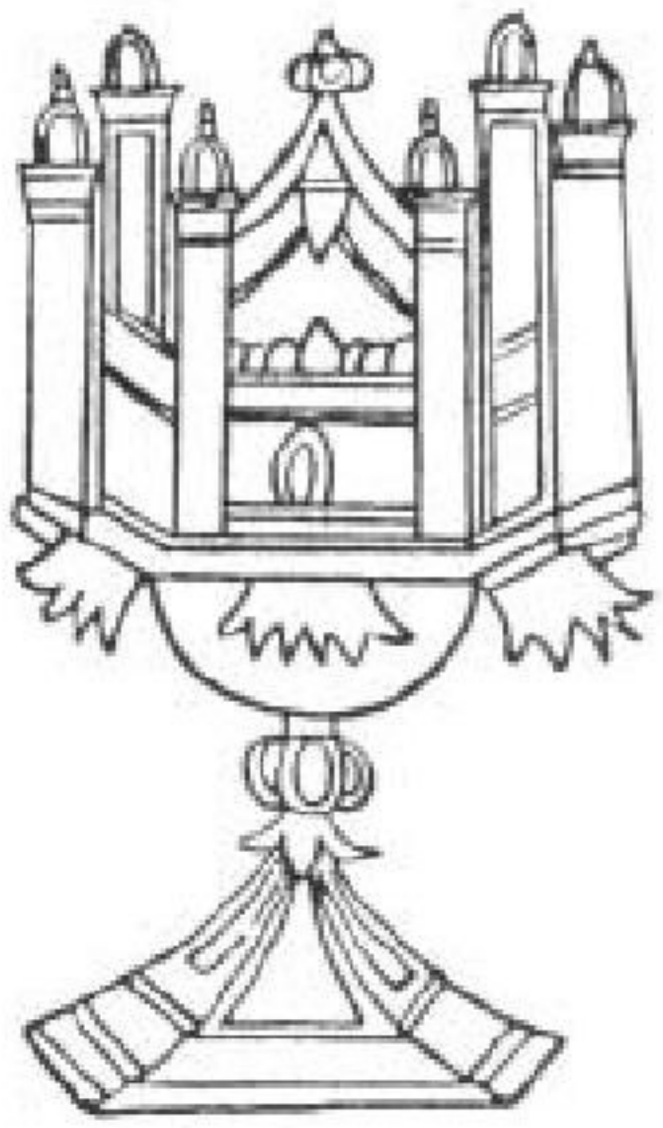
Em meu prefácio de *O Tarô dos Boêmios*, que, mais por mero acaso, foi reeditado recentemente após um longo período, eu disse o que era então possível ou parecia mais necessário. A presente obra destina-se mais especialmente — como já indiquei — a apresentar um conjunto de cartas retificado e dizer a desataviada verdade a seu respeito, tanto quanto seja possível nos círculos exteriores. No que diz respeito à seqüência dos símbolos maiores, sua definitiva e mais alta significação é mais profunda do que a linguagem comum de figuras ou hieróglifos. Isso será compreendido por aqueles que receberam al-go da Tradição Secreta. No que diz respeito às significações verbais aqui atribuídas às Cartas de Trunfo mais importantes, destinam-se elas a pôr de lado as tolices e imposturas das passadas atribuições, colocar no caminho devido quem tiver o dom do discernimento e tomar cuidado, dentro dos limites de minhas possibilidades, para que mostrem a verdade até o máximo possível.

E lamentável, sob vários aspectos, que eu tenha de confessar certas reservas, mas é uma questão de honra. Além do mais, entre as tolices por parte daqueles que nada conhecem da tradição, há, contudo, em sua própria opinião, os expoentes de algo chamado ciência e filosofia ocultas, e, por outro lado, entre a simulação de alguns poucos autores que receberam parte da tradição e pensam que isso representa um titulo legal para jogar poeira nos olhos do mundo, acho que chegou a ocasião de dizer o que é possível dizer, de maneira que possa ser reduzido ao mínimo o efeito do atual charlatanismo e ignorância.

Veremos oportunamente que a história das cartas do Tarô é, em grande parte, de caráter negativo, e que, quando as questões são esclarecidas pela dissipação dos sonhos e especulações gratuitas expressadas em termos de certeza, não existe, de fato, história alguma anterior ao Século XIV. A decepção e desencanto a respeito de sua origem no Egito, India ou China levam a considerar mentirosos os seus primeiros expositores, e os autores ocultistas posteriores pouco mais fizeram do que reproduzirem o primeiro falso testemunho, com a boa fé de uma inteligência inadequada aos problemas da pesquisa. O que aconteceu é que todas as exposições se colocaram em uma faixa muito estreita, e pouco deveram, falando-se relativamente, à faculdade inventiva. Pelo menos uma ótima oportunidade foi perdida, pois ainda não ocorreu a quem quer que seja, até agora, a idéia de que o Tarô talvez tenha surgido como uma linguagem simbólica das seitas albigenses. Encaminho essa sugestão aos descendentes espirituais em linha reta de Gabriele Rosseti e Eugène Aroux, ao Sr. Harold Bayley como outra *Nova Luz sobre a Renascença* e pelo menos como uma luz, ainda que fraca, na escuridão e que, com todo o respeito, poderia ser útil ao zeloso e pesquisador espírito da Sra. Cooper-Oakley. Imagine-se só o que o suposto testemunho das linhas d'água do papel pode ganhar com as cartas de Tarô do Papa ou Hierofante, com relação à idéia de um patriarca secreto albigense, sendo que o Sr. Bayley encontrou nas mesmas linhas d'água tanto material para o seu objetivo. Imagine-se só por um momento a carta da Alta Sacerdotisa como representante da própria Igreja albigense; e lembre-se da Torre atingida pelo Raio como representando a almejada destruição de Roma Papal, da cidade das sete colinas, com o pontífice

e seu poder temporal abatidos do edifício espiritual quando feridos pela ira de Deus. As possibilidades são tão numerosas e persuasivas que quase enganam em sua expressão um dos eleitos que as inventou. Há mais do que isso, porém, embora eu mal me atreva a mencionar. Quando chegou a ocasião em que as cartas de Tarô tiveram a primeira explicação formal, o arqueologista Court de Gebelin reproduziu alguns dos seus emblemas mais importantes, e — se assim é lícito expressar-me — o código de que ele se utilizou serviu — por meio de suas placas gravadas — como base de referência para muitos conjuntos que foram lançados posteriormente. As figuras são muito primitivas e diferem, nesse sentido, das cartas de Etteilla, do Tarô de Marselha, e de outros ainda em uso na França. Não sou bom juiz em tais assuntos, mas o fato de cada um dos Trunfos Maiores corresponder à questão da linha d'água é mostrado pelos casos que citei e pelo exemplo mais notável do As de Copas.

Eu poderia chamá-lo de um emblema eucarístico, pelo seu feitio de cibório, mas isso não tem significação no momento. A questão é que o Sr. Bayley apresenta seis dispositivos análogos em sua *Nova Luz sobre a Renascença*, sendo a linha d'água do Século XVII do papel que ele afirma ser de origem albigense e representar emblemas sacramentais e do Santo Gral. Se ele tivesse ao menos ouvido falar do Tarô, e sabido que aquelas cartas de adivinhação, cartas da sorte, cartas de todas as artes aleatórias, eram talvez comuns naquele período



no Sul da França, creio que a sua encantadora mas fantástica hipótese poderia ter sido ampliada ainda mais na atmosfera do seu sonho. Teríamos tido, sem dúvida, uma visão do gnosticismo cristão, do maniqueísmo e de tudo que ele entende por Evangelhos puramente primitivos, se mostrando vivamente por trás do quadro.

Não olho através de tais lentes, e só posso chamar a atenção para o assunto em um período posterior; saliente-se aqui que posso apresentar como um inédito portento as maravilhas da especulação arbitrária quanto à história das cartas.

Com referência à sua forma e ao seu número, nem seria necessário mencioná-los, pois devem ser bastante conhecidos, mas, como é de certo modo temerário presumir qualquer coisa, e como há também outras razões, vou descrevê-los em poucas palavras, como se segue.

2
Classe I — Os Trunfos Maiores (ou Arcanos Maiores)

1. *O Mago, Mágico ou Pelotiqueiro* o jogador de dados e saltimbanco, no mundo da trapaça vulgar. Trata-se de uma interpretação generalizada, e corresponde à significação simbólica real que o uso da consulta da sorte no Tarô tem com a sua construção mística, de acordo com a ciência secreta do simbolismo. Devo acrescentar que muitos estudiosos do assunto independentes, seguindo as suas próprias luzes, tiraram as suas próprias conclusões individuais das significações no que diz respeito aos Trunfos Maiores, e as luzes são por vezes sugestivas, mas não são as luzes verdadeiras. Assim, por exemplo, Eliphas Lévi diz que o Mago significa a unidade, que é a mãe dos números; outros dizem que ele é a Unidade Divina; e um dos últimos comentaristas franceses considera que, em seu sentido geral, ele é a vontade.

2. *A Alta Sacerdotisa, a Papisa Joana* ou a Mulher Pontífice; antigos expositores consideravam essa carta como a Mãe, ou Esposa do Papa, o que se opõe ao simbolismo. Algumas vezes é tida como representando a Lei Divina e a Gnose, caso em que a Sacerdotisa corresponde à idéia da *Shekinah.* E ela a Tradição Secreta e o sentido superior dos Mistérios instituídos.

3. *A Imperatriz*, é às vezes representada de frente, e o seu correspondente, o Imperador, de perfil. Como tem havido uma certa tendência de atribuir uma significação simbólica a essa figura, parece aconselhável dizer que ela não tem significação oculta. *A Imperatriz* tem sido relacionada com as idéias de fecundidade universal e, de um modo geral, com a atividade.

4. *O Imperador*, por dedução esposo da anterior. As vezes é representado usando, além de suas insígnias pessoais, as estrelas e fitas de alguma ordem de cavalaria. Menciono isso para mostrar que as cartas constituem uma mistura de antigos e novos emblemas. Os que insistem na evidência de um, podem tratar com o outro, se estiver ao seu alcance. Nenhum argumento de peso em favor da antiguidade de uma determinada figura pode ser tirado do fato de que ele incorpora material antigo; mas também nenhum pode se basear em novidades esporádicas, cuja ocorrência só pode significar a intervenção pouco inteligente de um compilador ou de um arranjador retardatário.

5. *O Alto Sacerdote ou Hierofante*, chamado também Pai Espiritual, e mais comum e obviamente o Papa. Parece mesmo ter sido chamado o Abade, e, nesse caso, a sua correspondência, a Alta Sacerdotisa, era a Abadessa ou Madre do Convento. Ambos são nomes arbitrários. As insígnias da figura são papais, e, em tal caso, a Alta Sacerdotisa é, e só poderia ser, a Igreja, com a qual o Papa e os sacerdotes estão casados pelo rito espiritual da ordenação. Penso, contudo, que, em sua forma primitiva, essa carta não representava o Pontífice Romano.

6. *Os Amantes ou o Casamento.* Este símbolo sofreu muitas variações, como era de se esperar de tal representação. Na forma do Século XVIII, com a qual se tornou pela primeira vez conhecido pelo mundo das pesquisas arqueológicas, era realmente uma carta representando a vida matrimonial, mostrando um pai e uma mãe com o filho entre os dois; e o Cupido pagão em cima, no ato de lançar a sua seta, é, naturalmente, um emblema mal aplicado. Cupido é o amor iniciante, e não o amor em sua plenitude, guardando o seu fruto. Segundo se diz, a carta foi intitulada *Simulacrum fidei*, símbolo da fidelidade conjugal, para o qual o arco-íris é o sinal da aliança, que teria sido mais adequado. Também se acha que as figuras significavam a Verdade, a Honra e o Amor, mas desconfio que isso foi, por assim dizer, a glosa de um comentarista moralizante. Era isso, mas tinha outros e mais elevados aspectos.

7. *O Carro.* Este é representado em alguns volumes antigos como sendo puxado por duas esfinges, e o dispositivo está de acordo com o simbolismo, mas não se deve supor que essa tenha sido a sua forma original; a variação foi inventada para apoiar uma determinada hipótese histórica. No século XVIII, estavam atrelados ao carro cavalos brancos. No que diz respeito ao seu nome habitual, o menor confirma o maior; trata-se realmente do Rei em seu triunfo, retratando, contudo, a vitória que cria o reino como sua conseqüência natural, e não a realeza imperante da quarta carta. M. Court de Gebelin disse que se tratava de Osíris Triunfante, o Sol vencedor na primavera, tendo vencido os obstáculos do inverno. Sabemos agora que Osíris ressuscitando não é representado por tão óbvio simbolismo. Outros animais além de cavalos também têm sido usados para puxarem o *currus triumphalis*, como, por exemplo, um leão e um leopardo.

8. *A Fortaleza.* Esta é uma das quatro virtudes cardeais, das quais falarei mais tarde. A figura feminina é geralmente representada fechando a boca de um leão. Na forma anterior apresentada por Court de Gebelin, está evidentemente abrindo a boca do leão. A primeira alternativa é melhor simbolicamente, mas ambas são exemplos da força em sua significação convencional, e dão a idéia de domínio. Tem-se dito que a figura representa a força orgânica, a força moral e o princípio de todas as forças.

9. *O Ermitão*, como é chamado na terminologia comum, é o que se segue na lista; é também o Capuchinho e, em uma linguagem mais filosófica, o Sábio. Segundo se diz, ele está em procura da Verdade localizada muito longe na seqüência, e da Justiça, que o procedeu no caminho. Mas é uma carta de consecução, mais que uma carta de procura, como veremos mais tarde. Também se diz que a sua lanterna contém a Luz da Ciência Oculta e que o seu bordão é a Varinha de Condão. Essas interpretações são comparáveis, sob todos os aspectos, às significações divinatórias de que tratarei oportunamente. O diabolismo de ambas é que são verdadeiras ao seu modo, mas deixam de encarar todas as altas coisas com as quais os Arcanos Maiores

têm de estar relacionados. É como se um homem, sabendo em seu coração que todos os caminhos levam às alturas, e que Deus é a maior altura de todas, escolhesse o caminho da perdição ou o caminho da loucura como rota para a sua própria consecução. Eliphas Lévi atribuiu essa carta à Prudência, mas, assim fazendo, agiu levado pelo desejo de cobrir uma brecha que, de outro modo, ocorreria no simbolismo. As quatro virtudes cardeais são necessárias como seqüência ideológica como os Trunfos Maiores, mas não devem ser tomadas apenas naquele sentido primário que existe para uso e consolo daquele que, nestes dias de jornalismo barato, é chamado o homem da rua. Em seu sentido próprio, são correlatas aos juízos de perfeição quando forem esses semelhantemente expressados de novo, e se apresentam da maneira seguinte: (a) Justiça Transcendental, o desequilíbrio dos pratos da balança quando ficam com peso excessivo, de sorte que descem acentuadamente do lado de Deus. O juízo correspondente é jogar com dados pesados quando se joga arriscada-mente com *Diabolus*. O axioma é *Aut Deus*, *aut nihil*. (b) Êxtase Divino, como contrapeso a algo chamado Temperança, cujo sinal é, creio eu, a extinção das luzes na taverna. O juízo correspondente é beber apenas vinho novo no Reino do Pai, porque Deus é tudo em tudo. O axioma é que, sendo o homem um ser racional, deve se embriagar com Deus; o caso imputado em questão é Spinoza. (c) O estado da Fortaleza Real, que é o estado de uma Torre de Marfim e uma Casa de Ouro, mas é Deus, e não o homem, que se tornou *Turrris fortitudinis a facie inimici*, e fora da casa foi o inimigo lançado. O juízo correspondente é que o homem não deve se poupar mesmo em presença da morte, mas sim estar certo de que o seu sacrifício será — em qualquer caminho aberto — o que melhor lhe assegurará o fim. O axioma é que a força erguida a tal ponto que o homem se atreva a perder-se lhe mostrará como Deus é encontrado, e — com tal refúgio — portanto, ousa e aprende. (d) Prudência é a economia que segue a linha da menor resistência, que a alma pode reconquistar de onde vem. E uma doutrina de divina parcimônia e conservação de energia, em face do esgotamento físico e nervoso, do terror e das manifestas impertinências da vida. O juízo correspondente é que a verdadeira prudência está relacionada com algo necessário, e o axioma é: Não esperdices; não cobices. A conclusão de toda a questão é uma proposição prática baseada na lei das trocas: Não podemos alcançar o que procuramos no que diz respeito a coisas divinas: é a lei da oferta e da procura. Mencionei aqui essas poucas questões por duas razões muito simples: (a) porque em proporção à imparcialidade do espírito, parece às vezes mais difícil determinar se é o vício ou a vulgaridade que devasta mais lamentavelmente o mundo atual; (b) porque, a fim de remediar as imperfeições das velhas noções, é muito necessário, ocasionalmente, despir termos e frases de sua significação aceita, a fim de que possam receber um novo e mais adequado sentido.

10. *A Roda da Fortuna.* Há presentemente um *Manual de Cartomancia* que alcançou grande aceitação na Inglaterra, o qual, no meio de muitas coisas curiosas, apresenta alguns assuntos sérios. Em sua última e mais ampla edição, o livro tem um capítulo sobre o Tarô, o qual — se estou interpretando devidamente o autor — considera de princípio a fim como a Roda da Fortuna, sendo essa expressão compreendida em seu próprio sentido. Não faço objeção a tão abrangente, embora convencional, descrição; é usada em todas as partes, e não sei por que não foi adotada anteriormente como o nome mais adequado, ao lado

da leitura da sorte comum. É também o título de um dos Trunfos Maiores — que, na verdade, é a nossa preocupação no momento. Nos últimos anos, tem ela sofrido muitas apresentações fantásticas e uma reconstrução hipotética, que é sugestiva em seu simbolismo. A roda pode ter sete raios; no Século XVIII, os animais ascendentes e descendentes eram realmente de caráter não especificado, tendo um deles uma cabeça humana. No alto, havia outro monstro com o corpo de um animal indeterminado, asas nos ombros e uma coroa na cabeça. Segurava duas varas com as suas garras. Essas figuras foram substituídas por um Hermanubis elevando-se com a roda, uma Esfinge deitada no alto e um 'Rifão do lado descendente. Aqui há mais um caso de invenção em apoio de uma hipótese; mas se o último for posto de lado, o agrupamento é simbolicamente correto e pode passar como tal.

11. *A Justiça.* O fato de que o Tarô, embora com toda a sua razoável antiguidade, não vem de tempos imemoriais, é mostrado por essa carta, que poderia ter sido apresentada de uma maneira muito mais arcaica. Contudo, aqueles que têm o dom do discernimento em assuntos dessa natureza sabem muito bem que a idade não constitui, de modo algum, a essência da consideração; o Rito de Fechamento da Loja no Terceiro Grau de Ofício da Maçonaria pode pertencer ao fim do Século XVIII, mas o fato nada significa; ele não deixa de ser o sumário de todos os Mistérios instituídos e oficiais. A figura feminina da undécima carta é, segundo se diz, Astréia, que significa a mesma virtude e é representada pelos mesmos símbolos. Não obstante a deusa, porém, e não obstante o vulgar Cupido, o Tarô não pertence à mitologia romana, ou à grega. Sua apresentação da Justiça é tida como uma das quatro virtudes cardeais incluídas na seqüência cia do Arcano Maior; mas, como costuma acontecer, falta o quarto emblema, e torna-se necessário para os comentaristas descobri-lo a todo o custo. Eles fizeram o que era possível fazer, e no entanto as leis da pesquisa jamais conseguiram deslindar a faltosa Perséfone sob a forma de Prudência. Court de Gebelin tentou resolver a dificuldade, e acreditou ter extraído o que queria do símbolo do Enforcado — com o quê, enganou a si mesmo. O Tarô tem, portanto, sua Justiça, sua Temperança e também sua Fortaleza, mas — devido a uma curiosa omissão — não oferece qualquer tipo de Prudência, embora se possa admitir que, sob alguns aspectos, o isolamento do Ermitão, palmilhando um caminho solitário à luz de sua própria lâmpada, oferece, àqueles capazes de recebê-lo, um certo e alto conselho a respeito da *via prudentiae*.

12. *O Enforcado.* Este é o símbolo que se supôs representar a Prudência, e Eliphas Lévi diz, da maneira mais simples e plausível, que se trata do iniciado preso aos seus compromissos. A figura de um homem está suspensa, de cabeça para baixo, em uma forca, à qual está amarrado por uma corda que passa em torno de um de seus calcanhares. Tem os braços cruzados para trás e uma perna cruzada sobre a outra. Segundo outra interpretação, em verdade predominante, significa sacrifício, mas todas as significações habituais atribuídas a essa carta são intuições de cartomantes, carentes de qualquer valor real no lado simbólico. Os adivinhadores da sorte do século XVIII que utilizavam Tarôs apresentavam um jovem efeminado vestindo um gibão, apoiando-se com firmeza em um dos pés e frouxamente amarrado a uma estaca fincada no chão.

13. *A Morte.* O método de apresentação é quase invariável, e apresenta uma

forma burguesa de simbolismo. O cenário é o campo da vida, e no meio de um tipo ordinário de vegetação, há cabeças e braços vivos saindo para fora do chão. Uma das cabeças é coroada, e um esqueleto com uma grande foice está a ponto de ceifá-la. A significação transparente e inevitável é a morte, mas as alternativas relacionadas com o símbolo são a mudança e a transformação. Outras cabeças foram varridas de seus lugares anteriormente, mas, em seu sentido comum e patente, é mais especial-mente a carta da morte dos Reis. No sentido exótico, tem-se dito que significa a ascensão do espírito às esferas divinas, criação e destruição, movimento perpétuo, etc.

14. *A Temperança.* A figura alada de uma mulher — que, em oposição à doutrina concernente à hierarquia dos anjos, é habitualmente classificada nessa ordem de espíritos protetores — derrama um líquido de uma ânfora em uma outra. Em sua última obra sobre o Tarô, o Dr. Papus abandona a forma tradicional e apresenta uma mulher usando um penteado egípcio. A primeira coisa que, na superfície, parece claro, é que todo o símbolo não tem um relacionamento especial com a Temperança, e o fato de tal denominação ter sido sempre atribuída à carta oferece um exemplo evidentíssimo de um sentido além do sentido, que é o título merecedor de maior consideração a respeito do Tarô como um todo.

15. *O Diabo.* No Século XVIII, essa carta parece mais ter sido um símbolo da simples falta de pudor animal. A não ser um fantástico arranjo na cabeça, a figura principal está inteiramente nua; tem asas semelhantes às do morcego, e os pés apresentam garras de ave. Na mão esquerda, traz um cetro, encimado por um sinal que se acreditava representar o fogo. A figura em seu conjunto não é particularmente má; não tem cauda, e os comentaristas que disseram serem as suas garras as de uma harpia falaram sem base. Não há mais base para a sugestão alternativa que se trate de garras de águia. Presos, por uma corrente suspensa em seus pescoços, ao pedestal em que se encontra a figura, há dois pequenos demônios, presumivelmente macho e fêmea. Têm caudas, mas não asas. Desde 1865, a influência de Eliphas Lévi e da sua doutrina de ocultismo mudou a face dessa carta, e ela agora aparece como uma figura pseudo-Bafomética com a cabeça de bode e uma grande tocha entre os chifres; está sentada, e não de pé, e no lugar dos órgãos genitais encontram-se os caduceus herméticos. Em *Le Tarot Divinatoire* de Papus, os pequenos demônios são substituídos por seres humanos nus, de ambos os sexos, presos apenas um ao outro. O autor pode ser felicitado por esse simbolismo melhorado.

16. *A Torre atingida Pelo Raio.* Seus títulos alternativos são: Castelo de Plutão, Casa de Deus e Torre de Babel. No último caso, as figuras que caem da torre são consideradas como Nemrod e o seu ministro. E, sem sombra de dúvida, uma carta confusa, e o desenho corresponde, de um modo geral, a qualquer uma das designações, exceto *Maison Dieu*, a não ser que entendamos que a Casa de Deus foi abandonada e o véu do templo rasgado. E um pouco surpreendente que o dispositivo não tenha sido até hoje relacionado com a destruição do Templo de Salomão, quando o raio poderia simbolizar o ferro e o fogo com que o edifício foi atingido pelo Rei dos Caldeus.

17. *A Estrela.* A Estrela do Cão, ou Sírio, também fantasticamente chamada a Estrela dos Magos. Agrupadas em torno dela há sete luminárias menores e uma figura feminina nua, com o joelho esquerdo

na terra e o pé direito sobre a água. Encontra-se no ato de derramar líquidos de dois vasos. Perto dela, uma ave está pousada em uma árvore; isso tem sido substituído, em algumas cartas modernas, por uma borboleta em uma rosa. Assim a Estrela também tem sido chamada de Esperança. E uma das cartas que Court de Gebelin qualifica de inteiramente egípcia — quer dizer, de acordo com a sua própria imaginação.

18. *A Lua.* Algumas cartas do Século XVIII mostram a luminária em sua fase minguante; na adulterada edição de Etteilla, é a Lua à noite em sua plenitude, posta em um céu constelado; nos últimos anos, a Lua é apresentada em sua fase crescente. Em quase todas as representações ela brilha vivamente e espalha a umidade do orvalho fertilizante em grandes gotas. Por trás, há duas torres, entre as quais serpenteia um caminho na orla do horizonte. Dois cães, ou, alternativamente, um lobo e um cão, ladram à Lua, e no primeiro plano há água através da qual uma lagosta se move rumo à terra.

19. *O Sol.* A luminária é distinguida nas antigas cartas por grandes raios, ondulados e salientes alternativamente e por outros raios secundários salientes. Ele parece derramar a sua influência sobre a terra não somente pela luz e pelo calor, mas — como a Lua — por gotas de orvalho. Court de Gebelin chamou-as de lágrimas de ouro e de pérolas, do mesmo modo que identificou o orvalho lunar como as lágrimas de Isis. Sob Sírio há um muro dando a impressão de um recinto fechado — podendo ser um jardim murado — onde dois meninos, nus ou levemente vestidos, defronte da água, brincam ou correm, de mãos dadas. Diz Eliphas Lévi que eles são algumas vezes substituídos por uma fiandeira fiando destinos, ou então por um símbolo muito melhor: um menino nu montado em um cavalo branco e exibindo um estandarte escarlate.

20. *O Juízo Final.* A forma desse símbolo é essencialmente invariável, mesmo no conjunto de Etteilla. Um anjo toca a trombeta *per sepulchra regionum*, e os monos se levantam. Pouco importa que Etteilla exclua o anjo, ou que o Dr. Papus o substitua por uma figura ridícula, que está, contudo, de acordo com o motivo central do jogo de Tarô que acompanha na sua última obra. Antes de rejeitarmos a transparente interpretação do simbolismo trazida pelo nome da carta e pela figura que ela apresenta aos olhos, devemos nos sentir pisando um terreno bem firme. Superficialmente pelo menos, só pode ser a ressurreição da tríade — pai, mãe, filho — que já encontramos na oitava carta. M. Bourgeat arrisca a sugestão de que, esoteri-camente, esse é o símbolo da evolução — da qual não apresenta qualquer sinal. Outros dizem que significa renovação, o que evidentemente é bastante; que é a tríade da vida humana; que é a *força geradora da terra... e a vida eterna.* Court de Gebelin mostra-se impossível como de costume, e observa que, se as lápides tumulares foram removidas, isso pode ser aceito como um símbolo da criação.

21. *O Bobo, Companheiro ou Homem Ignorante.* Que, contudo, na maior parte dos arranjos é a carta zero, sem número. Court de Gebelin o coloca à frente de toda a série, como o zero ou negativo que é pressuposto pela numeração, e, como tal, é um arranjo mais simples e assim também melhor. Foi abandonado porque ultimamente as cartas têm sido relacionadas com as letras do alfabeto hebraico, e tem havido, ao que parece, alguma dificuldade em colocar o símbolo zero satisfatoriamente em uma seqüência de letras, todas

das as quais significando números. Na presente referência da carta à letra *Shin*, que corresponde a 200, permanece a dificuldade ou irracionalidade. A verdade é que jamais transpirou a real disposição das cartas. O Bobo carrega um alforje; olha para cima e não sabe que está à beira de um precipício; mas um cão ou outro animal — alguns o chamam de tigre — o ataca pelas costas, e ele se apressa para a sua não percebida destruição. Etteilla apresentou uma justificável variação dessa carta — como geralmente se entende — sob a forma de um bobo da corte, com gorro, campainhas e roupa de cores variegadas. As outras descrições dizem que o alforje contém as loucuras e vícios do portador, o que parece burguês e arbitrário.

22. *O Mundo, o Universo ou o Tempo.* As quatro criaturas vivas do Apocalipse e a visão de Ezequiel, atribuídas aos evangelistas no simbolismo cristão, estão agrupadas em torno de uma guirlanda elíptica, como se fosse uma cadeia de flores destinada a simbolizar todas as coisas sensíveis; dentro dessa guirlanda, está uma mulher, que o vento envolveu à altura dos rins com um leve véu, sendo essa toda a sua vestimenta. A mulher está dançando e tem uma vara em cada mão. E eloqüente como uma imagem do torvelinho da vida sensível, da alegria alcançada no corpo, da embriaguez da alma no paraíso terrestre, mas ainda sob a guarda dos Vigias Divinos, como se fosse pelo poder e pela graça do Nome Sagrado, do Tetragrama — cujas quatro letras inefáveis são às vezes atribuídas aos animais místicos. Eliphas Lévi chama a guirlanda de coroa, e informa que a figura representa a Verdade. O Dr. Papus a relaciona com o Absoluto, e a realização da Grande Obra; para outros, porém, é um símbolo de humanidade e da recompensa eterna de uma vida que foi bem vivida. Deve-se notar que nos quatro cantos da guirlanda há quatro flores distintamente marcadas. Segundo P. Christian, a guirlanda deve ser formada de rosas, e essa é uma cadeia que Eliphas Lévi diz ser mais difícil de ser quebrada do que uma cadeia de ferro. Talvez por antítese, mas pela mesma razão, a coroa de ferro de Pedro pode ficar mais leve na cabeça dos soberanos pontífices do que a coroa de ouro dos reis.

3
Classe II — Os Quatro Naipes (ou Arcanos Menores)

Os recursos da interpretação foram empregadíssimos, se não esgotados, nos vinte e dois Trunfos Maiores, cujo simbolismo é incontestável. Restam os quatro naipes, sendo *Wands* (bastões ou paus) (1) Cetros — *ex-hypothesi*, na arqueologia do assunto, o antecedente do *Diamond* nas cartas modernas: Copas, correspondente a *Hearts;* Espadas que corresponde a *Clubs*, como a arma da cavalaria em relação ao varapau dos camponeses ou à moça alsaciana; e finalmente Pentáculos — também chamados Dinheiros e Moeda — que são os protótipos de *Spades.* Nos velhos e novos naipes há dez cartas numeradas, mas no Tarô há quatro Cartas de Corte (2) atribuídas a cada naipe, o Cavaleiro, além do Rei, Dama e Valete. O Valete (3) é um pajem, criado ou *damoiseau:* mais correta-mente, é um escudeiro, presumivelmente a serviço do Cavaleiro; há, porém, certos baralhos, bem raros, em que o pajem se tor na uma dama de honra, de tal modo emparelhando os sexos nas quatro cartas da corte. Há naturalmente feições diferentes a respeito das várias figuras, com que quero dizer que o Rei de Paus não é exatamente a mesma personagem que o Rei de Copas, mesmo depois de ter sido feita a correspondência entre os diferentes emblemas que usam; mas o simbolismo reside em sua categoria e no naipe a que pertencem. Assim também as cartas menores, que — até agora — jamais foram apresentadas pictoricamente em nossos dias, dependem da significação particular atribuída a seus números relacionados com o respectivo naipe. Reservo, portanto, os pormenores dos Arcanos Menores, até falar na segunda parte sobre o Tarô retificado e aperfeiçoado que acompanha esta obra. O consenso dos significados divinatórios relacionados tanto com os maiores como os menores símbolos pertence à terceira parte.

---

(1) Os nomes dos naipes do baralho em inglês são: Diamond (diamante), ouros; Hearts (corações), copas; Spades (pás), espadas; Clubs (cacetes, porretes), paus. No Tarô, o naipe Wands (varas, bastões) tem de corresponder a "paus" do baralho comum. Assim o traduzimos.

(2) São as que chamamos em português "cartas figuradas" em oposição às numeradas. No Tarô, contudo, todas as cartas têm figuras, lendo de ser usada a expressão.

(3) Em inglês, o valete das cartas de jogar se chama Knave, que significa velhaco, tratante.

4
O Tarô na História

O nosso próximo objetivo é falar das cartas no que diz respeito à sua história, de modo que as especulações e fantasias que se perpetuaram e se multiplicaram nas escolas das pesquisas ocultistas possam ser postas de lado de uma vez por todas, como prometi no prefácio deste livro.

Deve ficar entendido logo que há vários conjuntos ou seqüências de cartas antigas que apenas em parte nos interessam. *O Tarô dos Boêmios*, de Papus, revendo a interpretação imperfeita, traz algumas informações úteis sem tal sentido, e, a não ser pela omissão de datas e de outras provas de natureza arqueológica, servirá ao objetivo para o leitor comum. Não pretendo aqui ampliá-lo de maneira que possa ser chamado de considerável, mas são necessários certos acréscimos, assim também como um modo diferente de apresentação.

Entre as cartas antigas que são mencionadas com relação ao Tarô, há primeiramente as de Baldini, que constituem o célebre conjunto atribuído pela tradição a Andrea Mantegna, embora esse ponto de vista seja hoje geralmente rejeitado. Supõe-se que a sua data esteja em torno de 1470, e acredita-se que não haja mais de quatro coleções restantes na Europa. Uma cópia ou reprodução suposta ser de 1485 é talvez igualmente rara. O conjunto completo contém cinqüenta números, divididos em cinco denários ou seqüências de dez cartas cada uma. Não parece haver indícios de que eram usadas para algum jogo, de azar ou de habilidade; dificilmente poderiam ser usadas para a adivinhação ou qualquer forma de leitura de sorte; seria mais do que ocioso atribuir um profundo significado simbólico aos seus desenhos evidentemente emblemáticos. O primeiro denário abrange Condições de Vida, como se segue: (1) o Mendigo, (2) o Vilão, (3) o Artesão, (4) o Mercador, (5) o Nobre, (6) o Cavaleiro, (7) o Doge, (8) o Rei, (9) o imperador, (10) o Papa. O segundo contém as Musas e o seu Chefe Divino: (11) Calíope, (12) Urânia, (13) Terpsícore, (14) Erato, (15) Polínia, (16) Tália, (17) Melpôneme, (18) Euterpe, (19) Cio, (20) Apoio. O terceiro combina parte das Artes e Ciências Liberais com outros setores da sabedoria humana, como se segue: (21) Gramática, (22) Lógica, (23) Retórica, (24) Geometria, (25) Aritmética, (26) Música, (27) Poesia, (28) Filosofia, (29) Astrologia, (30) Teologia. O quarto denário completa as Artes Liberais e enumera as Virtudes: (31) Astronomia, (32) Cronologia, (33) Cosmologia, (34) Temperança, (35) Prudência, (36) Fortaleza, (37) Justiça, (38) Caridade, (39) Esperança, (40) Fé. O quinto e último denário apresenta o Sistema dos Céus: (41) Lua, (42) Mercúrio, (43) Vênus, (44) Sol, (45) Marte, (46) Júpiter, (47) Saturno, (48) Oitava Esfera, (49) *Primum Mobile*, (50) Primeira Causa.

Devemos pôr de lado as fantásticas tentativas de extrair completas seqüências do Tarô desses denários; não devemos dizer, por exemplo, que as Condições de Vida correspondem aos Trunfos Maiores, as Musas aos Pentáculos, as Artes e Ciências a Copas, as Virtudes, etc. a Paus e as

condições de vida a Espadas. Esse tipo de coisa pode ser feita por um processo de contorção mental, mas que não tem lugar na realidade. Ao mesmo tempo, é difícil que as cartas individuais não apresentem certas, e mesmo gritantes, analogias. O Rei, Cavaleiro e Vilão de Baldini sugerem as cartas de corte correspondentes dos Arcanos Menores. O Imperador, Papa, Temperança, Força, Justiça, Lua e Sol são comuns às cartas de Mantegna e aos Arcanos Maiores de qualquer baralho de Tarô. Há também a tendência de relacionar-se o Mendigo e o Bobo, Vênus e a Estrela, Marte e o Carro, Saturno e o Ermitão, mesmo Júpiter, ou a alternativa da Primeira Causa, com a carta do Mundo do Tarô. (1) As mais destacadas feições dos trunfos Maiores, contudo, faltam na série de Mantegna, e não acredito que a seqüência bem ordenada da última tenha originado outras. Romain Merlin sustenta esse ponto de vista, e atribui positivamente as cartas de Baldini ao fim do século XIV.

Se se admitir que, a não ser acidental e esporadicamente, as figuras emblemáticas ou alegóricas de Baldini têm apenas uma pálida e ocasional conexão com as cartas do Tarô, e qualquer que seja a sua data mais provável, não podendo ter oferecido qualquer motivo originador, segue-se que ainda estamos procurando não apenas uma origem no lugar e no tempo para os símbolos pelos quais estamos interessados, como também o caso específico de sua manifestação no continente europeu, para servir de ponto de partida, seja para trás, seja para diante. Ora, é bem sabido que no ano de 1393 o pintor Charles Gringonneur — que, por motivos que não sei quais sejam, foi chamado de adepto do ocultismo e da cabala por um escritor inglês indiferente — desenhou e iluminou algumas espécies de cartas para diversão de Carlos VI da França, quando este se encontrava sofrendo das faculdades mentais, e surge a questão de se saber se algo pode ficar esclarecido sobre a natureza das mesmas. A única resposta que se tem é que, em Paris, na *Bibliothéque du Roi*, há dezessete cartas desenhadas e iluminadas em papel. São belíssimas, antiguidades de valor inestimável; as figuras têm um fundo de ouro e uma orla de prata; não são, porém, acompanhadas por nenhuma inscrição ou nenhum número.

E certo, de qualquer maneira, que incluem os Trunfos Maiores do Tarô, cuja lista é a seguinte: Bobo, Imperador, Papa, Amantes, Roda da Fortuna, Temperança, Fortaleza, Justiça, Lua, Sol, Carro, Ermitão, Enforcado, Morte, Torre e Juízo Final. Há também quatro cartas de Tarô no *Musée Carrer*, em Veneza e cinco outras alhures, fazendo um total de nove. Incluem dois Pajens ou Valetes, três Reis e duas Damas, ilustrando assim os Arcanos Menores. Essas coleções foram todas identificadas com o jogo produzido por Gringonneur, mas a imputação foi contestada até o ano de 1848, e, segundo parece, não foi apresentada em nossos dias, mesmo por aqueles que se mostram mais interessados em evidenciar a antigüidade do Tarô. Sustenta-se que todas são de origem italiana e algumas, pelo menos, sem dúvida de origem veneziana. Tem-se sustentado mais com autoridade que o Tarô veneziano constitui a

---

(1) O mendigo está praticamente nu, e a analogia é constituída pela presença de dois cães, um dos quais parece estar correndo para as suas pernas. A carta de Marte mostra um guerreiro empunhando uma espada em um carro com dossel, ao qual, contudo, não há cavalos atrelados. Naturalmente, se as cartas de Baldini pertencem ao fim do Século XV, não há problema algum em jogo, pois o Tiro era conhecido na Europa muito antes daquele tempo.

forma mais antiga e verdadeira, que é o pai de todos os outros; eu deduzo, porém, que jogos completos de Arcanos Maiores e Menores pertencem a períodos muito posteriores. Acredita-se que o baralho consistia de setenta e oito cartas.

Não obstante, porém, a preferência mostrada pelo Tarô veneziano, sabe-se que algumas porções de um baralho minciano ou florentino remontam àquele período, entre 1413 e 1418. Estiveram elas em poder da Condessa Gonzaga, em Milão. Um baralho minciano completo, contendo noventa e sete cartas, e a despeito desses vestígios, é considerado, falando-se de um modo geral, como evolução posterior. Há quarenta e um Trunfos Maiores, sendo os números adicionais copiados da série emblemática de Baldini ou nela inspirados. Nas cartas *da corte* dos Arcanos Menores, os Cavaleiros são monstros do gênero centauro, enquanto os Valetes ora são guerreiros, ora serviçais. Outra diferença reside na predominância de idéias medievais cristãs e completa ausência de qualquer sugestão oriental. Resta, todavia, a questão de se saber se há vestígios orientais em quaisquer cartas do Tarô.

Chegamos, enfim, ao Tarô Bolonhês, às vezes considerado como veneziano e tendo os Trunfos Maiores completos, mas os números 20 e 21 são trocados de ordem. Nos Arcanos Menores, o 2, o 3, o 4 e o 5 das cartas pequenas são omitidos, do que resulta que há sessenta e duas cartas ao todo. A terminação dos Trunfos Maiores na representação do Juízo Final é curiosa, e um tanto impressionante como um ponto de simbolismo; isso, porém, é tudo que parece necessário observar a respeito do baralho de Bolonha, a não ser que se diz ter sido ele inventado — ou, como um Tarô, mais corretamente, modificado — no começo do Século XV, por um Príncipe de Pisa exilado, residente naquela cidade. A finalidade para a qual era usado parece bastante evidente pelo fato de ter, em 1423, São Bernardino de Sienna pregado contra o jogo de cartas e outras formas de jogo. Quarenta anos depois, no tempo do Rei Eduardo do IV, foi proibida a importação de cartas pela Inglaterra. Essa é a primeira menção certa acerca do assunto.

E difícil examinar-se exemplos perfeitos dos baralhos enumerados antes, mas não é difícil encontrarem-se descrições minuciosas e ilustradas, e eu acrescentaria: contanto que o autor não seja ocultista, pois os relatos emanando de tais fontes são habitualmente imperfeitos, vagos e preocupados com considerações que obscurecem as questões críticas. Um exemplo disso é oferecido por certos pontos de vista expressados com relação ao códice de Mantegna, se é que posso continuar a atribuir a cartas de baralho tal denominação. Tem-se estabelecido — como vimos — que Apolo e as Nove Musas correspondem aos Pentagramas, mas a analogia não provém de um trabalho de pesquisa; e o sonho deve se avizinhar do pesadelo antes que possamos identificar a Astronomia, a Cronologia e a Cosmologia com o naipe de Copas. As figuras de Baldini que representam tais assuntos são emblemas de seu tempo, e não símbolos, como o Tarô.

Em conclusão a esta parte, devo observar que tem havido uma tendência entre os especialistas de achar que os Trunfos Maiores não estão originalmente relacionados com os naipes numerados. Não pretendo apresentar um ponto de vista pessoal; não sou especialista em história dos jogos de azar, e odeio o *profanum vulgus* dos recursos divinatórios; aventuro-me, porém, a observar, com toda a reserva, que se, as recentes pesquisas justificam tal concepção — exceto para a velha arte de ler a sorte e adulterar o chamado destino — será muito melhor para os Arcanos Maiores.

Até aqui, o que parece indispensável

como preliminar aos aspectos históricos das cartas de Tarô; passarei agora ao lado especulativo do assunto e a apresentar os ensaios de avaliação. Em meu prefácio de o *Tarô dos Boêmios*, salientei que o primeiro escritor que tornou conhecido o caso das cartas foi o arqueólogo Court de Gebelin, que, pouco antes da Revolução Francesa, gastou vários anos com a publicação de seu *Monde Primitif*, que se estendeu por nove volumes *in quarto.* Ele foi, em seu tempo, um erudito, maçom de grau elevado, membro da histórica Loja dos *Philalethes e um virtuoso* com profundo e permanente interesse no debate sobre as antigüidades universais, antes que existisse uma ciência sobre o assunto. Ainda hoje, os seus memoriais e as suas dissertações, coligidas sob o título que citei, merecem atenção. Por um acaso, ele travou conhecimento com o Tarô que era então inteiramente desconhecido em Paris, e imediatamente concebeu a idéia de que se tratava de remanescentes de um livro egípcio. Realizou pesquisas a propósito e verificou que o Tarô circulava em uma parte considerável da Europa — Espanha, Itália, Alemanha e Sul da França. Era usado como jogo de azar ou de habilidade, segundo o modo habitual de jogar cartas; e verificou mais como se jogava. Também era usado, contudo, para a finalidade mais elevada de adivinhação ou leitura da sorte, e, com a ajuda de um amigo erudito, Court de Gebelin, descobriu a significação atribuída às cartas, juntamente com o método de arranjo adotado para esse fim. Em uma palavra, foi valiosa a sua contribuição para o nosso conhecimento, e ainda constitui uma fonte de referência, mas apenas como questão de fato, e não na sua querida hipótese de que o Tarô contém a pura doutrina egípcia. Ele, contudo, criou a opinião que prevalece até os nossos dias, por intermédio das escolas do ocultismo, segundo a qual estava perdida a origem das cartas, no mistério e, portanto, na estranha noite dos deuses, na língua estranha e nos hieróglifos não decifrados que simbolizavam o Egito no fim do Século XVIII. Assim sonhava um dos característicos literatos da França, e até podemos compreender e simpatizar com ele, pois o país do Delta e do Nilo estava começando a ocupar ampla-mente a curiosidade dos eruditos, e *omne ignotum pro AEgyptiaco* era o caminho da ilusão para o qual rumavam aqueles espíritos. Então, era bastante desculpável, mas não há desculpa para o fato de haver continuado a loucura e, dentro do círculo encantado das ciências ocultas, ainda ser transmitida de boca em boca. Vejamos, pois, as provas apresentadas por M. Court de Gebelin a favor de sua tese, que procurarei resumir, tanto quanto possível, com as suas próprias palavras.

(1) As figuras e disposição do jogo são manifestamente alegóricas; (2) as alegorias estão na conformidade da doutrina civil, filosófica e religiosa do antigo Egito; (3) se as cartas fossem modernas, nenhuma Alta Sacerdotisa estaria incluída entre os Arcanos Maiores; (4) a figura em questão traz os chifres de Ísis; (5) a carta chamada o Imperador tem um cetro que termina com uma tríplice cruz; (6) a carta intitulada a Lua, que é Ísis, mostra gotas de chuva ou orvalho no ato de serem derramadas pela luminária, e tais gotas são — como vimos — as lágrimas de Ísis, que encheram as águas do Nilo e fertilizaram os campos do Egito; (7) a décima sétima carta, ou Estrela, é Sírio, que foi consagrada a Ísis e simboliza o começo do ano; (8) o jogo jogado com o Tarô se baseia no número sagrado sete, que tinha grande importância no Egito; (9) a palavra Tarô é pura-mente egípcia: no idioma egípcio, Tar = *estrada* ou *caminho*, Ro = *rei ou real*, e Tarô significa, portanto, Estrada Real da Vida; (10) alternativamente, deriva de A = *doutrina;* Rosh = *Mercúrio* = *Tot*, e o

artigo T em suma, *Tarosh*; e, portanto, o Tarô é o Livro de Tot, ou o *Quadro da Doutrina de Mercúrio*.

Tal é o testemunho, ficando entendido que deixei de lado várias afirmações fortuitas, sem qualquer espécie de justificativa. São, portanto, dez as colunas que sustentam o edifício da tese, e são colunas de areia. O Tarô é, sem dúvida, alegórico — quer dizer, é simbolismo — mas as alegorias e símbolos são católicos — pertencem a todos os países, todas as nações e todos os tempos: não são mais egípcios do que mexicanos; são da Europa e de Catai, do Tibete além do Himalaia e das sarjetas de Londres. Como alegoria e símbolo, as cartas correspondem a muitos tipos de idéias e de coisas; são universais e não particulares; e o fato de que não correspondem especial e peculiarmente à doutrina egípcia — religiosa, filosófica ou civil — se torna claro pela impossibilidade de Court de Gebelin ir além de uma simples afirmação. A presença de uma Alta Sacerdotisa entre os Trunfos Maiores se explica mais facilmente como lembrança de alguma antiga superstição, o culto de Diana, por exemplo, cuja persistência na Itália moderna tem sido exposta com notáveis resultados por Leland. Também devemos lembrar a universalidade dos chifres em todos os cultos, sem excetuar os do Tibete. A tríplice cruz é despicienda como exemplo do simbolismo egípcio; é a cruz da sé patriarcal, tanto grega como latina — de Veneza e Jerusalém, por exemplo — e é a forma de persignação usada até hoje por sacerdotes e leigos no rito ortodoxo. Deixo de lado a ociosa alusão às lágrimas de Isis, porque outros autores ocultistas nos têm dito que se trata de *Jods* hebraicos; no que diz respeito à décima sétima carta, trata-se da estrela Sírio ou de outra que se prefira; o número sete era sem dúvida importante no Egito, e qualquer tratado sobre o misticismo mostrará que o mesmo se aplica em toda a parte, mesmo se preferirmos ignorar os sete Sacramentos Cristãos e os sete Dons do Espírito Santo. Final-mente, no que diz respeito à etimologia da palavra Tarô, é bastante observar que ela foi oferecida antes da descoberta da Pedra de Rosetta e quando nada se conhecia sobre o idioma egípcio.

A tese de Court de Gebelin não foi perturbada no espírito da época, tendo apelado para os homens cultos exclusivamente por meio de um quarto volume. Deu uma oportunidade às cartas do Tarô em Paris, como centro da França e de todas as coisas francesas no universo. A sugestão é de que a adivinhação por meio de cartas tinha a apoiá-la a inesperada garantia da antiga ciência oculta, e que a raiz de tudo se encontrava nas maravilhas e mistério do Egito refletiram-se quase que como uma dignidade divina; dos limites da prática oculta da cartomancia saiu para entrar na moda e assumiu no momento feição quase pontifical. O primeiro a tomar o papel de *bateleur*, mágico e prestidigitador, foi um iletrado mas zeloso aventureiro, Alliette; em segundo lugar, como uma espécie de Alta Sacerdotisa, cheia de intuição e revelações, apresentou-se Mlle. Lenormand, mas essa pertence a um período posterior; enfim, surgiu Julia Orsini, mais semelhante a uma Rainha de Copas do que a uma portadora de clarividência. Não me interesso por essas pessoas como leitoras da sorte, quando o próprio destino se encarregava de embaralhar e distribuir as cartas no jogo universal da revolução, ou por cortes e cortesãos como os de Luís XVIII, Carlos X e Luis Felipe. Mas sob a designação oculta de Etteilla, anagrama de seu nome, Alliette, aquele *perruquier* levou em consideração a si mesmo com muita seriedade e apresentou-se mais como um sacerdote de ciências ocultas do que como um entendido comum em *l'art de tirer les cartes*. Até hoje há gente, como

o Dr. Papus, que pensa salvar do esquecimento uma parte daquele bizarro sistema.

O longo e heterogêneo relato de *Le Monde Primitif* foi terminado em 1782; em 1783 as páginas de Etteilla começaram a ser publicadas, atestando que ele já gastara trinta, ou melhor, quase quarenta anos, no estudo da magia egípcia, e que encontrara afinal as chaves. Eram, de fato, as Chaves do Tarô, que eram um livro de filosofia e o *Livro de Tot*, mas ao mesmo tempo fora realmente escrito por dezessete Magos em um Templo de Fogo, nos limites do Levante, a cerca de três léguas de Mênfis. Continha a ciência do universo, e o cartomante tratava de aplicá-lo à Astrologia, Alquimia e leitura da sorte, sem a mais leve hesitação ou reserva em revelar que visava a uma atividade lucrativa. Não tenho dúvida, realmente, de que o considerava como um *métier* legítimo, e que ele próprio foi a primeira pessoa que convenceu a respeito de seu sistema. Mas o que quero salientar é que, a partir daquele modo, a antigüidade do Tarô foi geralmente trombeteada. Os livrinhos de Etteilla constituem uma prova cabal de que ele não conhecia sequer o seu próprio idioma; quando, com o decorrer do tempo, publicou um Tarô reformado, mesmo aqueles que o encaram com a maior simpatia admitiram que ele deturpara o seu simbolismo; e, no que diz respeito à antiguidade, ele tinha apenas Court de Gebelin como a sua autoridade universal.

Os cartomantes sucederam-se uns aos outros do modo que mencionei, e houve, naturalmente, adeptos rivais desses mistérios diminutos; mas os estudos sérios sobre o assunto, se se pode dizer que existem, baseiam-se todos no volume *in-quarto* de Court de Gebelin há algo mais de sessenta anos. Por sua autoridade, não se pode duvidar que quem travou conhecimento, na teoria ou na prática, por acaso ou intencionalmente, com a questão das cartas de Tarô, aceitou o seu caráter egípcio. Tem-se dito que as pessoas são geralmente aceitas pelo que dizem de si mesmas, e — seguindo, como acontece, a linha da menor resistência — a mentalidade geral pouco especulativa aceita as pretensões arqueológicas mais ousadas e aqueles que as sustentam. O primeiro que se apresentou para reconsiderar o assunto com algumas credenciais foi o escritor francês Duchesne, mas sou obrigado a deixá-lo de lado com uma simples referência, e assim também algumas interessantes pesquisas sobre o assunto geral de cartas de jogar por Singer, na Inglaterra. Esse último acreditava que o velho jogo veneziano chamado Trappola foi a forma européia mais antiga de jogos de carta, que sua origem era árabe e que as cinqüentas e duas cartas usadas derivam daquela região. Não creio que qualquer importância tenha tido esse ponto de vista.

Duchesne e Singer foram seguidos por outro autor inglês, W. A. Chatto, que reviu os fatos disponíveis e a onda de especulações já provocada pelo assunto. Isso ocorreu em 1848, e a sua obra ainda teve uma certa autoridade, mas — a não ser algumas observações corretas atribuíveis ao seu espírito independente — o resultado é medíocre ou mesmo fraco. Foi, contudo, característico em sua maneira de apreciar a incerteza do Século XIX. Chatto rejeitou a hipótese egípcia, mas, como pouco se preocupou com ela, dificilmente poderia desbancar Court de Gebelin, se esse último tivesse qualquer terreno sólido para apoiar a sua hipótese. Em 1854, outro escritor francês, Boiteau, encarou a questão em geral, sustentando a origem oriental das cartas do Tarô, embora sem tentar prová-la. Não tenho certeza, mas creio que ele foi o primeiro autor que as identificou com os ciganos; para ele, contudo, o lar original dos ciganos era a Índia, e o Egito não entrava, portanto, em seus cálculos.

Em 1860, surgiu Eliphas Lévi, um brilhante e profundo *illuminé*, que é impossível aceitar e ainda mais impossível rejeitar. Jamais houve uma boca declarando tão grandes coisas, de todas as vozes ocidentais que proclamaram ou interpretaram a ciência chamada oculta e a doutrina chamada mágica. Parece-me que, fundamentalmente falando, ele se preocupava tanto e tão pouco quanto eu pela parte fenomenal, mas explicava os fenômenos com a segurança de alguém que abertamente admitia ser o charlatanismo um grande meio para um determinado fim, se usado em prol de uma causa justa. Ele se apresentou e se acreditou, também por sua própria avaliação, como um homem de grande saber — que nunca foi — e como revelador de todos os mistérios, sem ter sido iniciado em nenhum. Creio jamais ter havido exemplo de um escritor com grandes dons, em sua peculiaridade, que os tenha utilizado de maneira tão medíocre. Afinal de contas, ele era apenas Etteilla encarnado pela segunda vez, dotado em sua transmutação de uma boca de ouro e de um conhecimento casual mais vasto. Não obstante isso, ele escreveu a mais completa, brilhante e agradável *História da Magia* jamais escrita em qualquer idioma. Levou muito a sério o Tarô e a hipótese de Gebelin, e toda a França ocultista e a Grã-Bretanha esotérica, martinistas, cabalistas semi-instruídos, escolas de *soi disant* teosofia — aqui, ali e acolá — aceitaram o seu juízo a respeito com a mesma confiança com que aceita-ram as suas interpretações dos grandes clássicos da Cabala, pelos quais antes passou os olhos do que os leu. Para ele, o Tarô era não somente o mais perfeito instrumento de adivinhação e a pedra angular da ciência oculta, como também o livro primitivo, o único livro dos antigos Magos, o volume milagroso que inspirou todos os escritos sagrados da Antigüidade. Em sua primeira obra, todavia, Lévi se contentou em aceitar a construção de Court de Gebelin e reproduzir o sétimo Trunfo Maior com umas poucas características egípcias. A questão da transmissão do Tarô através dos ciganos não o preocupou, até que J. A. Vaillant, um bizarro escritor com grande conhecimento do povo cigano, levantou a hipótese em suas obras sobre aquelas tribos errantes. Os dois autores quase coincidiram e refletiram um ao outro, de então para diante. Coube a Romain Merlin, em 1869, salientar o que deveria ser evidente, isto é, que cartas de baralho de alguma espécie eram conhecidas na Europa antes da chegada dos ciganos, cerca de 1417. Mas, como essa foi a data de sua chegada a Luneburg, e como a sua presença pode ser assinalada anteriormente, a correção perdeu grande parte de sua força; o mais seguro, portanto, é dizer que as provas do uso do Tarô pelas tribos ciganas só foram apresentadas depois do ano de 1840; o fato de alguns ciganos, antes daquele tempo, terem sido encontrados usando as cartas é perfeitamente explicável, admitindo-se a hipótese, não de que eles as tenham trazido para a Europa, e sim de que já as encontraram ali e as adotaram.

Já vimos que não há a menor prova da origem egípcia das cartas de Tarô. Olhando-se em outras direções, observou-se certa vez que cartas de algum tipo foram inventadas na China, cerca do ano de 1120 da nossa era. Court de Gebelin acreditava, em seu entusiasmo, que as descobrira em uma inscrição chinesa considerada antiqüíssima, que se dizia refletir-se ao abaixamento das águas do Dilúvio. Os caracteres de tal inscrição estavam contidos em setenta e sete compartimentos, e isso constitui a analogia. A Índia também teve as suas tabuletas, fossem cartas ou outras coisas, o que sugeriu também semelhanças igualmente tênues. Mas a existência, por exemplo, de dez seqüências ou estilos, de doze números cada um, e representando os

avatares de Vixnu, como um peixe, uma tartaruga, um javali, um leão, um macaco, um guarda-chuva ou um arco, assim como um bode, uma tenda e um cavalo, não vai nos ajudar a descobrir a origem dos nossos próprios Trunfos Maiores, nem coroas e harpas — nem mesmo a presença de possíveis moedas como sinônimos de dinheiros e talvez como um equivalente de pentagramas — contribuíram sensivelmente para elucidar os Arcanos Menores. Se todos os idiomas, povos, regiões e épocas possuíram suas cartas — se também com elas filosofaram, adivinharam e jogaram — o fato seria bastante interessante, mas a não ser que fossem cartas do Tarô, o fato só denotaria a tendência universal do homem de buscar as mesmas coisas mais ou menos da mesma maneira.

Termino, pois, a história desse setor repetindo que não há história anterior ao Século XIV, quando se ouviram as primeiras informações referentes às cartas. E possível que existissem há séculos, mas mesmo isso parece duvidoso, ainda que só fossem usadas no jogo ou para prever o futuro; por outro lado, se continham indícios profundos da Doutrina Secreta, o Século XIV parece cedo demais, ou, pelo menos, a esse respeito não podemos saber grande coisa.

PARTE

II

A Doutrina por Trás do Véu

1
O Tarô e a Tradição Secreta

O Tarô engloba apresentações simbólicas de idéias universais, atrás das quais ficam todos os subentendidos da mente humana, e é nesse sentido que elas contêm a doutrina secreta, que é a compreensão, por parte de poucos, de verdades engastadas na consciência de todos, embora não reconhecidas expressamente pelos homens comuns. A teoria é que essa doutrina tenha sempre existido, isto é, tenha sempre se manifestado na consciência de uma minoria de eleitos; que tem sido perpetuada em segredo passando de um a outro, e registrada em literaturas secretas, como as da Alquimia e da Cabala; que também está contida nos Mistérios Instituídos, dos quais a Rosa-cruz oferece um exemplo próximo de nós no passado, e a Maçonaria um sumário vivo, ou um memorial generalizado, para aqueles capazes de interpretarem sua significação real. Por trás da Doutrina Secreta, afirma-se haver uma experiência ou prática que justifica a Doutrina. É claro que em um livro como este, pouco mais posso fazer do que mencionar as afirmações, que, contudo, foram discutidas amplamente em vários de meus outros escritos, ao mesmo tempo que se destinam a tratar de dois dos seus aspectos mais importantes livros dedicados à Tradição Se-creta da Maçonaria e à literatura Hermética. No que diz respeito às afirmações sobre o Tarô, devemos nos lembrar de que uma parte considerável da mencionada Doutrina Secreta é apresentada nos emblemas pictóricos da Alquimia, de modo que o alegado Livro de Tot não é de Modo algum um instrumento isolado dessa espécie emblemática. Ora, a Alquimia tinha dois ramos, como expliquei plenamente alhures, e os emblemas pictóricos que mencionei são comuns a ambas as divisões. Seu lado material é representado no estranho simbolismo do *Mutus Liber*, impresso nos grandes *in-fólios* de Mangetus. Ali, o processo de consecução do grande trabalho de transmutação é mostrado em quatorze gravuras em chapas de cobre, que apresentam as diferentes fases da matéria nos vários recipientes químicos. Acima desses recipientes, há símbolos mitológicos, planetários, solares e lunares, como se as potências e virtudes que — segundo o ensinamento hermético — presidem a evolução e aperfeiçoamento do reino metálico estivessem intervindo ativamente para ajudarem os dois agentes que estão atuando embaixo. Os agentes — é bem curioso — são macho e fêmea. O lado espiritual da Alquimia é apresentado nos emblemas muito mais estranhos do Livro de Lambspring. Ali está contido o mistério do que é chamado de elixir místico ou arquinatural, sendo o casamento da alma e do espírito no corpo do filósofo iniciado e a transmutação do corpo como resultado físico de tal casamento. Nunca defrontei com deduções mais curiosas do que naquela pequena obra. Pode-se mencionar o fato de serem ambos os tratados muito posteriores à mais recente data que pode ser assinalada para a distribuição generalizada de cartas de Tarô na Europa pela mais severa forma de crítica. Pertencem respectivamente

ao fim do Século XVII e Século XVI. Como não recorro aqui à fonte da imaginação para completar à dos fatos e experiência, não sugiro que o Tarô apresente o exemplo da expressão da Doutrina Secreta por meio de figuras e que isso foi seguido pelos autores herméticos; mas é admissível que talvez seja o mais antigo exemplo dessa arte. E também o mais católico, uma vez que não é, por atribuição ou por outro modo, um derivado de qualquer escola ou literatura de ocultistas; também não é da Alquimia, Cabala, Astrologia ou Magia Cerimonial; mas, como tenho dito, é a apresentação de idéias universais por meio de tipos universais, e é na combinação desses tipos — se tal se dá — que apresenta a Doutrina Secreta.

Essa combinação pode, *ex hypothesis*, residir nas seqüências numeradas de suas séries ou em sua reunião fortuita obtida embaralhando, cortando e distribuindo cartas, como nos jogos de azar comuns jogados com cartas de baralho. Dois autores adotaram o primeiro ponto de vista sem prejuízo do segundo, e parece-me que devo explicar logo o que disseram. Mr. Mac-Gregor Mathers, autor de um folheto sobre o Tarô, dedicado principalmente à leitura da sorte, sugere que os vinte e dois Trunfos Maiores podiam ser construídos, seguindo a sua ordem numérica, para formar o que é chamado de *sentença associada.* Tratava-se, de fato, das manifestações de uma tese moral sobre a vontade humana, seu esclarecimento pela ciência, representada pelo Mágico, sua manifestação pela ação — significação atribuída à Alta Sacerdotisa — sua realização (a Imperatriz) em atos de misericórdia e benevolência, cujas qualidades eram atribuídas ao Impera-dor. Também falou ele sobre o modo familiar, convencional, de prudência, fortaleza, sacrifício, esperança e afinal felicidade. Mas se essa fosse a mensagem das cartas, é claro que não haveria desculpa para se dar ao trabalho de elucidá-las de algum modo. Em seu *Tarô dos Boêmios*, obra escrita com zelo e entusiasmo, sem poupar esforços de pensamento ou pesquisa dentro de suas linhas particulares — mas infelizmente sem real discernimento — o Dr. Papus apresentou uma explicação singular-mente elaborada dos Trunfos Maiores. Ela depende, como a de Mr. Mathers, de sua seqüência numérica, mas mostra o seu inter-relacionamento com o Mundo Divino, o Macrocosmo e o Microcosmo. Em seu modo de ver, temos como que uma história espiritual do homem, ou da alma vinda do Eterno, penetrando nas trevas do corpo material, e regressando às alturas. Acho que o autor se distancia sensivelmente do caminho certo, e seus'pontos de vista são até certo ponto informativos, mas o seu método — sob alguns aspectos — confunde as questões, os dispositivos e as maneiras de ser.

Os Trunfos Maiores também têm sido tratadas pelo método alternativo que mencionei, e Grande Oriente, em seu *Manual de Cartomancia*, à guisa de um modo de adivinhação transcendental, realmente ofereceu o resultado de certas leituras ilustrativas das cartas quando dispostas em resultado de uma combinação por meio do embaralhamento e da distribuição. O uso de métodos divinatórios, qualquer que sejam a intenção e o objetivo, traz consigo duas sugestões. Pode-se supor que as significações profundas são antes atribuídas que reais, mas isso é afastado pelo fato de haver certas cartas, como o Mágico, a Alta Sacerdotisa, a Roda da Fortuna, o Enforcado, e Torre ou *Maison Dieux*, e várias outras, que não correspondem às Condições de Vida, Artes, Ciências, Virtudes ou outros assuntos contidos nos denários da figuras emblemáticas de Baldini. Há também provas positivas de que óbvias e naturais moralidades não podem explicar a seqüência. Tais cartas mostram

relacionarem-se de outra maneira; embora o estado em que deixei o Tarô no que diz respeito ao seu lado histórico seja o mais difícil, por ser o mais aberto, as cartas indicam a questão real com que estão relacionados. Os métodos mostraram também que os Arcanos Maiores foram pelo menos adaptados à leitura de sorte, e não que a isso pertençam. As significações divinatórias comuns, que serão apresentadas na terceira parte, são atribuições muito arbitrárias, ou o produto de intuição secundária e desinformada; ou, na melhor hipótese, pertencem ao caso em um plano inferior, separado da intenção original. Se o Tarô fosse em suas raízes destinado à leitura da sorte, teríamos de procurar em lugares muito estranhos o motivo de tal coisa: na Feitiçaria e no Sabá Negro, antes que em qualquer Doutrina Secreta`

As duas classes significativas relacionadas com o Tarô nos mundos superior e inferior e o fato de que nenhum ocultista ou outro escritor tenha tentado atribuir al-go mais que uma significação divinatória aos Arcanos Menores, justificam, de mais uma maneira, a hipótese de que as duas séries não pertencem uma à outra. É possível que o seu casamento tenha se efetuado em primeiro lugar no Tarô de Bolonha por aquele Príncipe de Pisa a que me referi na primeira parte. Diz-se que esse recurso lhe assegurou o reconhecimento público e recompensa por parte da cidade que adotara, o que dificilmente teria sido possível, mesmo naqueles dias fantásticos, pela produção de um Tarô que apenas omitisse algumas das cartas menores; mas, como estamos tratando de uma questão de fato, que tem de ser atribuída a algo, é concebível que possa ter sido criado uma sensação pela combinação de cartas menores, de jogo, com o baralho filosófico, e pela adaptação de ambos a um jogo de azar. Depois, teria sido mais uma vez adaptado a outro jogo de azar chamado de leitura da sorte. Deve ficar entendido aqui que não nego a possibilidade de adivinhação mas, como místico, oponho-me à maneira com que são levadas as pessoas para tais caminhos, como se elas tivessem qualquer relação com a Procura Mística.

As cartas de Tarô publicadas com a edição resumida da presente obra, isto é, com a *Chave Pictórica do Tarô* foram desenhadas por Miss Pamela Colman Smith, e serão, acredito, consideradas como notáveis e muito belas, tanto em sua concepção como em sua execução. São reproduzidas na presente edição ampliada da Chave como meio de referência ao texto. Diferem, em muitos e importantes aspectos, dos convencionais arcaísmos do passado e dos lamentáveis produtos de lançamentos que ora nos vêm da Itália, e resta-me justificar as suas variações no que diz respeito ao simbolismo. O fato de apresentar pela primeira vez no tempo moderno um baralho que é trabalho de um artista não pre-cisa, penso eu, ser justificado, mesmo para as pessoas — se algumas delas permanecem entre nós — que costumavam ser descritas e se chamavam a si mesmas de *muito oculta.* Se alguém olhar o belo Valete do Tarô, que é apresentado em uma das gravuras de *Fatos e Especulações a respeito da História das Cartas de Jogar* de Chatto, verá que a Itália, antigamente, produziu alguns esplêndidos baralhos. Eu muito desejaria que fosse possível restaurar e retificar as cartas no mesmo estilo e no mesmo tamanho; tal coisa teria feito plena justiça aos modelos, mas o resultado teria se mostrado inexeqüível para as finalidades práticas relacionadas com as cartas, pelo que se deve admitir a hipótese, quaisquer que sejam os meus pontos de vista sobre o caso. Sou o único responsável pelas variações do simbolismo pelas quais os desenhos tenham sido afetados. No que diz respeito aos Arcanos Maiores, não resta dúvida de que estão sujeitos a

provocar críticas por parte dos estudiosos, reais e imaginárias. Quero portanto dizer, dentro dos limites da cortesia e de *la haute convenance*, dominante na irmandade de pesquisas, que não me preocupo com qualquer opinião que possa ser expressada. Há uma Tradição Secreta a respeito do Tarô, assim como uma Doutrina Secreta nele contida; segui uma parte da mesma, sem exceder os limites que estão traçados acerca dos assuntos dessa natureza e pertencentes às leis da honra. Essa tradição tem duas partes, e, como uma delas passou à escrita, parece lícito deduzir que ela pode ser traída a qualquer momento, sem se manifestar, devido à segunda, com o que não significa, como salientei, que não tenha se passado no presente e é sustentado por muito poucos em verdade. Os fornecedores de cópias espúrias e os traficantes de mercadorias furtadas devem ficar bem ciente disso, se a isso se dignarem. Peço, além disso, para ser distinguido de dois ou três escritores que recentemente têm insinuado que poderiam dizer muito mais, se assim quisessem, pois não falamos a mesma linguagem; mas também daquele que, agora ou no futuro, possa afirmar que dirá tudo, porque dispõe apenas dos acidentes e não dos essenciais necessários a tal revelação. Se eu segui o conselho de Robert Burns, guardando comigo algo que *dificilmente diria a alguém*, ainda assim disse tudo que posso; é a verdade segundo a sua própria maneira, e o tanto quanto posso esperar ou exigir daqueles círculos abertos onde não podem ser esperadas as qualificações para as pesquisas especializadas.

No que diz respeito aos Arcanos Menores, são eles os primeiros, modernamente, mas não em todos os tempos, a serem acompanhados por figuras, além do que é chamado de *pévides*, isto é, os dispositivos pertencentes aos números dos vários naipes. Essas figuras correspondem às significações divinatórias, que foram tiradas de muitas fontes. Resumindo-se, pois, a presente divisão desta chave está dedicada aos Trunfos Maiores; elucida os seus símbolos no que diz respeito à intenção superior e com referência aos desenhos do baralho. A terceira apresentará a significação divinatória a respeito das setenta e oito cartas do Tarô, e particularmente com referência aos desenhos dos Arcanos Menores. Apresentará, em suma, algumas maneiras de utilização para aqueles que as quiserem, e no sentido das razões que já expliquei no prefácio. O que se seguirá deverá ser encarado, para finalidades de comparação, relacionamento com a descrição geral dos antigos Trunfos do Tarô na primeira parte deste livro. Ver-se-á que a carta zero do Bobo está localizada, como sempre é, no lugar que a torna equivalente ao número vinte e um. A disposição é ridícula superficialmente, o que não significa grande coisa, mas também é errônea no simbolismo, e nem melhora a situação quando é feita substituir o décimo segundo ponto da seqüência. Etteilla reconheceu as dificuldades de ambas as atribuições, mas ainda fez pior destinando o Bobo ao lugar habitual-mente ocupado pelo Ás de Pentáculos como em todas as últimas séries de Tarô. Essa redistribuição foi seguida recentemente por Papus em *Le Tarot Divinatoire*, onde a confusão não tem grande importância, pois as conclusões da leitura da sorte dependem de posições fortuitas e não do lugar essencial na seqüência das cartas. Já vi, contudo, outra colocação do símbolo zero, que nenhuma dúvida oferece em certos casos, mas falha nos planos mais elevados, e para as nossas exigências atuais seria ocioso levar mais adiante o exame.

2
Os Trunfos Maiores e Seu Simbolismo Oculto

I
O Mágico

Uma jovem figura, com vestes de mágico, a fisionomia do divino Apoio, um sorriso de confiança e olhos brilhantes. Acima de sua cabeça, o misterioso signo do Espírito Santo, o signo da vida, semelhante a uma corda sem fim, formando a figura 8 em posição horizontal ∞. Perto de sua cintura, há um cinto em forma de serpente, uma serpente que parece devorar a própria cauda. Trata-se de al-go bem conhecido como símbolo convencional da eternidade, mas no caso indica mais especialmente a eternidade de consecução no espírito. Na mão direita do Mágico está uma varinha de condão erguida para o céu, enquanto a mão esquerda aponta para a terra. Esse duplo signo é conhecido nos graus muito elevados dos Mistérios Instituídos; mostra a descida da graça, da virtude e da luz, vin-das das coisas de cima e levadas para as coisas de baixo. A sugestão completa é, portanto, a posse e comunicação dos Poderes e Dons do Espírita Na mesa que se encontra diante do Mágico estão os símbolos dos quatro naipes do Tarô, significando os elementos da vida natural, apresentados diante do iniciado, que pode adaptá-los à vontade. Abaixo há rosas e lírios, *flos campi* e *lilium convallium*, mudados em flores de jardins para mostrarem o cultivo de aspirações. Essa carta representa a motivação divina no homem, refletindo Deus, a vontade na liberação de sua união com o que está acima. É também a unidade do ser individual em todos os planos, e em um sentido muito elevado é o pensamento na fixação daquele. Voltando-se ao que chamei de signo da vida e sua conexão com o número 8, é de se lembrar que o gnosticismo cristão fala do renascimento de Cristo como uma mudança *dentro do Grupo de Oito.* O número místico é chamado Jerusalém superior, a Terra em que fluem o Leite e o Mel, o Espírito Santo e a Terra do Senhor. Segundo o martinismo, 8 é o número de Cristo.

II

Alta Sacerdotisa

Ela tem a lua crescente a seus pés, um diadema com chifres na cabeça, com um globo no meio, e uma grande cruz solar no peito. No rolo de pergaminho que tem na mão está escrita a palavra *Tora*, significando a Lei Maior, a Lei Secreta e o segundo sentido da Palavra. Está em parte coberto por seu manto, para mostrar que algumas coisas são implícitas e outras explícitas. Ela está sentada entre uma coluna branca e outra negra — J. e B. — do Templo místico, e o véu do Templo encontra-se atrás dela, sendo bordado com palmas e romãs. As vestes são vaporosas e flutuantes e o manto sugere leveza — uma brilhante irradiação. Ela tem sido chamada a Ciência Oculta do limiar do Santuário de Ísis, mas é realmente a Igreja Secreta, a Casa que é de Deus e do homem. Representa também o Segundo Casamento do Príncipe que já não é deste mundo; é a Noiva e Mãe espiritual, a filha das estrelas e o Jardim Superior do Éden. E, em suma, a Rainha da luz emprestada, mas essa é a luz de tudo. E a Lua nutrida pelo leite da Mãe Suprema.

De certo modo, é também a própria Mãe Suprema — quer dizer, é ,o reflexo brilhante. E nesse sentido de reflexo que o seu mais verdadeiro e mais alto nome no simbolismo é *Shekinah — a* glória que coabita. Segundo a Cabala, existe uma *Shekinah* tanto acima como abaixo. No mundo superior, é chamada *Binah*, a Suprema Compreensão, que se reflete nas emanações que há embaixo. No mundo inferior, é *Malkuth* — sendo esse mundo, para tal fim, entendido como um Reino abençoado — aquela que faz ser abençoada a Glória residente. Misticamente falando-se, a *Shekinah* é a Noiva Espiritual do homem justo, e quando ele lê a Lei ela lhe dá o sentido Divino. Sob alguns aspectos, essa carta é a mais elevada e mais santa dos Grandes Arcanos.

III

A Imperatriz

Uma imponente figura, sentada, trajando ricas vestes e tendo um aspecto real, como uma filha do céu e da terra. Seu diadema é de doze estrelas reunidas. O símbolo de Vênus está no escudo que se encontra perto dela. Em sua frente amadurece um trigal, e atrás dela há uma queda d'água. O cetro que ela segura é encimado pelo globo deste mundo. Ela é o Jardim do Éden, o Paraíso terrestre, tudo que é simbolizado pela casa visível do homem. Não é a *Regina coeli*, mas ainda é o *refugium peccatorum*, a mãe fecunda de milhares. Há também certos aspectos nos quais tem sido corretamente descrita como desejo e suas asas, como a mulher vestida de Sol, como *Gloria Mundi* e o véu do *Sanctum Sanctorum;* mas não é, posso acrescentar, a alma que alcançou asas, a não ser que todo o simbolismo seja interpretado de outra e inusitada maneira. Ela é acima de todas as coisas a fecundidade universal e o senso exterior do sentido externo da Palavra. Isso é evidente, porque não há mensagem direta que tenha sido transmitida ao homem como aquela que é trazida pela mulher; mas ela própria não traz a interpretação de tal mensagem.

Em outra ordem de idéias, a carta da Imperatriz significa a porta ou portão através do qual se pode entrar nesta vida, como em um jardim de Vênus; e então o caminho que leva para fora de lá, para o que está além, é o segredo conhecido pela Alta Sacerdotisa: é comunicado por ela aos eleitos. A maior parte das atribuições dessa carta está de todo errada quanto ao simbolismo — como, por exemplo, a sua identificação com a Palavra, a Natureza Divina, a Tríade, etc. etc.

IV

O Imperador

Ele tem uma forma da *Crux ansata* no que diz respeito ao cetro e ao globo em sua mão esquerda. E um monarca coroado — dominador, imponente, sentado em um trono, cujos braços têm na frente cabeças de carneiros. Ele é o executor e a realização, o poder deste mundo, e está revestido de seus mais altos e naturais atributos. É ocasionalmente representado sentado em uma pedra cúbica, que, contudo, causa alguma confusão. Ele é o poder viril, ao qual a Imperatriz corresponde, e, nesse sentido, é ele que procura remover o véu da Isis; ela, contudo, permanece virgo *intacta.*

Deve ficar entendido que essa carta e a da Imperatriz não representam precisamente a condição de vida conjugal, embora o estado esteja implícito. Na superfície, como já foi indicado, elas representam a realeza mundana, elevada às alturas do poder; mas há acima a sugestão de outra presença. Elas significam também — e em especial a figura masculina — o reinado mais alto, ocupando o trono intelectual. Ambas as personagens, de acordo com o seu próprio modo, estão *repletas de estranha experiência*, mas não é sua, conscientemente, a sabedoria que flui de um mundo superior. O Imperador tem sido descrito como (a) a vontade em sua forma corporificada, mas isso é apenas uma de suas aplicações, e (b) como uma expressão das possibilidades contidas no Ser Absoluto — mas isso é fantasia.

V
O Hierofante

Usa a tríplice coroa e está sentado entre duas colunas, mas não são as do Templo que é guardado pela Alta Sacerdotisa. Em sua mão esquerda segura um cetro que termina com a tríplice cruz, e com a mão direita faz o conhecido sinal eclesiástico que é chamado de esotérico, distinguindo entre a parte manifesta e a parte oculta da doutrina. Convém lembrar, a esse respeito, que a Alta Sacerdotisa não faz sinal algum. Aos seus pés estão as chaves cruzadas, e dois sacerdotes vestindo alvas se ajoelham diante dele. Tem sido habitual-mente chamada o Papa, o que é uma aplicação particular da função mais geral que representa. Ele é o poder governante da religião externa, como a Alta Sacerdotisa é o gênio dominante do poder esotérico, retraído. As significações adequadas dessa carta têm sofrido adulterações de quase todos os lados. Grande Oriente diz, com razão, que o Hierofante é o poder das chaves, a doutrina ortodoxa esotérica, e o lado externo da vida que leva à doutrina; mas ele certamente não é um príncipe da doutrina oculta, como outro comentarista sugeriu.

Ele é antes a *summa totius theologiae*, quando transposto para a mais completa rigidez de expressão; mas simboliza também todas as coisas que são corretas e sagradas no lado manifesto. Como tal, é o canal da graça pertencente ao mundo da instituição como distinto do da Natureza, e é o chefe da salvação da raça humana em geral. Ele é a ordem e a cabeça da hierarquia reconhecida, que é o reflexo de outra e maior ordem hierárquica; mas pode acontecer assim que o pontífice se esqueça da significação de seu estado simbólico e atue como se contivesse, dentro de suas próprias limitações, tudo que o seu signo significa ou que o seu símbolo procura mostrar. Ele não é, como se tem pensado, a filosofia — exceto no lado teológico; não é a inspiração; e não é a religião, embora seja um modo de sua expressão.

VI

Os Amantes

O Sol brilha no zênite, e embaixo há uma grande figura alada, com os braços estendidos,derramando influências. No primeiro plano há duas figuras humanas, masculina e feminina, sem véus, uma diante da outra, como Adão e Eva quando viviam no paraíso do corpo terrestre. Atrás do homem está a Arvore da Vida, carregada com doze frutos, e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal está atrás da mulher; a serpente está enroscada em torno dela. As figuras sugerem juventude, virgindade, inocência e o amor antes de contaminado pelo grosseiro desejo material. Esta é em toda a sua simplicidade a carta do amor humano, aqui exposto como parte do caminho, da verdade e da vida. Substitui, pelo recurso aos primeiros princípios, a velha carta do casamento,e as loucuras posteriores que mos-travam o homem entre o vício e a virtude. Em um sentido muito elevado, a carta é um mistério da Aliança e do Sabá.

A sugestão a respeito da mulher é que ela significa a atração para a vida sensível, que traz dentro de si a idéia da Queda do Homem, mas é antes a atuação de uma Lei Secreta de Providência do que uma tentadora voluntária e consciente. E através de seu imputado lapso que o homem se erguerá afinal, e somente com ele poderá completar-se. A carta é, pois, a seu modo, outra advertência a respeito do grande mistério da condição feminina as antigas significações se espatifam junta-mente com as antigas figuras, porém, mesmo como interpretações das últimas, algumas eram da ordem do lugar comum e outras eram falsas quanto ao simbolismo.

VII

O Carro

Uma figura ereta e imponente, trazendo uma espada desembainhada e correspondendo, a grosso modo, à descrição tradicional que apresentei na primeira parte. Nos ombros do herói vitorioso há o que se supõe ser o *Urim* e *Thummim.* Ele escravizou a escravidão; venceu em todos os planos; no espírito, na ciência, no progresso, em certas provas de iniciação. Ele assim respondeu à Esfinge, e devido a isso, aceitei a variação de Eliphas Lévi; desse modo o seu carro é puxado por duas esfinges. Ele é, acima de todas as coisas, o triunfo da mente.

Deve ficar entendido por esse motivo (a) que a questão da esfinge está relacionada com um Mistério da Natureza e não com o mundo da Graça, para o qual o condutor do carro não poderia oferecer resposta; (b) que os planos de sua conquista são manifestos ou externos e não estão em seu próprio intimo; (c) que a liberação que ele efetua pode fazer com que ele próprio fique prisioneiro do entendimento lógico; (d) que as provas de iniciação pelas quais ele passou triunfalmente devem ser entendidas física e racionalmente; e (e) que, se ele chegou às colunas do Templo entre as quais está sentada a Alta Sacerdotisa, não pôde abrir o rolo de pergaminho chamado *Tora*, e nem poderia responder, se ela o interrogasse. Não é a realeza hereditária e não é o sacerdócio.

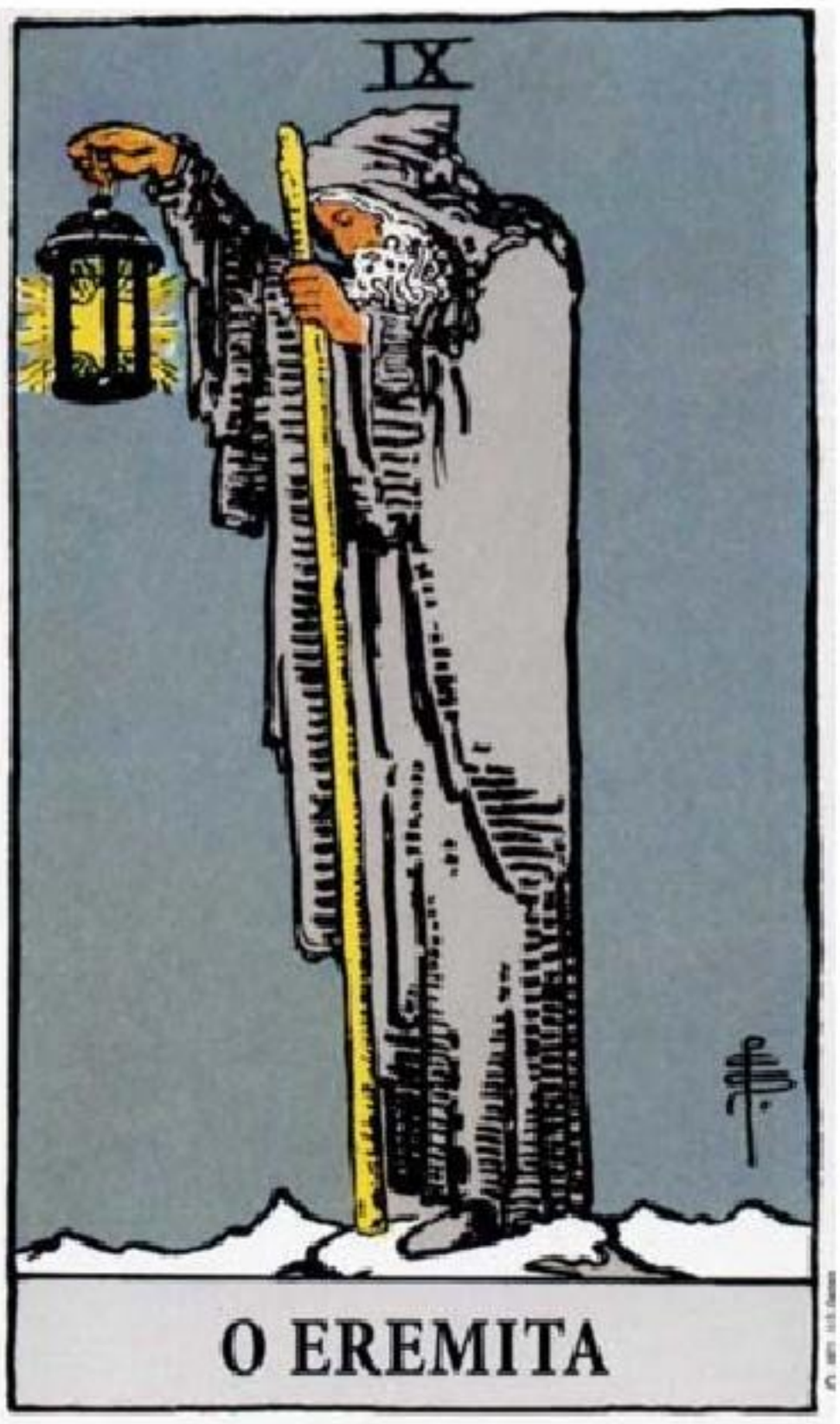
VIII
A Força, ou a Fortaleza

Uma mulher, sobre cuja cabeça paira o mesmo símbolo da vida que já vimos na carta do Mágico, está fechando a boca de um leão. O único ponto em que este desenho se diferencia das representações convencionais é que a sua fortaleza benéfica já subjugou o leão, que está sendo puxado por uma cadeia de flores. Por motivos que me satisfazem, esta carta tem sido permutada com a da Justiça, que habitualmente tem o número oito. Como a variação nada acarreta que tenha significação para o leitor, não há necessidade de explicação. A Fortaleza, em um de seus mais exaltados aspectos, está relacionada com o Divino Mistério da União; a virtude, naturalmente, opera em todos os planos, e daí tudo tira em seu simbolismo. Também se relaciona com *a innocentia inviolata*, e com a força que reside na contemplação.

Essas altas significações, contudo, são deduzidas, e não afirmo que sejam transparentes na superfície da carta. Podem ser descobertas, de maneira oculta, pela cadeia de flores, que significa, entre muitas outras coisas, o doce jugo do leve fardo da Lei Divina, quando recebida no fundo dos corações. A carta nada tem a ver com a autoconfiança no sentido comum, embora isso tenha sido sugerido — mas diz respeito à confiança daqueles cuja força é Deus, que encontram n'Ele o seu refúgio. Há um aspecto no qual o leão significa as paixões, e aquela que é chamada de Fortaleza constitui a mais elevada natureza em sua liberação. Ela caminhou sobre a áspide do basilisco e pisou no leão e no dragão.

IX

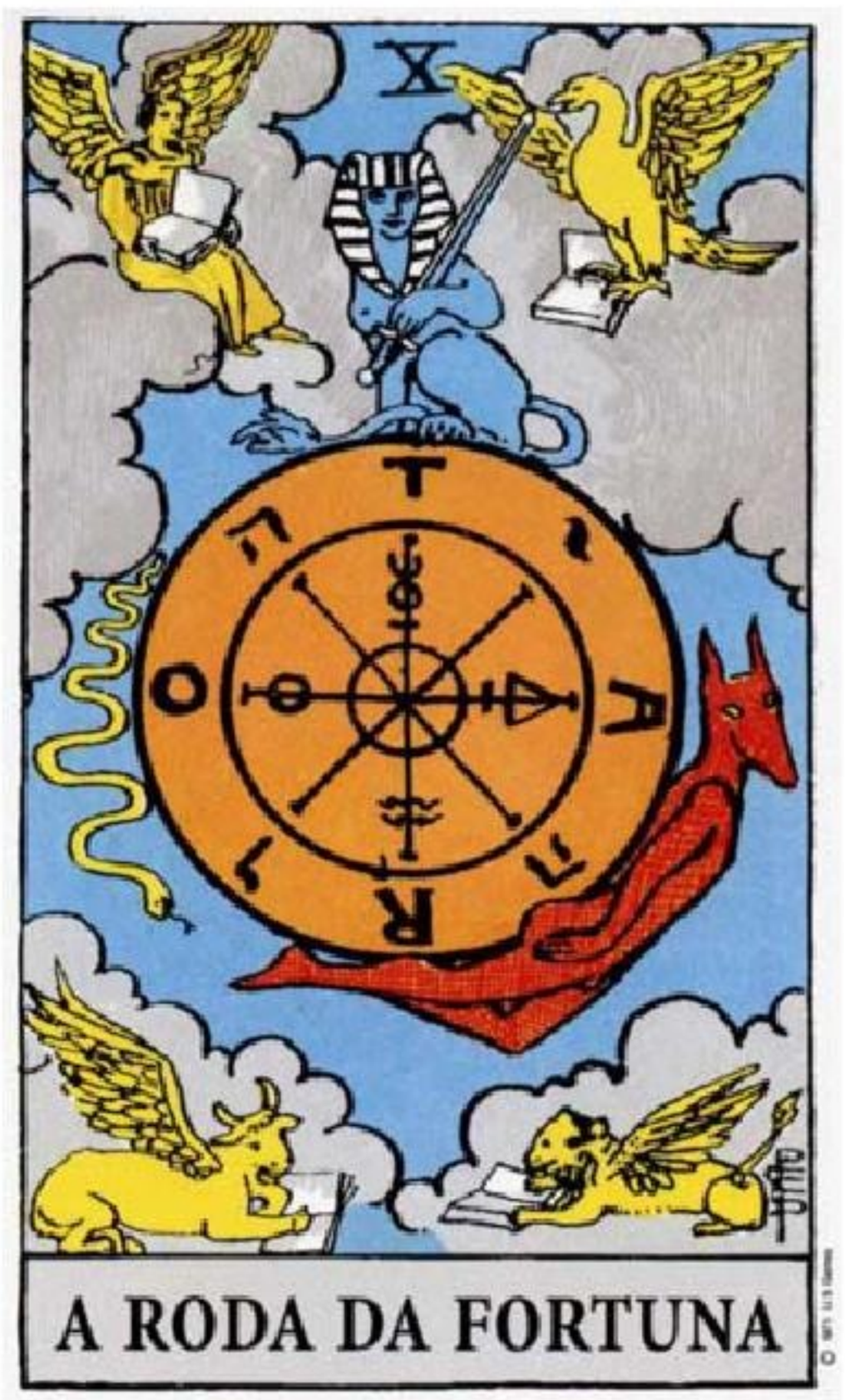
O Ermitão



A variação dos modelos convencionais nesta carta consiste apenas no fato de não estar a lanterna parcialmente envolta no manto de seu portador, que traz a idéia do Antigo dos Dias com a Luz do Mundo. E uma estrela que brilha na lanterna. Eu já disse que essa é uma carta de consecução, e para acentuar essa concepção, a figura está mostrando o seu fanal em uma elevação. O Ermitão não é, portanto, como Court de Gebelin explicou, um homem sábio em busca da verdade e da justiça; nem é, como propõe uma explicação posterior, um exemplo especial de experiência. Seu fanal mostra que *onde eu estiver, também tu podes estar.*

É, além disso, uma carta entendida muito incorretamente quando relacionada com a idéia de isolamento oculto, como proteção do magnetismo pessoal contra a mescla. Essa é uma das frívolas interpretações que devemos a Eliphas Lévi, e que foi adotado pela Ordem do Martinismo francesa, e alguns de nós ouvimos falar muito sobre o Filósofo Desconhecido e Silencioso, envolto em seu manto para proteger-se contra o conhecimento do profano. No verdadeiro Martinismo, a significação do termo *Filósofo Desconhecido* era de outra ordem. Não se referia à deliberada ocultação dos Mistérios Instituídos, muito menos de seus substitutos, mas — como a própria carta — à verdade que os Mistérios Divinos asseguram a sua própria proteção contra aqueles que não estão preparados.

X
A Roda da Fortuna



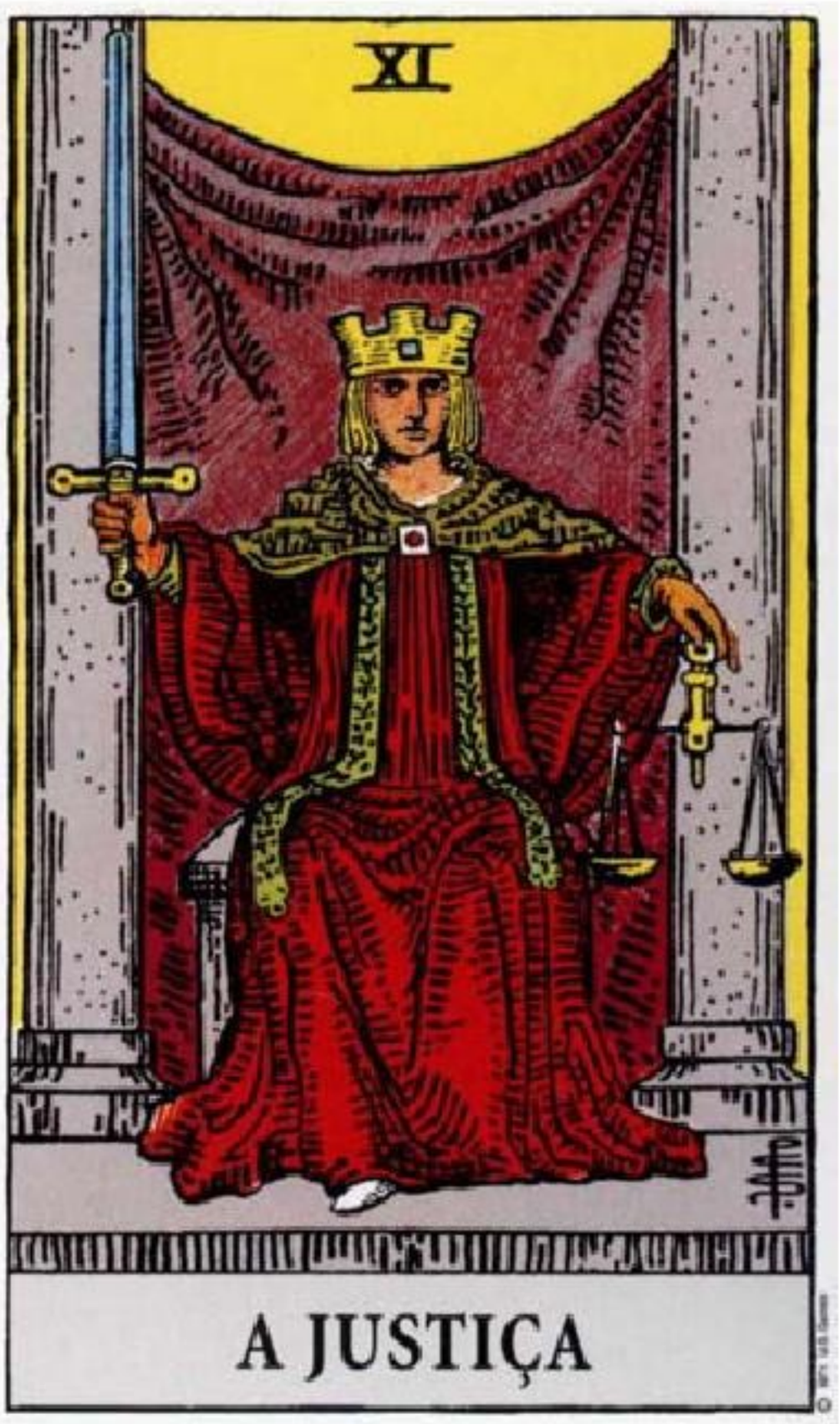
Neste símbolo, segui outra vez a reconstrução de Eliphas Lévi, que tem fornecido diversas variantes. É legitimo — como deixei entendido — usar o simbolismo egípcio quando ele serve aos nossos objetivos, contanto que não esteja implícita qualquer teoria da origem. Apresentei, contudo, Tifon em sua forma de serpente. O simbolismo não é, naturalmente, de todo egípcio, pois as quatro Criaturas Vivas de Ezequiel ocupam os quatro cantos da carta, e a própria roda segue outras indicações de Lévi a respeito da visão de Ezequiel, elucidativa da Chave do Tarô particular. Para o ocultista francês, e em seu próprio desenho, a figura simbólica representa
o movimento perpétuo de um universo fluídico e o fluxo da vida humana. A esfinge é o equilíbrio ali reinante. A transliteração de *Tarô* em *Rota* está inscrita na roda, intercalada com as letras

do Nome Divino, para mostrar que a Providência está impregnada em tudo. Mas essa é a intenção Divina interna, e a semelhante intenção Divina externa está exemplificada pelas quatro Criaturas Vivas. Algumas vezes, a esfinge é representada deitada em um pedestal em cima, o que lesa o simbolismo,
invalidando a idéia essencial da estabilidade no meio do movimento.

Por trás da noção geral expressa no símbolo, está a negação do acaso e a fatalidade que nisso se implica. Pode-se fatalidade que nisso se implica. Pode-se acrescentar que, dos dias de Lévi para cá, as explicações ocultas dessa carta são — mesmo para o próprio ocultismo de uma natureza singularmente fátua. Tem-se dito que ela significa princípio, fecundidade, honra viril, autoridade governante, etc.

XI

A Justiça

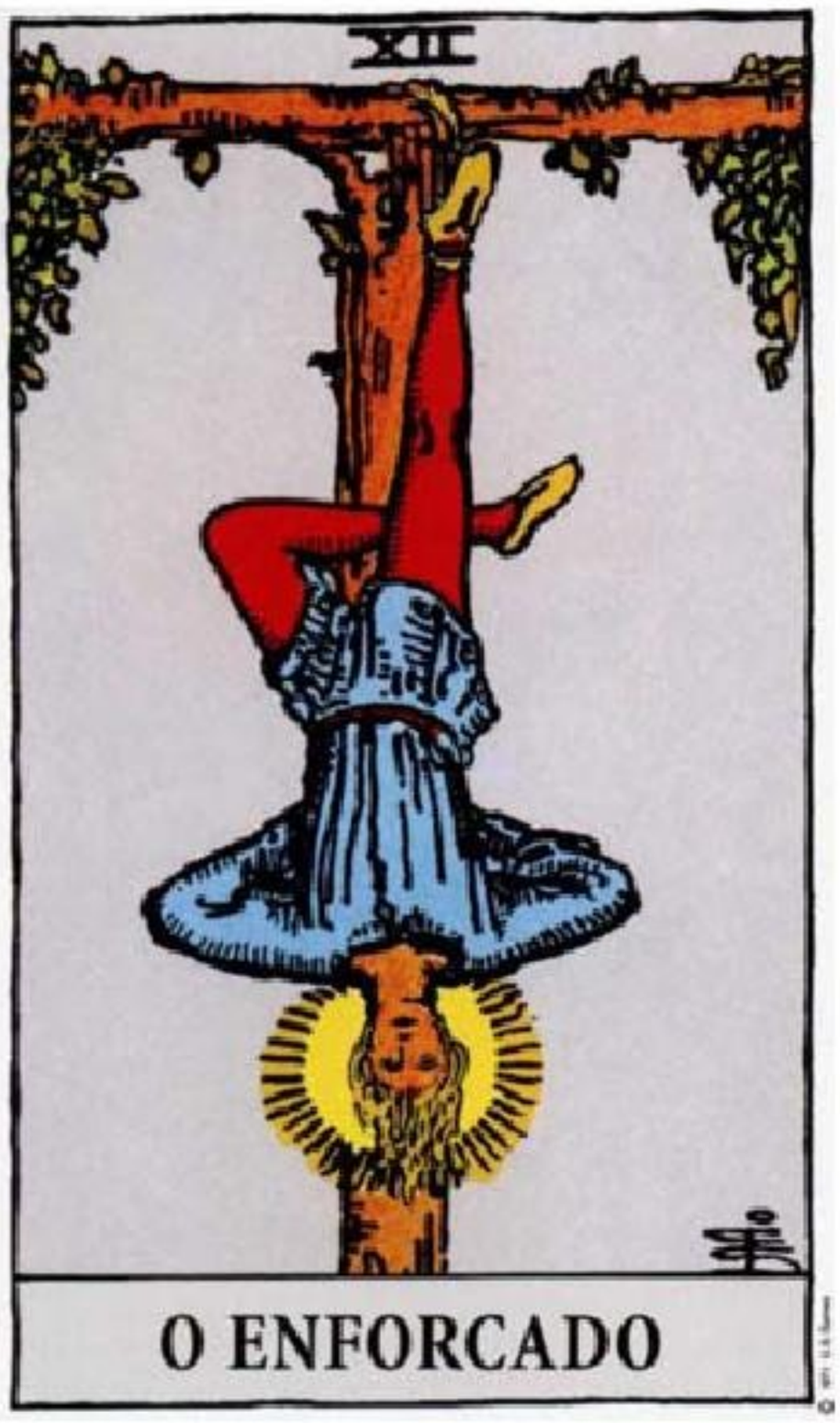


Como esta carta segue o simbolismo tradicional e mostra acima de tudo os seus significados evidentes, há pouco a dizer a seu respeito, a não ser as poucas considerações apresentadas na primeira parte, às quais nos reportamos.

Ver-se-a, todavia, que a figura está sentada entre colunas, como a Alta Sacerdotisa, e a esse respeito parece conveniente salientar que o princípio moral que afeta todos os homens segundo as suas obras—conquanto, naturalmente, esteja em estrita analogia com coisas superiores — difere em sua essência da justiça espiritual que está envolta na idéia de preferência. Essa última pertence a uma misteriosa ordem da Providência, em virtude da qual é possível para certos homens conceber a idéia de dedicação às coisas mais elevadas. A maneira com que isso se opera assemelha-se à exalação do Espírito onde se faz sentir, e não dispomos de regras de crítica ou base para explicação a seu respeito. E análogo à posse de dons belos, elevados e graciosos pelo poeta; nós os temos ou não os temos, e a sua presença constitui um tão grande mistério quanto a sua ausência. A lei da Justiça não está envolvida, porém, por uma ou outra dessas alternativas. Em conclusão; as colunas da Justiça se abrem para um mundo e as colunas da Alta Sacerdotisa para outro.

XII

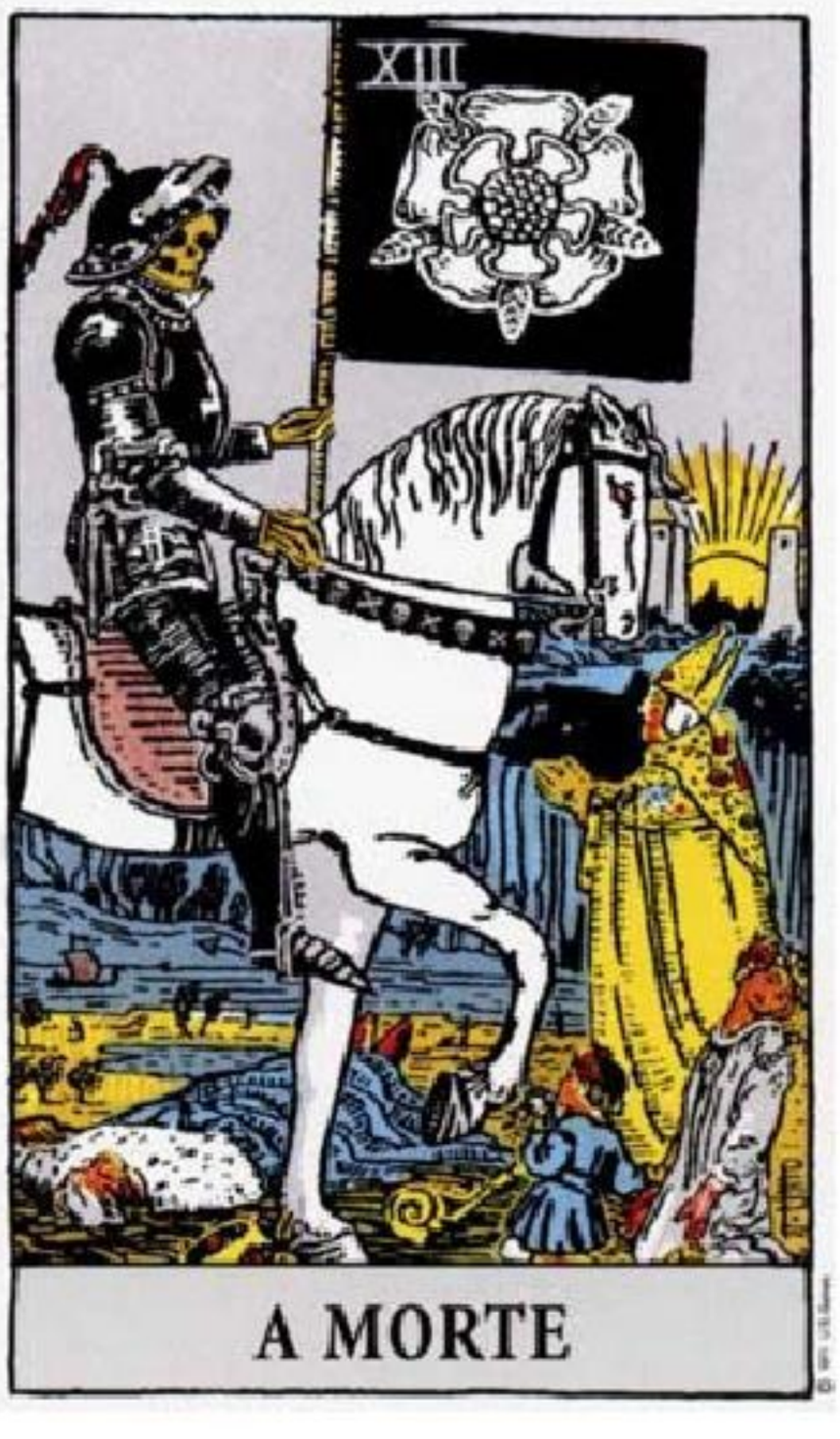
O Enforcado



A forca da qual está suspenso forma uma cruz *Tau*, ao passo que a figura — pela posição das pernas, forma uma cruz gamada. Há um nimbo em torno da cabeça do aparente mártir. Deve-se notar (1) que a árvore do sacrifício é madeira viva, tendo folhas; (2) que o rosto expressa êxtase profundo, e não sofrimento; (3) que a figura, em seu conjunto, sugere vida em suspensão, porém a vida e não a morte. É uma carta de profunda significação, mas toda a sua significação é velada. Um de seus editores sustenta que Eliphas Lévi não conhecia o seu sentido, o que é incontestável — e nem o próprio editor. Tem sido chamada falsamente de carta do martírio, uma carta da prudência, uma carta Grande Obra, uma carta do dever; mas esgotaríamos todas as interpretações apresentadas e só encontraríamos fatuidade. De meu lado, eu diria, muito simplesmente, que ela expressa a relação, em um de seus aspectos, entre a Divindade e o Universo.

Aquele que compreender que a história de sua natureza superior está imersa nesse simbolismo receberá sugestões concernentes a um grande despertar que é possível, e irá saber que depois do sagrado Mistério da Morte há um glorioso Mistério da Ressurreição.

XIII
A Morte



O véu ou máscara da vida se perpetuou em mudanças, transformações e passagens do inferior para o superior, e isso é melhor representado no Tarô retificado por uma das visões apocalípticas do que pela crua noção de esqueletos ceifadores. Atrás disso jaz todo o mundo de ascensão no espírito. O cavaleiro misterioso move-se devagar, trazendo uma bandeira negra com o brasão da Rosa Mística, que significa vida. Entre duas colunas, na orla do horizonte, brilha o sol da imortalidade. O cavaleiro não traz qualquer arma visível, mas o rei, o filho e a donzela caem diante dele, enquanto um prelado, de mãos postas, espera o seu fim.

Não é preciso salientar que a sugestão da morte que apresentei relacionada com a carta anterior tem, sem sombra de dúvida, de ser compreendida misticamente , mas não é esse o caso no presente exemplo. A natural passagem do homem para o próximo estágio de seu ser é ou pode ser uma forma de seu progresso, mas a estranha e quase desconhecida admissão, enquanto ainda nesta vida, no estado de morte mística constitui uma mudança na forma de consciência e a passagem para o qual a morte ordinária não é o caminho nem a porta. As explicações ocultistas existentes da décima terceira carta são, em seu conjunto, melhores que as habituais, renascimento, criação, destino, renovação e repouso.

XIV

A Temperança

Um anjo alado, como signo do Sol na fronte e no peito o quadrado e o triângulo do setenário. Dele falei no sentido masculino, mas a figura não é masculina nem feminina. Está derramando a essência da vida de um cálice em outro cálice. Tem um dos pés sobre a terra e o outro na água, revelando assim a natureza das essências. Uma estrada conduz direta-mente a certas elevações situadas na orla do horizonte, e acima delas há uma grande luz, através da qual se vê, vagamente, uma coroa. Está ali alguma parte do Segredo da Vida Eterna, como é possível ao homem em sua encarnação. São postos de lado todos os emblemas convencionais.

O mesmo acontece com todas as significações convencionais, que se referem às mudanças nas estações, movimento perpétuo da vida e mesmo a combinação de idéias. Além disso, não é lícito dizer que a figura simboliza o gênio do Sol, embora haja a analogia da luz solar, compreendida na terceira parte da nossa triplicidade humana. E chamada Temperança fantasticamente, porque quando a sua norma penetra em nossa consciência, ela tempera, combina e harmoniza as naturezas psíquica e material. Sob tal norma conhecemos em nossa parte racional algo a respeito de onde viemos e para onde estamos indo.

XV

O Diabo

O desenho é uma acomodação, expediente ou harmonização entre vários motivos mencionados na primeira parte. O Bode Chifrudo de Mendes, com asas semelhantes às do morcego, está sentado em um altar. Na barriga tem o signo de Mercúrio. O braço direito está levantado e a mão bem aberta, sendo o inverso da bênção dada pelo Hierofante na quinta carta. Na mão esquerda, há uma grande tocha acesa, invertida na direção da terra. Na fronte tem um pentagrama invertido. Há em frente do altar uma argola, da qual saem duas cadeias presas no pescoço de duas figuras, masculina e feminina. Estas são análogas às da décima carta, como se fossem Adão e Eva depois da Queda. Trata-se da cadeia e fatalidade da vida material.

As figuras têm rabos, para significar a sua natureza animal, mas há inteligência humana refletida em seus rostos, e o que se ergue acima deles não é, em absoluto, o seu senhor para sempre. Mesmo agora, ele é também servo, sustentado pelo mal que existe nele e cego para a liberdade de servir. Com o seu mais que acentuado desprezo pelas artes que pretendia representar e respeitar como um mestre, Eliphas Lévi afirma que a figura Bafomética é a ciência oculta e a magia. Outro comentarista diz que no mundo divino ela significa predestinação, mas não há correspondência naquele mundo com as coisas que embaixo pertencem ao irracional. O que ela significa é o Morador do Limiar, sem o Jardim Místico, quando foram dele expulsos aqueles que comeram o fruto proibido.

XVI
A Torre

As explicações ocultistas atribuídas a esta carta são fracas e em sua maioria desconcertantes. Seria ocioso salientar que ela representa a ruína em todos os seus aspectos, pois isso se evidencia superficialmente. Fala-se, além disso, que ela contém a primeira alusão a um edifício material, mas não concebo que a Torre seja mais ou menos material do que as colunas que vimos em três casos anteriores. Nada vejo que sustente Papus em sua suposição de que se trata literalmente da queda de Adão, porém há mais a favor dessa alternativa: que ela signifique a materialização da palavra espiritual. O bibliógrafo cristão imagina que se trata da queda do espírito, procurando penetrar o mistério de Deus. Antes concordo com o Grande Oriente, no sentido de que se trata da ruína da Casa da Vida, quando o mal ali prevaleceu, e acima de tudo que é a destruição de uma Casa de Doutrina. Acho, contudo, que a referência é a uma Casa da Falsidade. Mostra também de maneira mais compreensiva a velha verdade de que, *a não ser quando o Senhor constrói a casa, trabalham em vão aqueles que a constroem* .

Há um entendimento de que a catástrofe é um reflexo da carta anterior, mas não no sentido do simbolismo que ali procurei explicar. E, mais corretamente, uma questão de analogia; uma diz respeito à queda no estado material e animal, ao passo que a outra significa destruição no lado intelectual. Tem-se falado da Torre como o castigo do orgulho e o intelecto esmagado na tentativa de penetrar no Mistério de Deus; mas nenhuma dessas explicações atenta para as duas pessoas que são sofredores vi-vos. Um é a palavra literal tornada vã e o outro é a sua falsa interpretação. Em um sentido mais profundo, todavia, pode significar também o fim de uma isenção, mas não há aqui possibilidade de considerarmos essa intricada questão.

XVII

A Estrela

Uma grande e radiosa estrela de oito raios, cercada por sete estrelas menores, também de oito raios. A figura feminina no primeiro plano está inteiramente nua. Têm o joelho esquerdo apoiado na terra e o pé direito dentro da água. Ela derrama a Água da Vida de duas grandes ânforas, irrigando o mar e a terra. Atrás dela há uma elevação de terreno e uma árvore ou arbusto, sobre o qual está pousada uma ave. A figura expressa a eterna juventude e beleza. A estrela é *l'étolie flamboyant*, que aparece no simbolismo maçônico, mas tem havido confusão nisso. O que a figura comunica à cena viva é a substância dos céus e dos elementos. Tem-se dito, com razão, que os lemas desta carta são *Águas da Vida livre-mente e Dons do Espírito.*

O resumo de vá-rias explicações pretensiosas diz que é uma carta de esperança. Em outros planos, tem sido apresentada como a imortalidade e a luz interior. Para a maior parte dos espíritos preparados, a figura aparecerá como o tipo da Verdade sem véus, gloriosa em sua beleza imortal, derramando as águas da alma dentro das medidas de seu bem valiosíssimo. Na realidade, porém, ela é a Grande Mãe na cabalística *Sephira Binah*, que é o supremo. Entendimento, o qual se comunica com o *Sephiroth* que se encontra embaixo na medida que podem receber o seu influxo.

XVIII

A Lua

A distinção entre esta carta e algumas dos tipos convencionais é que a Lua é crescente no lado chamado da misericórdia, à direita do observador. Tem dezesseis raios principais e dezesseis secundários. A carta representa a vida da imaginação, distinta da vida do espírito. A estrada entre as torres é o caminho para o desconhecido. O cão e o lobo são os temores da mente natural em presença daquele lugar de saída, quando só há para guiar uma luz refletida.

A última referência constitui uma chave para outra forma de simbolismo. A luz intelectual é um reflexo e para além fica o mistério desconhecido que não pode ser mostrado. Ela ilumina a nossa natureza animal, alguns tipos da qual são representados embaixo: o cão, o lobo e aquilo que vem das profundezas, a inominável e horrível tendência que é mais baixa do que o animal selvagem. Ela luta para alcançar manifestação, simbolizada pelo rastejamento para fora do abismo da água para chegar à terra, mas, em via de regra, torna a afundar-se quando chega. A face da mente lança um olhar calmo para a agitação embaixo; o orvalho do pensamento cai. A mensagem é: Paz, ficai quietos; e pode ser que descerá a calma sobre a natureza animal, enquanto o abismo embaixo cessará de apresentar uma forma.

XIX

O Sol

A criança nua, montada em um cavalo branco e desfraldando uma bandeira vermelha, já foi mencionada como o melhor simbolismo relacionado com esta carta. É o destino do Oriente Supernatural, e a grande luz sagrada que avança adiante da infindável procissão da humanidade, saindo do jardim murado da vida sensível e seguindo o trajeto para casa. A carta significa, portanto, a passagem da luz manifesta deste mundo, representada pelo glorioso sol da terra, para a luz do mundo futuro, que segue à frente da aspiração e é representada pelo coração de uma criança.

A última alusão, porém, é de novo a chave para uma diferente forma ou um diferente aspecto do simbolismo. O sol é o da consciência no espírito — a luz direta como antítese da luz refletida. O tipo característico da humanidade torna-se uma criancinha — uma criança no sentido de simplicidade e inocência no sentido de sabedoria. Nessa simplicidade, traz o selo da Natureza e da Arte; nessa inocência, significa o mundo restaurado. Quando o autoconhecimento do espírito surge na consciência acima da mente natural, a mente em sua renovação conduz a natureza animal a um estado de perfeito conformismo.

XX

O Juízo Final

Eu já disse que este símbolo é essencialmente invariável em todos os baralhos de Tarô, ou que, pelo menos, as variações não lhe afetam o caráter. O grande anjo está aqui rodeado por nuvens, mas toca a trombeta embandeirada, e a cruz, como de hábito, aparece na bandeira. Os mortos levantam-se dos túmulos: uma mulher à direita, um homem à esquerda e entre eles seu filho, que está de costas. Nesta carta, porém, há mais do que os três que foram restaurados, e achou-se que valia a pena fazer essa variação para mostrar a insuficiência das explicações habituais.

Deve-se notar que todas as figuras expressam em sua atitude assombro, adoração e êxtase. É a carta que registra a consecução do grande trabalho de transformação em resposta aos apelos do Supremo, apelos ouvidos e respondidos no íntimo.

Há nisso a sugestão de uma significação que não pode ser levada além presentemente. O que é que dentro de nós faz soar uma trombeta e tudo que há de inferior em nossa natureza se ergue em resposta, quase em um momento, quase em um piscar de olhos? Deixemos que a carta continue a significar, para aqueles que não podem ver além, o Juízo Final e a ressurreição do corpo natural; mas deixemos aqueles que têm olhos para o interior olharem e descobrirem o que ali se contém. Eles compreenderão que ela foi com razão no passado chamada a carta da vida eterna, e por esse motivo, pode ser comparada com aquela apresentada sob o nome de Temperança.

O
(ZERO)
O Bobo

Com passos leves, como se a terra e os seus obstáculos pouco pudessem fazer para restringi-lo, um jovem magnificamente trajado pára à beira de um precipício entre as grandes alturas do mundo; olha para a imensidão azul diante dele, para a expansão do céu e não para as perspectivas debaixo. Seu ato de ávida caminhada ainda é indicado, embora ele esteja estacionário em um dado momento; seu cão ainda está pulando. A orla que se abre para o abismo não apresenta terror; é como se anjos esperassem para ampará-lo, se acontecer que ele se despenhe da altura. Seu rosto está repleto de inteligência e de sonho esperançoso. Tem uma rosa em uma das mãos e na outra um bastão custoso apoiado no ombro direito e do qual pende uma mochila curiosamente bordada. É um príncipe do outro mundo viajando neste — em plena glória matinal, ao ar livre. O sol, que brilha atrás dele, sabe de onde ele vem, aonde está indo e como ele voltará por outro caminho, depois de muitos dias. Ele é o espírito à procura de experiência. Muitos símbolos dos Mistérios Instituídos estão resumidos nesta carta, que revoga, por altos desígnios, todas as confusões que a precederam.

Em seu *Manual de Cartomancia*, Grande Oriente apresenta uma curiosa sugestão sobre o papel do Bobo Místico, como uma parte de seu processo em adivinhação superior; mas é preciso recorrer a algo mais que dons ordinários para pô-lo em ação. Veremos como a carta atua de acordo com as artes comuns da leitura da sorte, e será um exemplo, para aqueles capazes de discernirem, do fato, de outro modo tão evidente, que os Trunfos Maiores não tinham lugar originalmente nas artes do jogo psíquico, quando eram usadas cartas como avaliadores e pretextos. Muito pouco, contudo, conhecemos sobre as circunstâncias em que tal arte surgiu. As explicações convencionais dizem que o Bobo significa a carne, a vida sensível e, por uma sátira peculiar, seu nome subsidiário foi durante certo tempo de alquimista, como representando o louco em sua fase mais insensata.

XXI

O Mundo

Como esta mensagem final dos Trunfos Maiores não mudou — e na verdade é imutável — no que diz respeito ao seu desenho, ela já foi em parte descrita no que tange ao seu sentido mais profundo. Representa também a perfeição e o fim do Cosmos, o segredo que há dentro dele, o arrebatamento do universo quando se compreende em Deus. E além disso o estado da alma na consciência da visão Divina, refletida do espírito autoconsciente. Essas significações, todavia, não prejudicam aquela a que já me referi, concernente ao lado material.

E mais que uma mensagem do lado macrocósmico e é, por exemplo, o estado do mundo restaurado quando a lei da manifestação tiver sido cumprida em seu grau mais elevado de perfeição natural. Mas é talvez mais especialmente uma história do passado, referente àquele dia em que tudo foi proclamado ser bom, quando as estrelas matinais cantavam juntas e todos os Filhos de Deus gritavam de alegria. Uma das piores explicações a seu respeito é que a figura simboliza o Mago quando alcançou o mais elevado grau de iniciação; outra versão diz que ela representa o absoluto, o que é ridículo. Tem-se dito que a figura representa a Verdade, coisa, contudo, mais adequadamente atribuível à décima sétima carta. Tem sido, finalmente, chamada a Coroa dos Magos.

3
Conclusões Quanto às Chaves Maiores

Não se tentou na explicação anterior apresentar o simbolismo naquilo que é chamado de três mundos: o da Divindade, o do Macrocosmo e o do Microcosmo. Seria necessário um livro volumoso para explicações desse tipo. Tomei as cartas no plano mais alto de sua significação mais direta para o homem — na vida material — isto no que diz respeito às coisas eternas. O compilador do *Manual de Cartomancia* as focalizou sobre três aspectos: o Mundo da Prudência Humana, que não se diferencia da adivinhação em seu lado mais sério; o Mundo do Conformismo, sendo a vida da devoção religiosa, e o Mundo da Consecução, que é o do *progresso das almas rumo ao termo de sua busca.* Também apresenta um tríplice processo de consulta, de acordo com aquelas divisões, para onde o leitor é encaminhado. Não disponho de tal processo para oferecer, pois penso que se pode ganhar mais com a reflexão individual sobre cada um dos Trunfos Maiores. Também não adotei a dominante atribuição das cartas ao alfabeto hebraico — em primeiro lugar porque isso nenhuma vantagem teria em um manual elementar; em segundo lugar, porque quase toda a atribuição é errônea. Finalmente, não pretendi retificar a posição das cartas em suas relações umas com as outras; o Zero, portanto, aparece depois do número 20, mas tive o cuidado de não numerar o Mundo ou Universo senão com o 21. Diga-se o que se disser, o Zero é uma carta não numerada.

Concluindo esta parte, darei novas indicações a respeito do Bobo, que é o mais eloqüente de todos os símbolos. Ele significa a viagem para diante, o estado da primeira emanação, as graças e a passividade do espírito. Em sua mochila estão inscritos signos obscuros, para mostrar que muitas recordações subconscientes estão guardadas na alma.

PARTE

III

Método Externo dos Oráculos

1
Distinção Entre os Arcanos Maiores e os Menores

No que diz respeito à apresentação habitual, a ponte entre os Arcanos Maiores e os Menores é oferecida pelas cartas da corte: Rei, Dama, Cavaleiro e Escudeiro ou Pajem; mas sua completa distinção dos Trunfos Maiores é mostrada pelo seu caráter convencional. Que o leitor as compare com símbolos como o Bobo, a Alta Sacerdotisa, o Hierofante ou — quase sem exceção — com qualquer das cartas anteriores, e compreenderá a diferença. Não há uma idéia especial relacionada superficialmente com as cartas da corte ordinárias; são uma ponte de convenções, que forma uma transição para os números seguintes. Parece que passamos de todo da região das significações superiores ilustradas pelas figuras vivas. Houve, contudo, um período em que as cartas numeradas eram também figuras, mais tais expedientes foram invenções esporádicas de determinados artistas, ou consistiam em desenhos convencionais de natureza típica ou alegórica, diferente do que se chama simbolismo, ou eram ilustrações — assim diríamos? — de modas, costumes e períodos. Eram, em uma palavra, enfeites, e, como tais, nada fizeram para elevar a significação dos Arcanos Menores ao plano dos Trunfos Maiores; além do mais, tais variações foram pouquíssimas. Não obstante, há vagos rumores relativos a uma significação mais alta das cartas menores, mas nada até agora transpirou, mesmo dentro da esfera da prudência que pertence aos círculos mais ocultos; esses, é verdade, apresentam certas variantes a respeito dos valores divinatórios, mas nunca fui informado de que na prática ofereçam melhores resultados. Esforços como os de Papus em *O Tarô dos Boêmios* são grandes e meritórios segundo a sua própria natureza; ele, em particular, reconhece os elementos da Imanência Divina nos Trunfos Maiores, e procura segui-los através das longas séries das cartas menores, como se essas representassem infiltrações do Mundo da Graça através do Mundo da Fortuna; mas só produziu um esquema comum de adivinhação como substituto para o título de existência na parte dos Arcanos Menores. Ora, estou praticamente na mesma posição; não farei, contudo, aqui, nenhuma tentativa de salvar a situação recorrendo às propriedades místicas dos números, como ele e outros tentaram. Reconheço sem hesitação que os Trunfos Maiores pertencem aos entendimentos divinos da filosofia, mas tudo isso diz respeito à leitura da sorte, uma vez que ainda não foi, jamais, traduzido em outra linguagem; o curso assim adotado levará à adivinhação, e mesmo à necessidade de jogar, coisas que pertencem àquele mundo particular de habilidade, e ele separará para seu próprio âmbito os assuntos que são de outra ordem. Nesta livre introdução à questão em exame, só é preciso acrescentar que a diferença entre os cinqüenta e seis Arcanos Menores e as cartas de jogar comuns não é apenas essencialmente pequena, porque a substituição de *Hearts* (corações) por Copas, e assim por diante, constitui uma variação acidental, como também porque a presença do Cavaleiro em cada um dos

quatro naipes foi a característica em certa época de muitos baralhos comuns, quando aquele personagem habitualmente substituía a Dama. No Tarô retificado que ilustra o presente manual, todas as cartas numeradas dos Arcanos Menores — exceto os Ases — são apresentadas com figuras ou gravuras para ilustrar — mas sem esgotar — as significações divinatórias a elas atribuídas.

Alguns, que são dotados de faculdades de reflexão e discernimento superiores ao senso comum — não estou me referindo à clarividência — podem observar que em muitos dos Arcanos Menores há vagos indícios oferecidos pelos desenhos que parecem ultrapassar os valores divinatórios declarados. Convém evitar falsos conceitos, salientando definitivamente que, exceto em raros casos — e, então, só por acidente — as variações não devem ser consideradas como sugestões de simbolismo superior e extradivinatório. Já observei que esses Arcanos Menores não devem ser traduzidos para uma linguagem que transcende a da leitura da sorte. Não devo, em verdade, estar impedido de considerá-las como pertencendo, em suas formas existentes, a outro reino diferente deste; mas o campo das possibilidades divinatórias é inesgotável, graças às hipóteses da arte, e os sistemas combinados de cartomancia apenas são indicados pelas cabeças nuas de significação relacionadas com os emblemas em uso. Quando as figuras, no presente caso, vão além das significações convencionais, podem ser tomadas como indícios de possíveis desenvolvimentos ao longo das mesmas linhas; e esse é um dos motivos pelos quais os dispositivos pictóricos aqui relacionados com os quatro denários irão mostrar-se de grande ajuda para a intuição. Os meros poderes numéricos e as palavras nuas de significação são insuficientes por si mesmos; mas as figuras são como portas que se abrem para aposentos inesperados, ou como uma curva no caminho aberto, com amplas perspectivas além.

2
Os Arcanos Menores

*O*u, *em outras palavras*, *os Quatro Naipes das Cartas de Tarô* serão descritos agora de acordo com as suas respectivas classes pelas figuras pertencentes a cada um, e será oferecida uma harmonia de suas significações, vindas de todas as fontes.

O Naipe de Paus

Rei

A natureza física e emocional atribuída a esta carta é morena, ardente, flexível, animada, arrebatada, nobre. O Rei segura uma haste florida, e traz, como aqueles que lhe são correspondentes nos outros naipes, o que é chamado um gorro de manutenção sob a coroa. Ele está relacionado com o símbolo do leão, que está gravado no encosto do seu trono.

Significações Divinatórias:
Homem moreno, amigo, homem do campo, geralmente casado, honesto e consciencioso. A carta sempre significa honestidade, e pode anunciar notícias a respeito de uma herança inesperada que virá antes de muito tempo.

Invertida:
Bom, mas severo; austero, embora tolerante.

Dama

Os Paus neste naipe têm sempre folhas, pois se trata de um naipe de vida e animação. Emocional-mente e sob outros aspectos, a personalidade da Dama corres-ponde à do Rei, porém é mais magnética.

Significações Divinatórias:

Mulher morena, rural, amiga, casta, amável, honrada. Se a carta além dela significa um homem, ela está bem

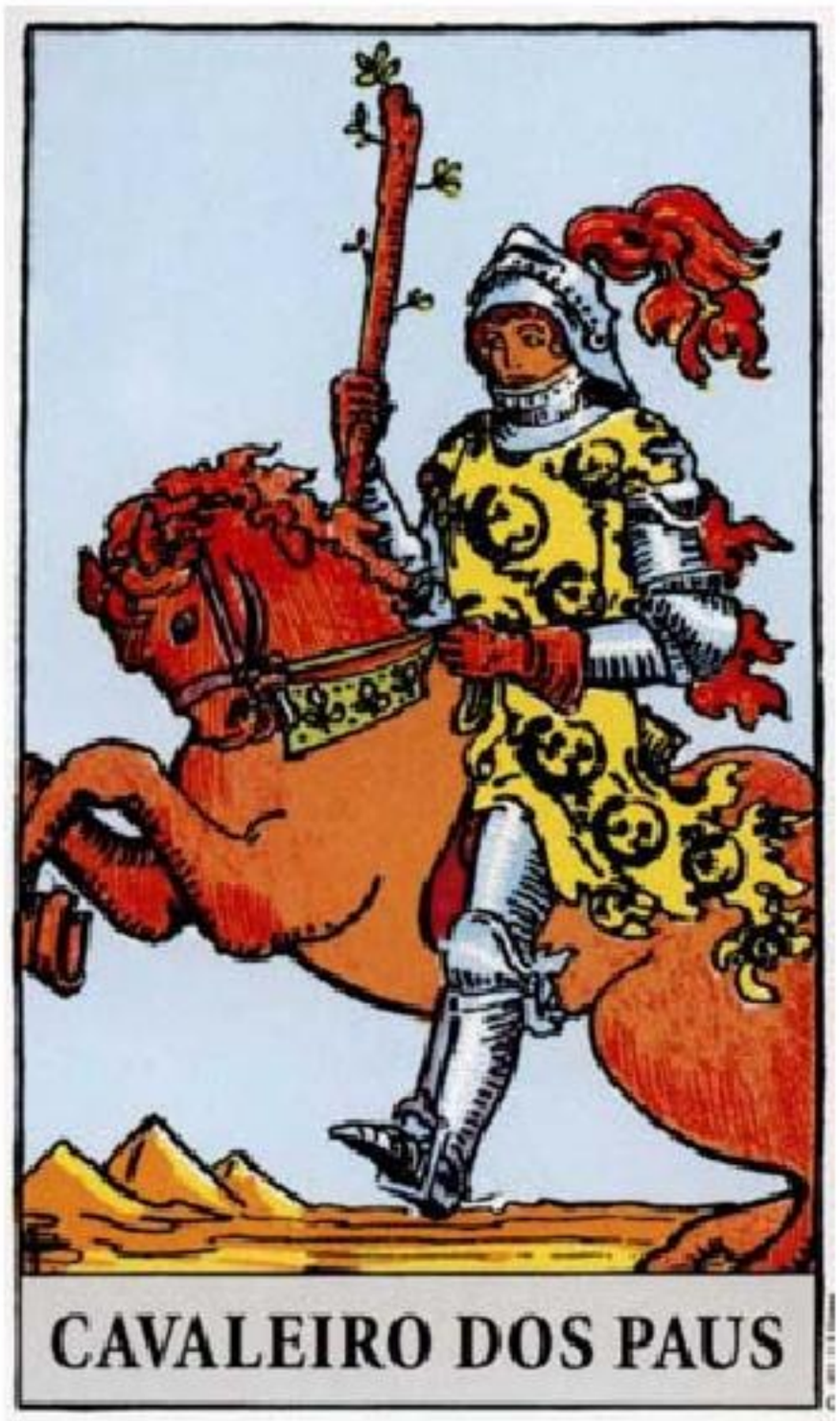
disposta a respeito dele; se uma mulher, está interessada no consultante. Também, amor ao dinheiro ou um certo sucesso nos negócios.

Invertida:

Boa, econômica, obsequiosa, serviçal. Significa também — mas em certas posições e na proximidade de outras cartas tendentes a tais direções — oposição, ciúme, mesmo fraude e infidelidade.

Cavaleiro

É mostrado como que em viagem, armado com uma vara curta, e embora revestido de armadura, não é um cavaleiro andante. Está passando diante de outeiros ou pirâmides. O movimento do cavalo constitui a chave do caráter do cavaleiro e indica um gênio abrupto



ou coisas com isso relacionadas.

Significações Divinatórias:

Partida, ausência, fuga, emigração. Jovem moreno, amistoso. Mudança de residência.

Invertida:

Rutura, divisão, interrupção, discórdia.

Pajem

Em um cenário semelhante ao anterior, um jovem está de pé, no ato de uma proclamação. E desconhecido mas fiel e as suas mensagens são estranhas.

Significações Divinatórias:

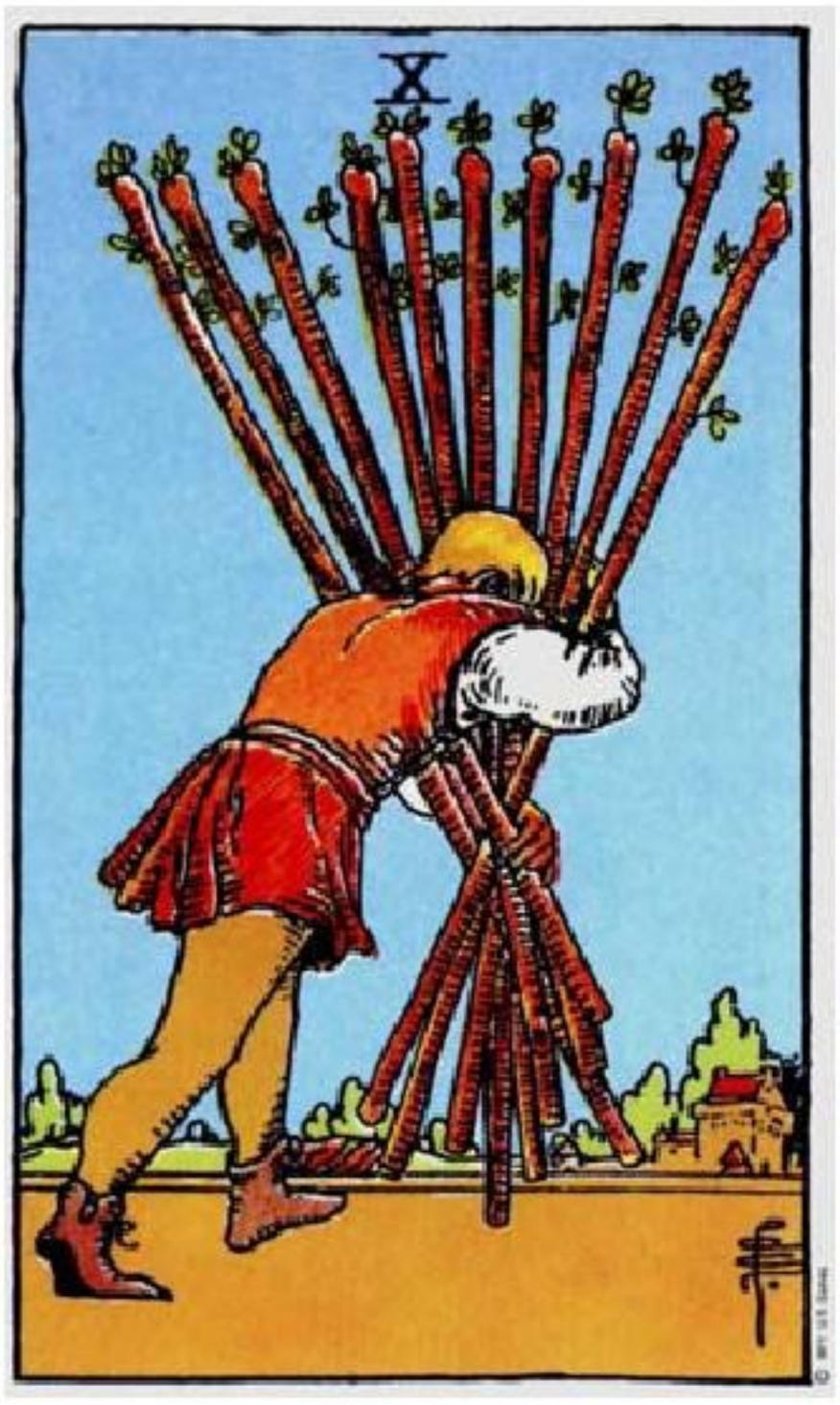
Jovem moreno, fiel, amante, emissário, correio. Além de um homem, trará favorável testemunho a seu respeito. Perigoso rival, se seguido pelo Pajem de Copas. Tem as principais qualidades de seu naipe. Pode significar inteligência de família.

Invertida:

Anedotas, anúncios, más notícias. Também indecisão e a instabilidade que a acompanha.

Dez

Um homem oprimido pelo peso de dez paus que está carregando.



Significações Divinatórias:

Uma carta com muitos significados, e algumas de suas leituras não podem ser harmonizadas. Ponho de lado as que se relacionam com a honra e a boa fé. A principal significação é simples-mente a opressão, mas é também fortuna, lucro, qualquer espécie de sucesso, e então é a opressão dessas coisas. E também uma carta de falsa aparência, disfarce, perfídia. O lugar de que a figura está se aproximando pode sofrer com as traves que ela carrega. O sucesso é frustrado se se segue o Nove de Espadas, e se se trata de uma demanda judicial, pode haver certo prejuízo.

Invertida:

Contrariedades, dificuldades, intrigas e suas analogias.

Nove

A figura apoia-se na vara que carrega e tem uma expressão de expectativa no rosto, como se estivesse esperando um inimigo. Atrás há outras oito varas — eretas, em disposição bem ordenada, como uma paliçada.

Significações Divinatórias:

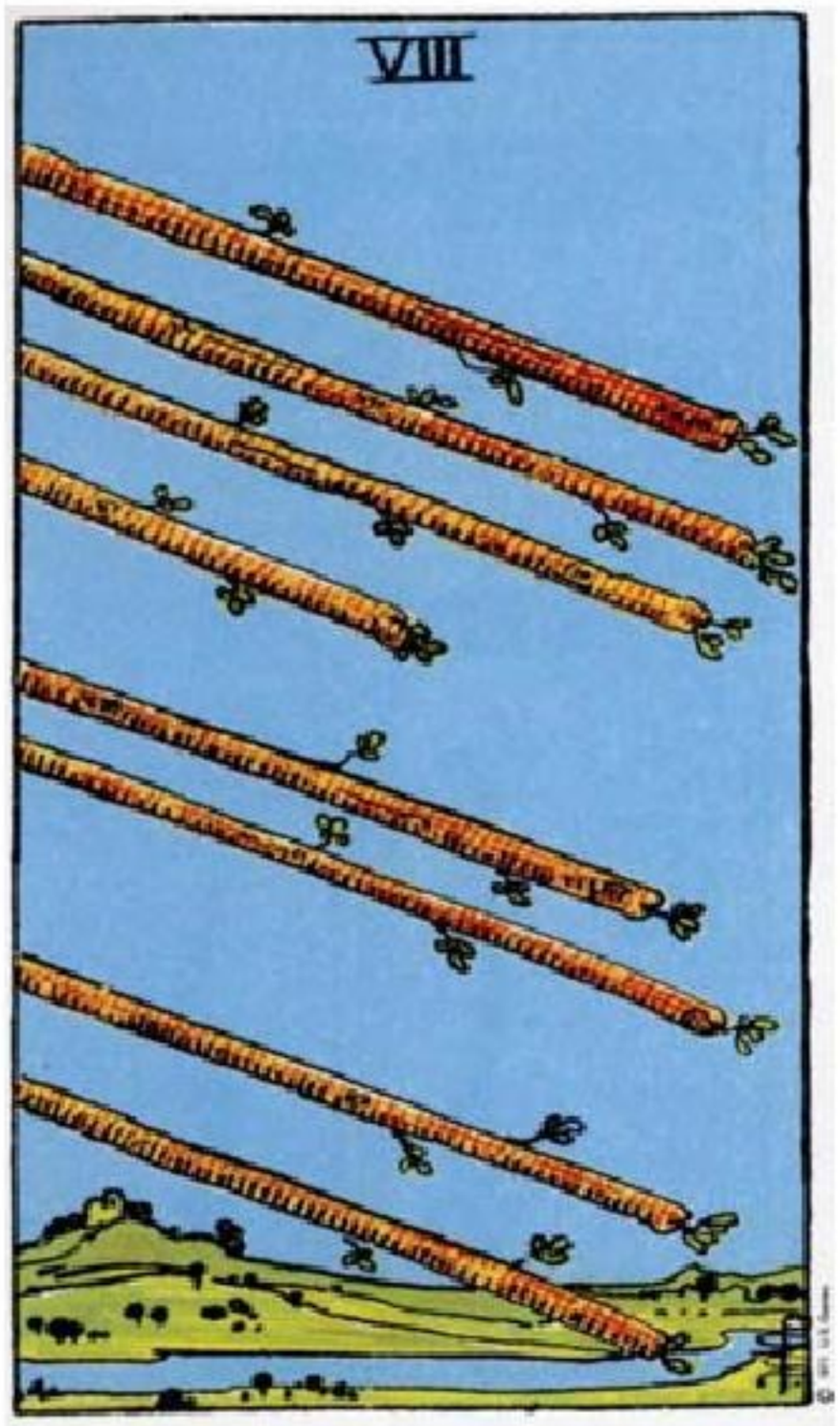
A carta significa vigor na oposição. Se atacada, a pessoa enfrentará o ataque com ousadia; e seu porte mostra que poderá se mostrar um opositor formidável. Com essa significação principal, há todos os seus possíveis adjuntos: demora, suspensão, adiamento.

Invertida:

Obstáculos, adversidade, calamidade.

Oito

A carta representa movimento através do imóvel: uma série de paus através de um campo aberto; mas correm para o término do seu curso. Está à mão o que significa; pode mesmo estar na soleira da porta.



Significações Divinatórias:

Atividade nos empreendimentos, o caminho de tal atividade, presteza, como a de um mensageiro expresso; grande pressa, grande esperança, rapidez no rumo de um objetivo que promete felicidade assegurada; de um modo geral, o que está em movimento; também as setas do amor.

Invertida:

Dardos do ciúme, disputa interna, aflições de consciência, disputas; e brigas domésticas para as pessoas casadas.

Sete

Um jovem em uma elevação pedregosa brandindo uma vara; seis outras estão erguidas em sua direção, embaixo.

Significações Divinatórias:

É uma carta de valor, pois, superficialmente, seis estão atacando um, que tem, contudo, uma posição vantajosa. No plano intelectual, significa discussão, altercação; nos negócios: negociações, guerra comercial, barganha, competição. E além disso uma carta de sucesso, pois o combatente está no alto e os seus inimigos podem ser incapazes de atingi-lo.

Invertida:

Perplexidade, embaraço, ansiedade. E também uma advertência contra a indecisão.

Seis

Um cavaleiro laureado segura uma haste encimada por uma coroa de louros; a seu lado há infantes carregando outras varas.

Significações Divinatórias:

A carta tem sido tão desenhada que pode oferecer várias significações: superficialmente, é um vencedor triunfando, mas é também uma grande notícia, que pode ser levada solenemente por um correio do Rei; é a expectativa coroada com o seu próprio desejo, a coroa da esperança, etc. etc.

Invertida:

Apreensão, temor, como o de um inimigo vitorioso às portas; traição, deslealdade, como as portas sendo abertas ao inimigo; também re-tardamento indefinido.

Cinco

Um grupo de jovens, brandindo hastes, ou praticando um esporte, ou brigando. E uma guerra mímica e, assim sendo, correspondem-lhe as ...

Significações Divinatórias:

Imitação, como, por exemplo, combate simulado, mas também encarniçada competição e luta em busca de riquezas e fortuna. Nesse sentido, relaciona-se com a batalha da vida. Por isso, algumas atribuições dizem que é uma carta de ouro, lucro, opulência.

Invertida:

Litígio, disputas, impostura, contradição.

Quatro

Uma grande guirlanda está suspensa em quatro altas estacas fincadas no primeiro plano; duas figuras femininas erguem ramalhetes; ao seu lado há uma ponte sobre um fosso, que leva a uma casa senhorial.

Significações Divinatórias:

Estão, por essa vez, quase na superfície — vida campestre, porto de refúgio, uma espécie de festa de encerramento da colheita doméstica, repouso, concórdia, harmonia, prosperidade, paz e o perfeito trabalho de tudo isso.

Invertida:

A significação permanece inalterada; é prosperidade, progresso, felicidade, beleza, embelezamento.

Três

Um personagem calmo, imponente, de costas, olhando da beira de um rochedo para navios que passam no mar. Três estacas estão fincadas no chão e ele se apóia ligeiramente em uma delas.

Significações Divinatórias:

A figura simboliza a força estabelecida, o empreendimento, o esforço, as transações, o comércio, as descobertas; são os seus navios, transportando as suas mercadorias, que estão navegando no mar. A carta também significa eficaz cooperação em negócios, como se o bem-sucedido príncipe mercador estivesse olhando para o nosso lado com o fim de nos ajudar.

Invertida:

O fim de perturbações, suspensão ou cessação de adversidade, fadigas e decepções.

Dois

Um homem alto olha de um terraço para o mar e a praia; tem um globo na mão direita, e segura com a esquerda uma vara que se apóia na amurada do terraço; outra vara está presa em uma argola. No lado esquerdo podem ser a Rosa e a Cruz e o Lírio.

Significações Divinatórias:

Entre as leituras alternativas não há conciliação possível; por um lado, riquezas, fortuna, magnificência; por outro, sofrimentos físicos, enfermidade, aborrecimento, tristeza, mortificação. O desenho apresenta uma sugestão; um senhor contemplando os seus domínios e alternativamente olhando para um globo; assemelha-se à tristeza, à mortificação de Alexandre no meio da grandeza das riquezas deste mundo.

Invertida:

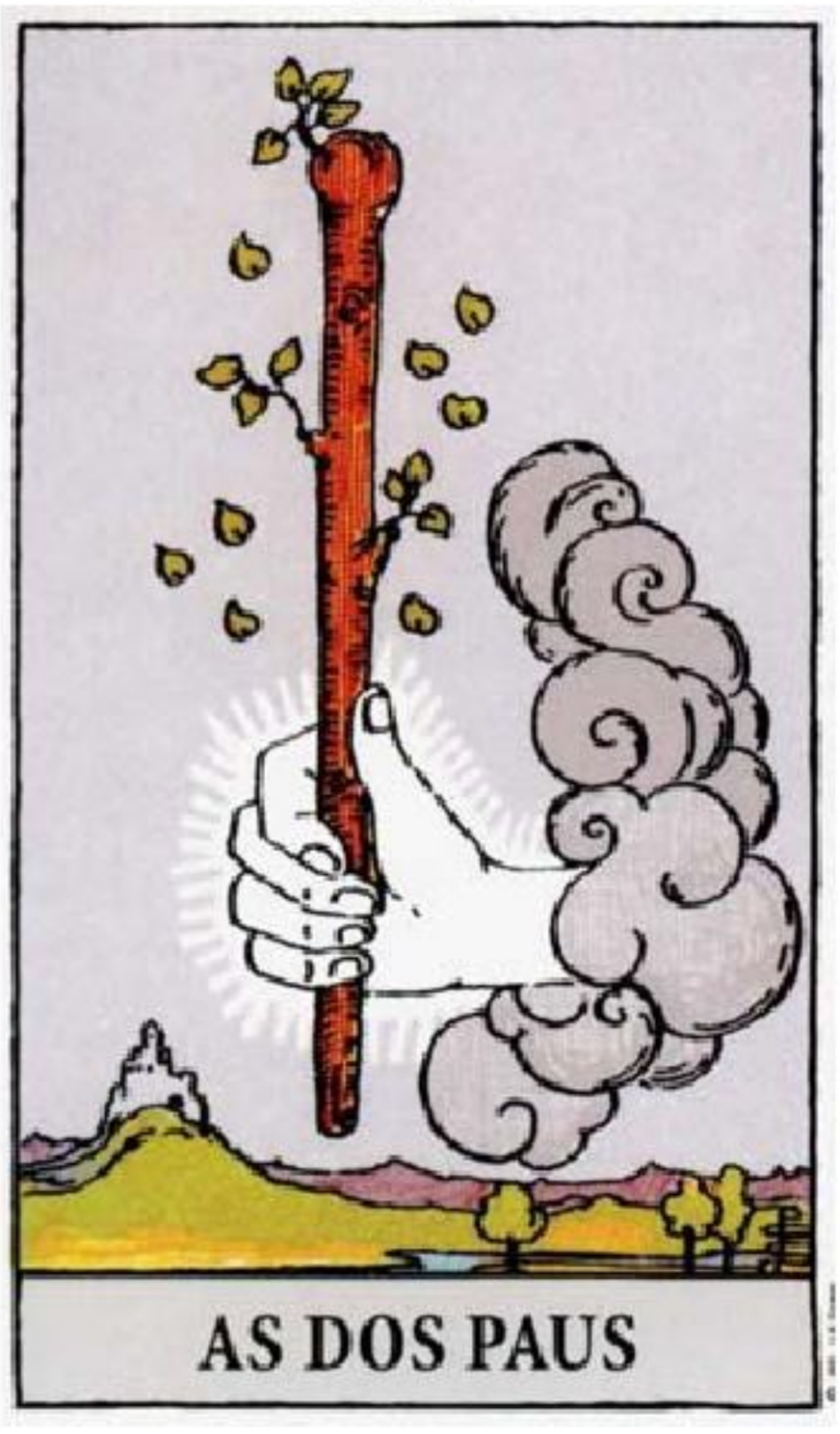
Surpresa, admiração, encantamento, emoção, perturbação, temor.

Ás

Uma mão isolada, saindo de nuvens, segura uma forte vara ou clava.

Significações Divinatórias:

Criação, invenção, empreendimento, poderes disso resultantes; principio, começo, fonte; nascimento, família, origem e um sentido de virilidade que se acha por trás deles; o ponto de par-tida de empresas; segundo outra interpretação, dinheiro, fortuna, herança.



Invertida:

Queda, decadência, ruína, perdição, perecimento; também uma certa alegria obscurecida.

O Naipe de Copas

Rei

Ele segura um curto cetro na mão esquerda e uma grande taça na mão direita; seu trono fica sobre o mar; de um lado navega um navio, e do outro um golfinho está pulando. A dedução é que o Signo de Copas naturalmente se refere à água, que aparece em todas as outras cartas.

Significações Divinatórias:

Homem bonito, homem de negócios, responsável, disposto a atender ao consultante; também eqüidade, arte, e ciência, incluindo aqueles que professam a ciência, o direito e a arte; inteligência criativa.

Invertida:

Homem desonesto, falso; trapaça, extorsão, injustiça, vício, escândalo, saque, prejuízo considerável.

Dama

Bela, encantadora, sonhadora — como quem vê visões em uma taça. Esse é, contudo, apenas um de seus aspectos; ela vê, mas também age, e sua atividade alimenta os seus sonhos.

Significações Divinatórias:

Mulher boa e bela; mulher honesta, dedicada, que servirá ao consultante; inteligência

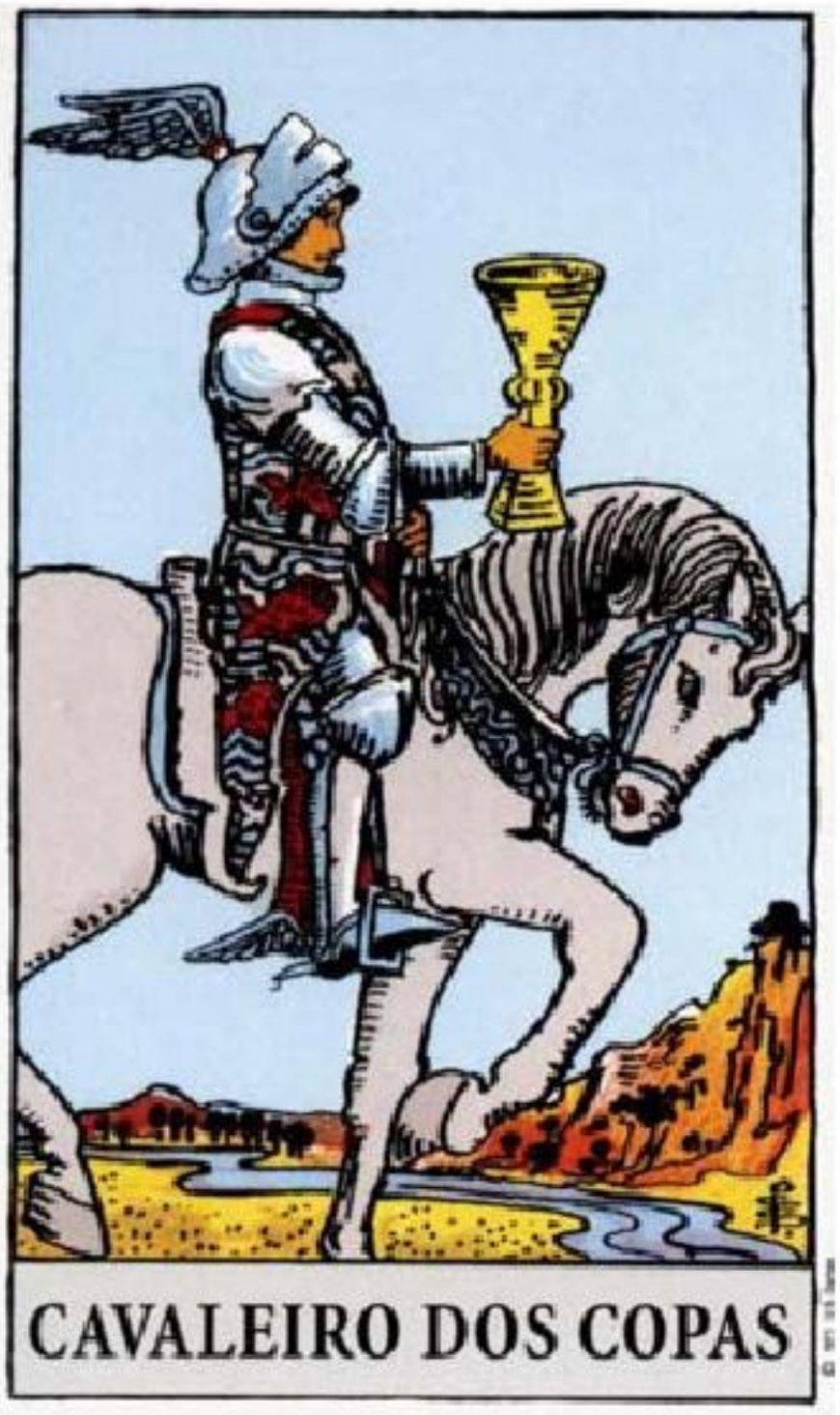
amável, e, portanto, o dom da visão; sucesso, felicidade, prazer; também sabedoria, virtude; uma esposa perfeita e boa mãe.

Invertida:

As interpretações variam; boa mulher; de outro modo, mulher distinta, mas que não merece confiança; mulher perversa; vício, desonra, depravação.

Cavaleiro

Garboso, mas não belicoso; cavalgando tranqüilamente, tendo na cabeça um elmo com pluma, relacionado com as altas graças de imaginação que às vezes caracterizam esta carta. Também ele é um sonhador, mas as imagens do lado dos sentidos o perturbam em sua visão.



Significações Divinatórias:

Chegada, aproximação — às vezes a de um mensageiro; avanços, propostas, comportamento, convite, incitação.

Invertida:

Trapaça, artifício, sutileza, burla, duplicidade, fraude.

Pajem

Um pajem bonito, simpático, um tanto efeminado, parecendo estudioso e atento, olhando para um peixe que sai de uma taça e também está olhando para ele. E a figura do espírito assumindo uma forma.

Significações Divinatórias:
Jovem bonito, disposto a servir e com o qual o consultante estará relacionado; jovem estudioso; notícias, mensagens; aplicação, reflexão, meditação; também todas essas coisas relacionadas com os negócios.

Invertida:
Gosto, inclinação, ligação, sedução, decepção, artifício.

Dez

As taças aparecem em um arco-íris, o que é contemplado, com assombro e êxtase, embaixo, por um homem e uma mulher, evidentemente esposo e esposa. O homem passa o braço direito na cintura da mulher e levanta o braço esquerdo, enquanto a mulher levanta o braço direito. Os dois filhos, dançando perto deles, não observaram o prodígio, mas estão felizes a seu modo. No fundo, há um cenário acolhedor.

Significações Divinatórias:

Contentamento, repouso de todo o coração; perfeição naquele estado; também perfeição do amor e da amizade humana; se aparece com várias cartas de figura, uma pessoa que está defendendo os interesses do consultante; também a cidade, aldeia ou pais habitado pelo consultante.

Invertida:

Repouso do coração falso, indignação, violência.

Nove

Um sujeito simpático festejou a alegria do seu coração, e abundante provisão de vinho se encontra no balcão recurvado atrás dele, indicando que também o futuro está garantido. A figura só apresenta o lado material, mas há outros aspectos.

Significações Divinatórias:
Concórdia, contentamento, bem-estar físico; também vitória, sucesso, vantagem, satisfação para o Consultante ou para a pessoa para quem é feita a consulta.

Invertida:
Verdade, lealdade, liberdade; mas as leituras variam e incluem erros, imperfeições, etc.

Oito

Um homem visivelmente abatido está abandonando as taças de sua felicidade, esforço, empreendimento ou preocupação anterior.

Significações Divinatórias:

A carta fala por si mesma superficialmente, mas outras leituras são de todo antitéticas, significando alegria, doçura, timidez, honra, modéstia. Na prática, verifica-se habitualmente que a carta mostra o declínio de uma questão que foi considerada importante, mas é na realidade de pouca significação, para o bem ou para o mal.

Invertida:

Grande alegria, felicidade, deleite.

Sete

Estranhos cálices de visões, mas as imagens são mais especialmente as do espírito fantástico.

Significações Divinatórias:

Belos favores, imagens de reflexão, sentimento, imaginação, coisas vistas no espelho da contemplação; alguma consecução nesses graus, mas nada é sugerido de permanente ou substancial.

Invertida:

Desejo, vontade, determinação, projeto.

Seis

Crianças em um velho jardim, suas taças cheias de flores.

Significações Divinatórias:

Uma carta do passado e de lembranças, olhando para trás, para a infância, por exemplo; felicidade, prazer, porém mais vindo do passado. Outra leitura inverte isso, apresentando novas relações, novos conhecimentos, novos ambientes, e nesse caso as crianças estão brincando em um recinto que não lhes é familiar.

Invertida:

O futuro, renovação, que passará logo.

Cinco

Um homem escuro, de capa, olhando de lado para três taças deitadas; duas outras estão de pé, atrás dele. No fundo, há uma ponte, que leva a um pequeno castelo ou torre.

Significações Divinatórias:

E uma carta de perda, mas algo permanece; foram tomadas três, mas restam duas; é uma carta de herança, patrimônio, transmissão, mas não correspondendo às expectativas; para alguns intérpretes, é uma carta de matrimônio, mas não sem amargura ou frustração.

Invertida:

Notícias, alianças, afinidade, consangüinidade, ancestralidade, regresso, falsos projetos.

Quatro

Um jovem está sentado embaixo de uma árvore e contempla três taças colocadas na relva, diante dele; uma mão isolada, saindo de uma nuvem, lhe oferece outra taça. A sua expressão, no entanto, é de quem não está satisfeito com o ambiente.

Significações Divinatórias:
Cansaço, desgosto, aversão, vexames imaginários, como se o vinho deste mundo só tivesse causado saciedade; outro vinho, como um belo presente, está sendo oferecido ao perdulário, mas parece não lhe trazer consolo.

Invertida:
Novidade, presságio, novas instruções, novas relações.

Três

Donzelas em um jardim, erguendo taças, como que saudando umas às outras.

Significações Divinatórias:

A conclusão de algo com plenitude, perfeição e deleite; desfecho feliz, vitória, consecução, alívio, saúde.

Invertida:

Expedição, despacho, consumação, fim. Também significa o lado do excesso no gozo físico e os prazeres dos sentidos.

Dois

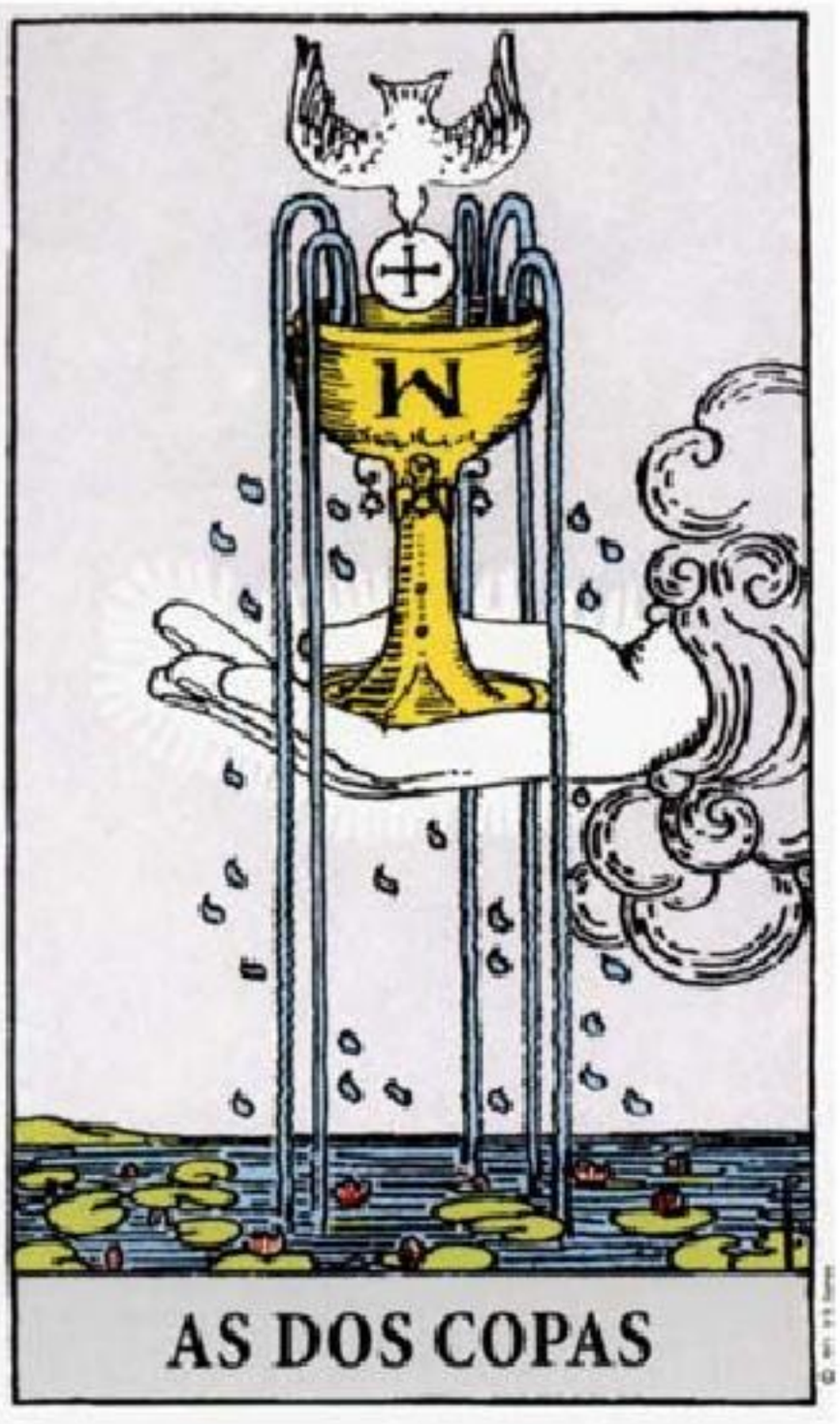
Um jovem e uma donzela fazem a saúde um do outro, e acima de suas taças ergue-se o caduceu de Hermes, entre as grandes asas do qual aparece uma cabeça de leão. É uma variante de um signo que era encontrado em alguns poucos e velhos exemplos dessa carta. A isso estão relacionados algumas significações emblemáticas, sobre as quais, contudo, não cabe falar aqui.

Significações Divinatórias:

Amor, paixão, amizade, afinidade, união, concórdia, simpatia, inter-relação dos sexos e — como uma sugestão à parte dos ofícios da adivinhação — aquele desejo que não está na Natureza, mas pelo qual a Natureza é santificada.

Ás

As águas estão embaixo e nelas há nenúfares; a mão saindo das nuvens sustenta em sua palma a taça, da qual caem quatro jorros; uma pomba, trazendo no bico uma Hóstia marcada com uma cruz, desce para colocar a Hóstia na Taça; as gotas da água caem por todos os lados. E uma imitação daquilo que há por trás dos Arcanos Menores.



Significações Divinatórias:

Casa do verdadeiro coração, alegria, contentamento, permanência, nutrição, abundância, fertilidade; Mesa Sagrada, felicidade ali reinante.

Invertida:

Casa do falso coração, mutação, instabilidade, revolução.

O Naipe de Espadas

Rei

Ele está sentado para julgar, empunhando a espada desembainhada, signo de seu naipe. Lembra, naturalmente, o convencional símbolo da Justiça nos Trunfos Maiores, e pode representar aquela virtude, porém é mais o poder da vida e de morte, em virtude de seu ofício.

Significações Divinatórias:

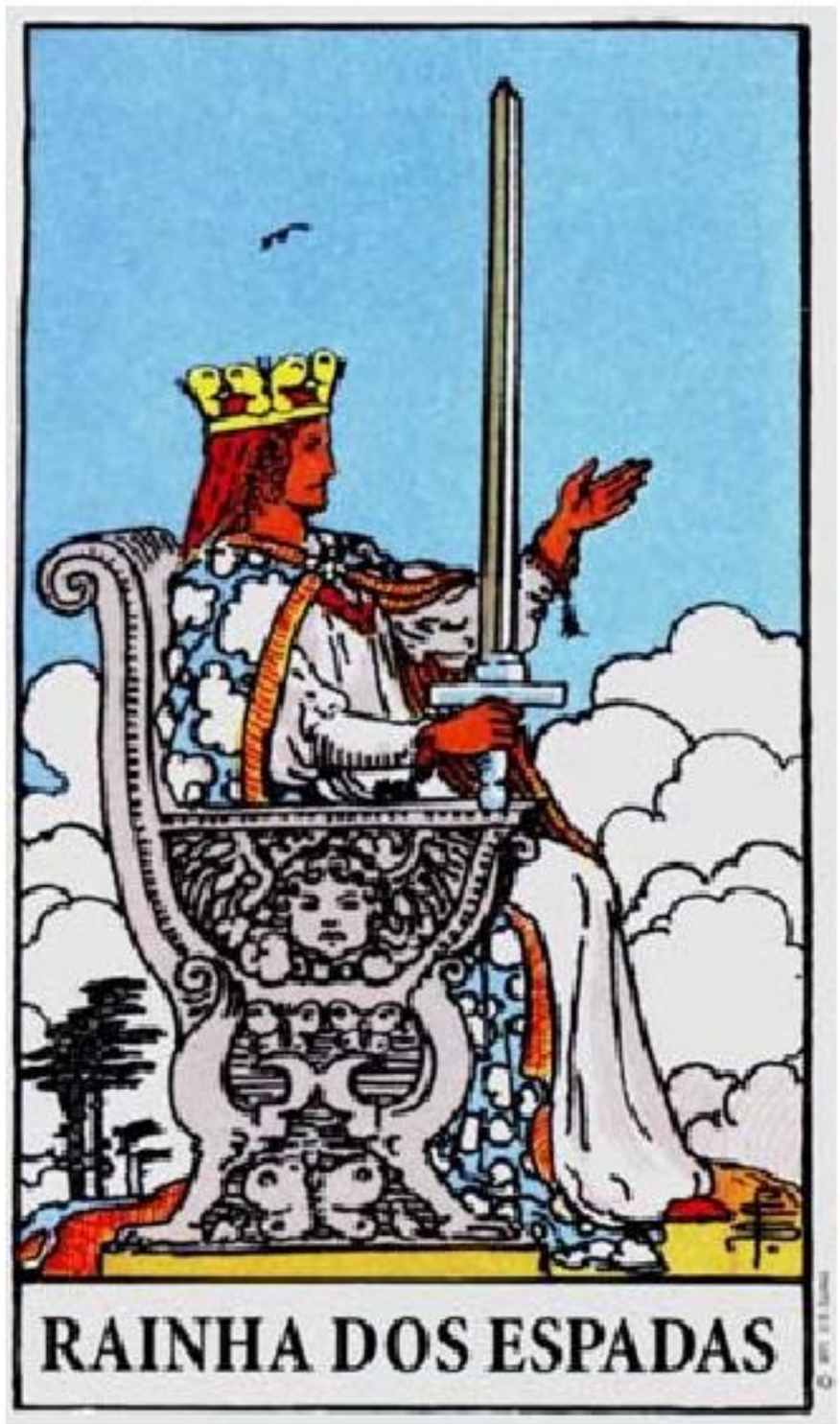
Tudo relacionado com a idéia de julgamento e as suas conexões — poder, governo, autoridade, inteligência militante, direito, ofícios da coroa, etc. etc.

Invertida:

Crueldade, perversidade, barbaridade, perfídia, más intenções.

Dama

Sua mão direita ergue verticalmente a arma, cujo punho se apóia no encosto do trono; a mão esquerda está estendida, o braço levantado; a sua fisionomia é severa, mas digna; sugere familiaridade com o sofrimento. Não representa a misericórdia, mas, por outro lado, a sua espada mal é um símbolo do poder.



Significações Divinatórias:

Viuvez, tristeza e embaraço na mulher, ausência, esterilidade, luto, privações, separação.

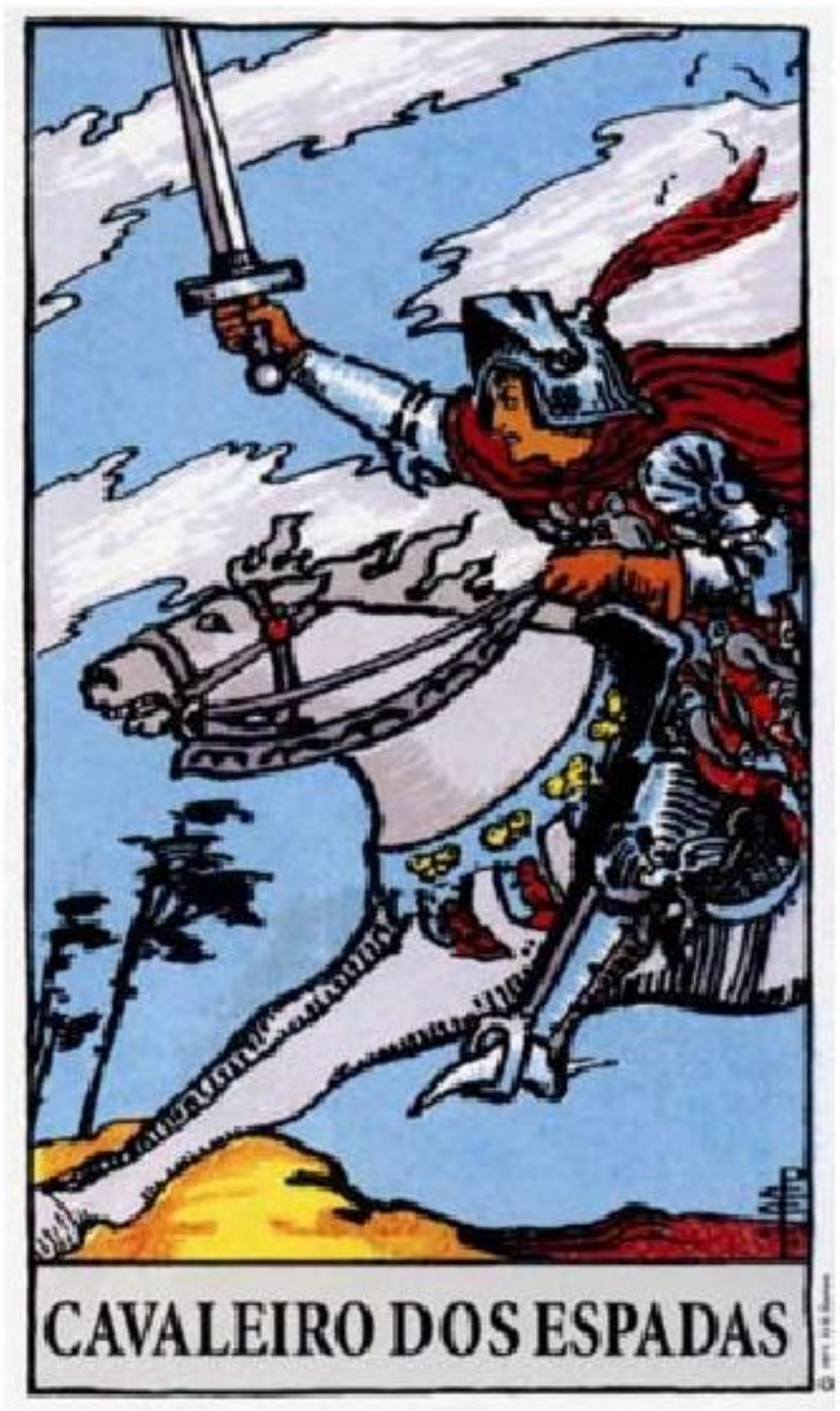
Invertida:

Malícia, carolice, artifício, puritanismo, mágoa, decepção.

Cavaleiro

Está montado em um cavalo que galopa, como se perseguisse os seus inimigos. Na figura, é realmente um protótipo do herói da cavalaria romântica. Quase pode ser Galaad, cuja espada é ágil e segura, porque ele é limpo de coração.

Significações Divinatórias:
Habilidade, bravura, capacidade, defesa, comunicação, inimigo, ira, guerra, destruição, oposição, resistência, ruína. Há, portanto, um sentido em que a carta significa morte, mas só tem esse significado nas proximidades de cartas de fatalidade.



Invertida:
Imprudência, incapacidade, extravagância.

Pajem

Uma figura esbelta, viva, segura com ambas as mãos uma espada apontada para o alto, caminhando ao mesmo tempo com passos rápidos. Atravessa um terreno acidentado, e sobre o seu caminho o céu está com muitas nuvens. O pajem está alerta, como se esperasse um inimigo que pudesse surgir a qualquer momento.

Significações Divinatórias:

Autoridade, atenção, serviço secreto, vigilância, espionagem, exame, e as qualidades com isso relacionadas.

Invertida:

Mais o lado mau de tais qualidades; o que está imprevisto, despreparado; também indica enfermidade.

Dez

Uma figura prostrada, na qual estão crivadas todas as espadas pertencentes à carta.

Significações Divinatórias:

Tudo que se relaciona com o desenho; também sofrimento, aflição, lágrimas, tristeza, desolação. Não é especialmente uma carta indicando morte violenta.

Invertida:

Vantagem, lucro, sucesso, mas nenhum deles permanentemente; também poder e autoridade.

Nove

Urna mulher sentada em sua cama, lamentando-se, com as espadas acima dela. Ela é uma que não conhece sofrimento igual ao seu. E uma carta de completa desolação.

Significações Divinatórias:
Morte, fracasso, malogro, atraso, decepção, desaponto, desespero.

Invertida:
Prisão, suspeita, dúvida, temor fundado, vergonha.

Oito

Uma mulher, amarrada e com os olhos vendados, tendo em torno as espadas da carta. E, contudo, mais uma carta de encarceramento temporário que de cativeiro irreversível.

Significações Divinatórias:
Más notícias, grande aborrecimento, crise, censura, obstáculos, conflito, calúnia; também doença.

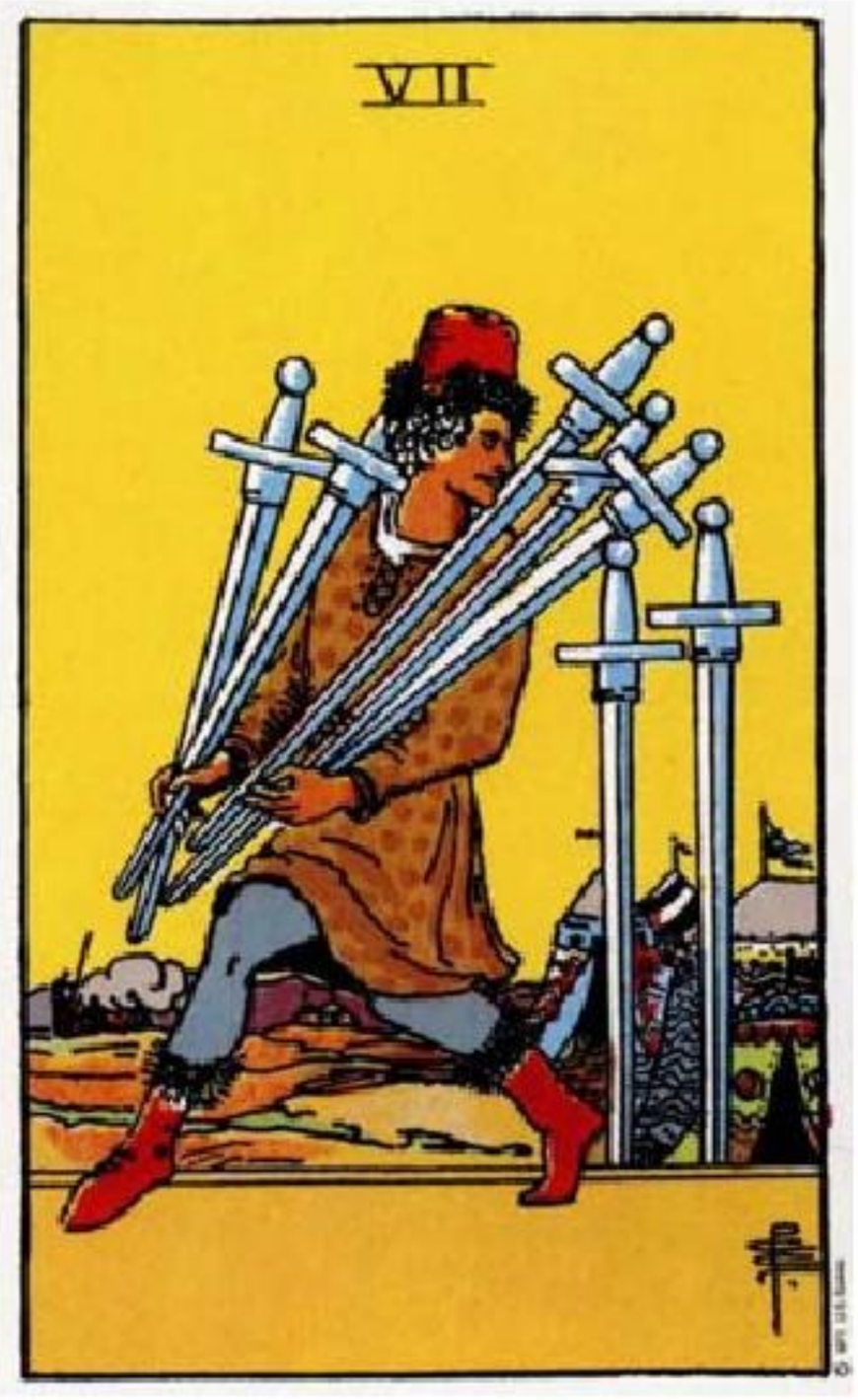
Invertida:
Inquietação, dificuldade, oposição, acidente, traição; o que é imprevisto; fatalidade.

Sete

Um homem caminhando depressa e carregando cinco espadas; as duas outras da carta estão fincadas no chão. Perto avista-se um acampamento.

Significações Divinatórias:

Intenção, tentativa, desejo, esperança, confiança; também



briga, um plano que pode falhar, aborrecimento. O desenho é incerto em sua expressão, pois as significações são muito variadas em relação umas com as outras.

Invertida:

Bom conselho, instrução, calúnia, tagarelice.

Seis

Um barqueiro levando passageiros em sua balsa para a outra margem. O trajeto é tranqüilo e vê-se que a carga é leve, podendo-se notar que o trabalho não está além de suas forças.

Significações Divinatórias:

Viagem por água, roteiro, caminho, mensageiro, comissão, expediente.

Invertida:

Declaração, confissão, publicidade; segundo uma interpretação, é uma declaração de amor.

Cinco

Um homem olha com desdém para dois outros que se afastam, visivelmente abatidos. As suas espadas foram deixadas no chão. O outro carrega duas espadas no ombro esquerdo e segura uma terceira com a mão direita, tendo a ponta no chão. E o senhor que está na posse do terreno.

Significações Divinatórias:

Degradação, destruição, revogação, infâmia, desonra, perda, com as variantes e analogias das mesmas.

Invertida:

O mesmo; enterro e funerais.

Quatro

A estátua de um cavaleiro rezando, em toda a extensão sobre o seu túmulo.

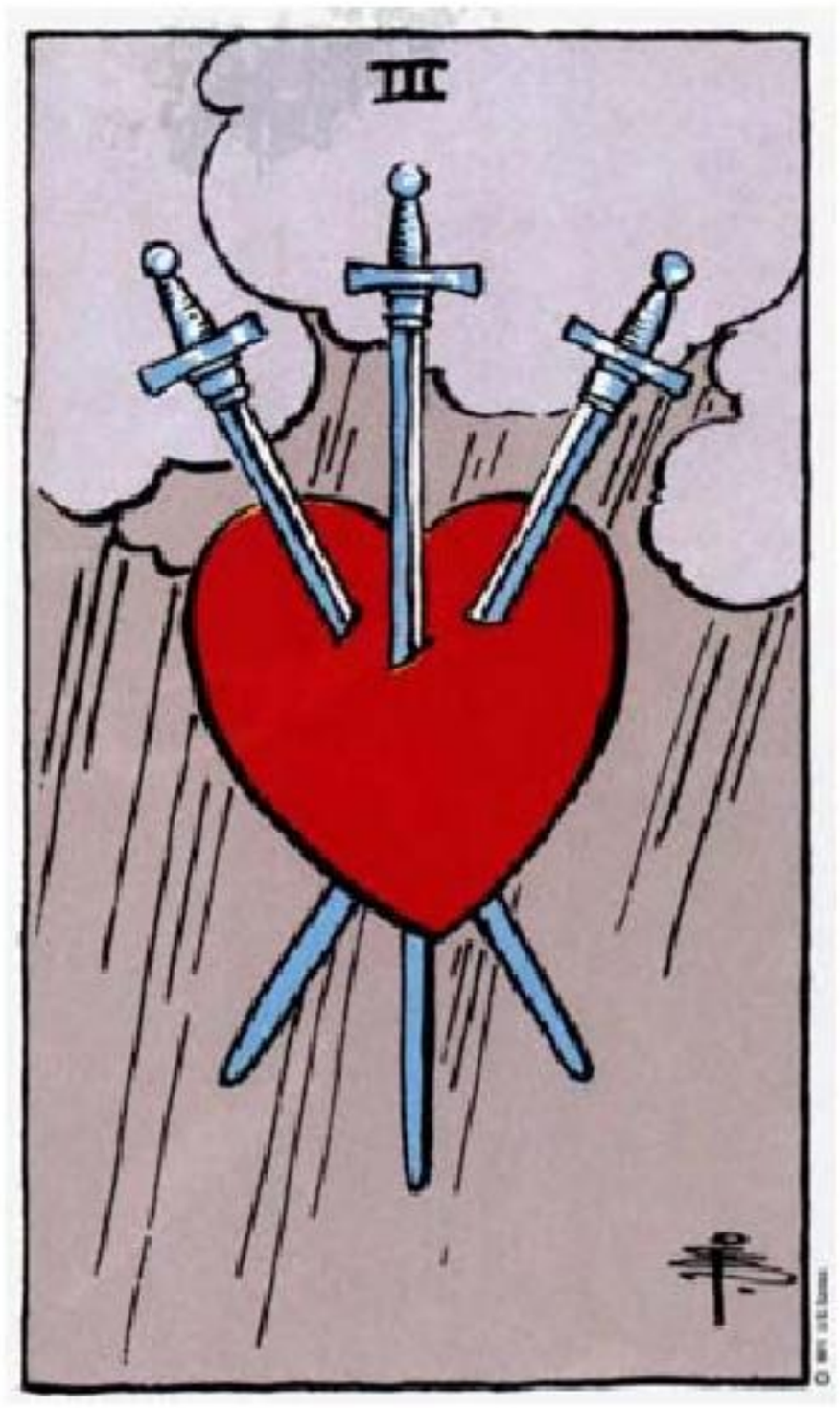
Significações Divinatórias:

Vigilância, retiro, solidão, repouso do ermitão, exílio, túmulo e féretro. A questão do desenho é nesses últimos sentidos.

Invertida:

Boa administração, circunspecção, economia, avareza, precaução, testamento.

Três



Três espadas trespassando um coração; nuvens e chuva atrás.

Significações Divinatórias:

Remoção, ausência, demora, divisão, rompimento, dispersão e tudo que o desenho significa naturalmente, sendo muito simples e evidente para que se torne necessário fazer a numeração especifica.

Invertida:

Alienação mental, erro, perda, distração, desordem, confusão.

Dois

Uma mulher com os olhos vendados equilibra duas espadas nos ombros.

Significações Divinatórias:

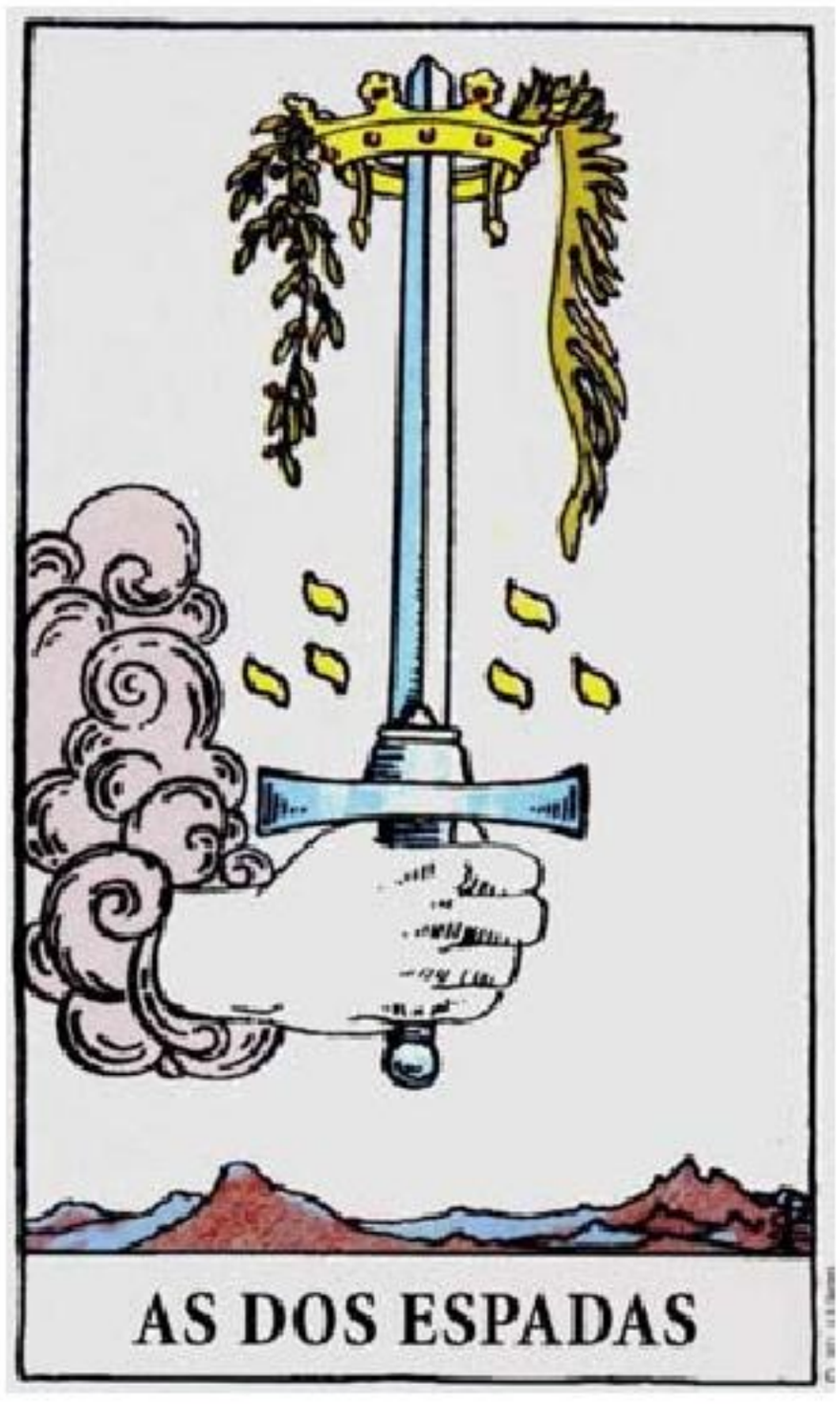
A harmonia e o equilíbrio que sugerem coragem, amizade, concórdia em uma situação belicosa; outras leituras dão ternura, afeição, intimidade. A sugestão de harmonia e outros significados favoráveis deve ser encarada com critério, pois Espadas em geral não simbolizavam forças benéficas nos assuntos humanos.

Invertida:

Impostura, falsidade, duplicidade, deslealdade.

Ás

A mão que sai das nuvens empunha uma espada, cuja ponta é rodeada por uma coroa.



Significações Divinatórias:

Triunfo, o grau excessivo de tudo, conquista, triunfo da força. E uma carta de grande força, tanto no amor como no ódio. A coroa pode ter um significado muito mais alto do que tem habitualmente na esfera da leitura da sorte.

Invertida:

O mesmo, mas os resultados são desastrosos; outra interpretação diz: concepção, nascimento, aumento, multiplicidade.

O Naipe de Pentáculos

O Rei

A figura exige uma descrição especial: o rosto é bastante moreno, sugerindo também coragem, mas uma tendência um tanto letárgica. Pode-se notar a cabeça de touro como um símbolo repetido no trono. O signo do naipe é representado como gravado e brasonado com o pentagrama, mostrando a correspondência dos quatro elementos da natureza humana e pela qual podem ser governados. Em muitos baralhos antigos de Tarô, esse naipe corresponde a moeda corrente, dinheiro, *deniers*. Não inventei a substituição pelos pentáculos e não

tenho motivo especial para defender a alternativa. Mas o consenso das significações divinatórias apóia alguma mudança, porque as cartas não parecem dizer respeito especialmente a questões de dinheiro.

Significações Divinatórias:

Valor, inteligência realizadora, aptidão para os negócios e aptidão intelectual normal, algumas vezes queda para a matemática e sucessos nesse campo.

Invertida:

Vício, fraqueza, feiúra, perversidade, corrupção, perigo.

Dama

O rosto é o de uma mulher morena, cujas qualidades podem ser resumidas na idéia de grandeza de alma; tem também viva expressão de inteligência; contempla o símbolo e nele pode ver mundos.

Significações Divinatórias:

Opulência, generosidade, magnificência, segurança, liberdade.

Invertida:

Mal, suspeita, suspensão, temor, desconfiança.

Cavaleiro

Está montado em um cavalo robusto, resistente, vagaroso, ao qual corresponde o seu próprio aspecto. Exibe o símbolo, mas não olha para ele.

Significações Divinatórias:
Utilidade, interesse, prestimosidade, responsabilidade, retidão — tudo no plano normal e exterior.

Invertida:
Inércia, preguiça, estagnação; também placidez, desencorajamento, descuido.

Pajem

Um jovem olhando atentamente para o pentáculo que sustenta com as duas mãos erguidas. Caminha devagar, sem prestar atenção ao que se encontra em torno dele.

Significações Divinatórias:
Aplicação, estudo, erudição, reflexão; outra leitura diz notícias, mensagens e suas conseqüências; também governo, direção.

Invertida:
Prodigalidade, dissipação, liberalidade, luxúria; más notícias.

Dez

Um homem e uma mulher embaixo de um arco, que dá entrada à casa e ao domínio. Estão acompanhados por uma criança, que olha com curiosidade para dois cães, que se acham junto de um velho, sentado no primeiro plano. A criança tem a mão em um deles.

Significações Divinatórias:

Lucros, riquezas; assuntos de família, arquivos, descendência, domicílio de uma família.

Invertida:

Chance, fatalidade, perda, assalto, jogos de azar; às vezes, donativos, dotes, pensão.

Nove

Uma mulher, com uma ave no punho, no meio de grande abundância de vinhas, nos terrenos de uma casa senhorial. E uma ampla propriedade, sugerindo fartura de tudo. Possivelmente da própria mulher e testemunhando bem-estar material.

Significações Divinatórias:

Prudência, segurança, sucesso, consecução, certeza, discernimento.

Invertida:

Trapaça, decepção, projetos vãos, má fé.

Oito

Um artista gravando troféus em pedra.

Significações Divinatórias:

Trabalho, emprego, encargo, artesanato, habilidade em ofícios e negócios, talvez na fase preparatória.

Invertida:

Ambição frustrada, vaidade, cupidez, extorsão, usura. Também pode significar a posse de habilidade, no sentido de um espírito engenhoso voltado para a astúcia e a intriga.

Sete

Um jovem, debruçado sobre um bordão, olha atentamente para sete pentáculos presos a uma moita de folhagens à sua direita; poder-se-ia dizer que aquelas folhagens são tesouros e que o coração do jovem lá se encontra.

Significações Divinatórias:
São muitíssimo contraditórias; de um modo geral, trata-se de uma carta de dinheiro, negócios, trocas; mas uma leitura dá altercação, briga — e outra inocência, candura, purificação.

Invertida:
Motivo para ansiedade relativa a dinheiro que pode se querer emprestar.

Seis

Um homem com trajes de mercador pesa moedas em uma balança e as distribui aos pobres e carentes. E um testemunho do nosso próprio sucesso na vida, assim como de bom coração.

Significações Divinatórias:
Presentes, donativos, gratificação; outra interpretação fala em atenção, vigilância; também o tempo aceito, prosperidade presente, etc.

Invertida:
Desejo, cupidez, inveja, ciúme, ilusão.

Cinco

Dois mendigos, sob uma tempestade de neve, passam diante de um vitral iluminado.

Significações Divinatórias:

A carta prediz acima de tudo percalços materiais, seja na forma ilustrada — isto é, miséria — seja de outra forma. Para alguns cartomantes, é uma carta de amor e amantes — esposa, marido, amigo, amantes; também concordância, afinidade. Essas alternativas não podem ser harmonizadas.

Invertida:

Desordem, caos, ruína, discórdia, devassidão.

Quatro

Um homem coroado, tendo um pentáculo sobre a sua coroa, aperta outro entre os braços; há dois pentáculos sob os seus pés. Ele se agarra ao que tem.

Significações Divinatórias:

A segurança da posse, separação do que foi dado, doação, legado, herança.

Invertida:

Suspensão, retardamento, oposição.

Três

Um escultor, trabalhando em um mosteiro. Compare-se com o desenho que ilustra o oito de Pentáculos. O aprendiz ou amador que lá aparece recebeu a sua recompensa e trabalha agora com empenho.

Significações Divinatórias:

Métier, profissão, trabalho especializado; habitualmente, contudo, é considerada uma carta de nobreza, aristocracia, renome, glória.

Invertida:

Mediocridade, no trabalho e em outras coisas, puerilidade, mesquinhez, fraqueza.

Dois

Um jovem, dançando, tem um pentáculo em cada mão, estando os dois ligados por uma corda sem fim, semelhante a um oito deitado.

Significações Divinatórias:

Por um lado, é apresentada como uma carta de alegria, recreação e coisas relacionadas, de acordo com o desenho; mas também é lida como notícias e mensagens por escrito, como obstáculos, agitação, perturbação, intrigas.

Invertida:

Alegria forçada, prazer simulado, sentido literal, caligrafia, composição, letras de câmbio.

Ás

A mão — saindo, como de costume, de uma nuvem — segura um pentáculo.

Significações Divinatórias:

Contentamento perfeito, felicidade, êxtase; também inteligência pronta; ouro.

Invertida:

O lado mau da riqueza, inteligência deficiente; também grandes riquezas. Em qualquer caso mostra prosperidade, condições materiais confortáveis, mas depende de estar a carta invertida ou não saber se tais condições trazem vantagem para o possui-dor.

Tais são os significados dos Arcanos Menores no que diz respeito à arte divinatória, cuja natureza verídica depende de uma alternativa suscetível de ser expressa em poucas palavras.

Os registros da arte são *ex hypothesi* os registros das descobertas do passado baseadas na experiência; como tais, devem ser um guia para a memória, e aqueles capazes de dominarem os elementos — ainda *ex hypothesi* — apresentam interpretações nessa base. E um trabalho oficial e automático. Por outro lado, os que têm o dom da intuição, da profecia, da clarividência — chame-se da maneira que se preferir — suplementarão a experiência do passado com as descobertas e sua própria faculdade, e falarão do que viram nos pretextos dos oráculos. Resta apresentar, também em poucas palavras, a significação divinatória atribuída pela mesma arte aos Trunfos Maiores.

3
Os Arcanos Maiores e as suas Significações Divinatórias

1. O Mago — Habilidade, diplomacia, comunicação, sutileza; doença, sofrimento, perda, desastre, ciladas de inimigos; confiança em si mesmo, vontade; o Consultante, se do sexo masculino. *Invertida:* Médico, músico, doença mental, desgraça, inquietação.

2. A Alta Sacerdotisa — Segredos, mistério, o futuro ainda não revelado; a mulher que interessa ao Consultante, se do sexo masculino; a própria Consultante, se é mulher; silêncio, tenacidade; mistério, sabedoria, ciência. *Invertida:* Paixão, ardor moral ou físico, convencimento, conhecimento superficial.

3. A Imperatriz — Fertilidade, ação, iniciativa, duração dos dias; o desconhecido, clandestino; também dificuldade, dúvida, ignorância. *Invertida:* Luz, verdade, resolução de questões discutidas, regozijo público; segundo outras leituras, vacilação.

4. O Imperador — Estabilidade, poder, proteção, realização; uma grande personalidade; ajuda, razão, convicção; também autoridade e vontade. *Invertida:* Benevolência, compaixão, crédito; também perplexidade de inimigos, obstrução, imaturidade.

5. O Hierofante — Casamento, aliança, cativeiro, servidão; segundo outra interpretação, misericórdia e bondade; inspiração; o homem a quem o Consultante recorreu. *Invertida:* Sociedade, bom entendimento, concórdia, muita bondade, fraqueza.

6. Os Amantes. — Atração, amor, beleza, provações superadas. *Invertida:* Fracasso, intenções insensatas. Outra interpretação fala em casamento frustrado e contrariedades de toda a espécie.

7. O Carro — Socorro, providência; também guerra, triunfo, presunção, vingança, perturbação. *Invertida:* Motim, briga, disputa, litígio, derrota.

8. A Fortaleza — Poder, energia, ação, coragem, magnanimidade; também honrarias e sucessos completos. *Invertida:* Despotismo, abuso de poder, fraqueza, discórdia, algumas vezes mesmo desgraça.

9. O Ermitão — Prudência, circunspecção; também especialmente traição, dissimulação, trapaça, corrupção. *Invertida:* Ocultação, disfarce, sagacidade, temor, precaução exagerada.

10. A Roda da Fortuna — Destino, fortuna, sucesso, elevação, sorte, felicidade. *Invertida:* Aumento, abundância, superfluidade.

11. — A Justiça — Eqüidade, correção, probidade, executivo; triunfo da parte merecedora em julgamento judicial. *Invertida:* O Direito em todos os seus

aspectos, complicações judiciais, carolice, prevenção, severidade excessiva.

12. O Enforcado — Sabedoria, circunspecção, discernimento, provações, sacrifício, intuição, adivinhação, profecia. *Invertida:* Egoísmo, a coroa, corpo político.

13. A Morte — Fim, mortalidade, destruição, corrupção; também, para um homem, a perda de um benfeitor; para uma mulher, muitas contrariedades; para uma donzela, projetos de casamento gorados. *Invertida:* Inércia, sono, letargia, petrificação, sonambulismo; esperança gorada.

14. A Temperança — Economia, moderação, frugalidade, capacidade de dirigir, acomodação. *Invertida:* Coisas relacionadas com igrejas, religiões, seitas, sacerdócio, às vezes mesmo o padre que vai casar o Consultante; também desunião, combinações infortunadas, interesses competitivos.

15. O Diabo — Destruição, violência, veemência, esforços extraordinários, força, fatalidade; aquele que está predestinado mas que não é, por isso, mau. *Invertida:* Fatalidade do mal, fraqueza, mesquinhez, cegueira.

16. A Torre — Miséria, desamparo, indigência, adversidade, calamidade, desgraça, decepção, ruína. E em particular uma carta de catástrofes imprevistas. *Invertida:* Segundo uma interpretação, o mesmo, em grau menor; também opressão, aprisionamento, tirania.

17. A Estrela — Perda, furto, privação, abandono; outras leituras dizem esperança e perspectivas brilhantes. *Invertida:* Arrogância, soberba, impotência.

18. A Lua — Inimigos ocultos, perigo, calúnia, escuridão, terror, decepção, forças ocultas, erro. *Invertida:* Instabilidade, inconstância, silêncio, decepções e erro em grau menor.

19. O Sol — Felicidade material, casa-mento afortunado, contentamento. *Invertida:* O mesmo, em grau menor.

20. O Juízo Final — Mudança de posição, renovação, resultado. Outra interpretação especifica: perda total em uma demanda. *Invertida'* Fraqueza, pusilanimidade, simplicidade; também deliberação, decisão, sentença.

0. O Bobo — Loucura, mania, extravagância, embriaguez, delírio, frenesi, alerta. *Invertida:* Negligência, ausência, distribuição, descuido, apatia, nulidade, vaidade.

21. O Mundo — Sucesso assegurado, recompensa, viagem, rota, emigração, fuga, mudança de lugar. *Invertida:* Inércia, fixidez, estagnação, permanência.

Ver-se-á que, exceto onde há uma sugestão irresistível oferecida pela significação superficial, aquilo que é tirado dos Trunfos Maiores pela arte divinatória é de pronto artificial e arbitrário, segundo me parece, em grau arbitrário. De uma ordem, porém, são os mistérios da luz e de outra os da fantasia. A disposição do aspecto de leitura da sorte nessas cartas é um caso de prolongada impertinência.

4
Algumas Significações Adicionais dos Arcanos Menores

Paus

Rei — Geralmente favorável; pode significar um bom casamento. *Invertida:* Conselho que deve ser seguido.

Dama — Uma boa colheita, o que pode ser tomado em vários sentidos. *Invertida:* Boa vontade para com o Consultante, mas sem a oportunidade de ser exercida.

Cavaleiro — Uma carta má; segundo algumas leituras, demência. *Invertida:* Para uma mulher, casamento, mas provavelmente frustrado.

Pajem — Jovem de família em procura de uma moça. *Invertida:* Más notícias.

Dez — Dificuldades e contradições, se perto de uma boa carta.

Nove — De um modo geral, uma carta má.

Oito — Brigas domésticas para uma pessoa casada.

Sete — Uma criança morena.

Seis — Criados podem perder a confiança de seus patrões; uma jovem pode ser traída por uma pessoa amiga. *Invertida.:* E alcançada uma esperança retardada.

Cinco — Sucesso em especulações financeiras. *Invertida:* Brigas podem se tornar vantajosas.

Quatro — Sorte inesperada. *Invertida:* Uma mulher casada terá belos filhos.

Três — Uma carta muito favorável; a colaboração favorecerá o empreendimento.

Dois — Uma jovem pode esperar decepções banais.

Ás — Calamidades de todas as espécies. *Invertida:* Signo de nascimento.

Copas

Rei — Cuidado com a má vontade por Parte de um homem de alta posição, e da hipocrisia que finge ajudar. *Invertida* Perda.

Dama — Às vezes denota uma mulher de caráter equívoco. Invertida Para um homem, casamento rico, e para a mulher, casamento distinto.

Cavaleiro — Visita de uma pessoa amiga, que trará um dinheiro inesperado para o Consultante. *Invertida:* Irregularidade.

Pajem — Bom augúrio; também moço infeliz no amor. *Invertida:* Obstáculos de toda a sorte.

Dez — Para um Consultante do sexo masculino, um bom casamento, além das expectativas. *Invertida:* Tristeza; também uma briga séria.

Nove — De bom augúrio para militares. *Invertida:* Bons negócios.

Oito — Casamento com uma mulher loura. *Invertida:* Satisfação perfeita.

Sete — Filho bonito; idéia, desígnio, decisão, movimento. *Invertida:* Sucesso, se acompanhada pelo Três de Copas.

Seis — Recordações agradáveis. Invertida Herança dentro de pouco tempo.

Cinco — Geralmente favorável; um casamento feliz; também aumento de patrimônio, legados, doações, êxito em empreendimentos. *Invertida:* Regresso de um parente que não era visto há muito tempo.

Quatro — Contrariedades.*Invertida:* Pressentimento.

Três — Promoção inesperada para um militar. *Invertida:* Consolo, cura, fim de negócios.

Dois — Favorável em coisas relacionadas com o prazer e negócios, assim como amor; também riqueza e honrarias. *Invertida:* Paixão.

Ás — Vontade inflexível, direito inalterável. *Invertida:* Inesperada mudança de posição.

Espadas

Rei — Um advogado, senador, médico. *Invertida:* Um homem mau; também advertência para pôr fim a uma demanda ruinosa.

Dama — Uma viúva. *Invertida:* Mulher má, com más intenções para com a pessoa Consultante.

Cavaleiro — Soldado, guarda-costas, capanga; previsão de uma ação heróica praticada por um soldado. Invertida Disputa com uma pessoa imbecil; para uma mulher, luta com uma rival, que será vencida.

Pajem — Uma pessoa indiscreta se intrometerá nos segredos do Consultante. *Invertida:* Notícias espantosas.

Dez — Seguido pelo Ás e pelo Rei, prisão; para uma moça ou mulher casada, traição por parte de pessoas amigas. *Invertida:* Vitória e conseqüente fortuna para um soldado na guerra.

Nove — Um eclesiástico, um padre; em geral, carta de mau augúrio. *Invertida:* Bom motivo para se suspeitar de uma pessoa duvidosa.

Oito — Para uma mulher, escândalo espalhado a seu respeito. *Invertida.:* Partida de um parente.

Sete — Moça morena; uma boa carta; promete uma vida no campo, depois de assegurada uma renda *suficiente. Invertida:* Bom conselho, provavelmente negligenciado.

Seis — A viagem será agradável. *Invertida:* Demanda judicial desfavorável.

Cinco — Ataque contra a fortuna do consultante. *Invertida:* Signo de pesar e luto.

Quatro — Uma carta má, mas se invertida, pode ser esperado um assinalado êxito pela boa administração dos negócios. *Invertida:* Certo sucesso seguindo boa administração.

Três — Para uma mulher, fuga do amante. *Invertida:* Encontro com a pessoa com a qual o Consultante está comprometido; também uma freira.

Dois — Presentes para uma mulher, proteção influente para um homem que procura ajuda. *Invertida:* Negócios com crápulas.

Ás — Grande prosperidade ou grande miséria. *Invertida:* Para uma mulher, casamento destruído por sua própria culpa.

Pentáculos

Rei — Um homem bem moreno, negociante, professor. *Invertida.:* Homem velho e depravado.

Dama — Mulher morena; presentes de um parente rico; casamento rico e feliz para um jovem. *Invertida:* Uma doença.

Cavaleiro — Um homem útil; descobertas úteis. *Invertida:* Um bom homem perde o emprego.

Pajem — Moço moreno; jovem oficial ou soldado; um filho. *Invertida:* às vezes degradação e às vezes pilhagem.

Dez — Representa casa ou mora-dia, e tira o seu valor de outras cartas. *Invertida:* Ocasião que pode ser afortunada ou não.

Nove — Pronta consecução do que é previsto pelas cartas vizinhas. *Invertida:* Esperanças vãs.

Oito — Jovem negociante que mantém relação com o Consultante; moça morena. *Invertida:* O Consultante ficará comprometido em uma questão de em préstimo de dinheiro.

Sete — Melhoria de posição do futuro marido de uma moça. *Invertida:* Impaciência, apreensão, suspeita.

Seis — Não se pode confiar no presente. *Invertida:* Um obstáculo às pretensões do Consultante.

Cinco — Conquista de fortuna pela razão. *Invertida:* Contrariedades no amor.

Quatro — Para um solteiro, boas notícias de uma moça. *Invertida:* Observação, empecilhos.

Três — Para um homem, celebridades para o seu primogênito. *Invertida:* Depende das cartas vizinhas.

Dois — Dificuldades mais imaginárias do que reais. *Invertida:* Maus augúrios, ignorância, injustiça.

Ás — A mais favorável de todas as cartas. *Invertida:* Participação no encontro de um tesouro.

Convém observar: (1) que estes *additamenta* estão pouco relacionados com a feição pictórica das cartas a que se referem, pois correspondem a valores especulativos mais importantes; (2) e mais ainda que as significações adicionais estão muitas vezes em desacordo com aquelas previamente oferecidas. Todas as significações são largamente independentes umas das outras e todas são reduzidas, acentuadas e sujeitas a modificações, e às vezes quase invertidas por seu lugar na seqüência. Dificilmente pode haver qualquer padrão de crítica em assuntos dessa natureza. Suponho que, em relação a qualquer sistema que desce das generalidades para os pormenores, ele se torna naturalmente o mais precário; e nos registros da leitura de sorte profissional, oferece mais dificuldades. Ao mesmo tempo, as adivinhações baseadas na intuição e na visão profética são de menor valor prático, a não ser que venham da região dos universais para a dos particulares; mas à medida que esse dom se apresenta em um caso particular, as significações específicas registradas pelos cartomantes do passado irão sendo postas de lado em benefício da apreciação pessoal dos valores das cartas.

Isso já foi indicado. Parece necessário acrescentar as leituras especulativas que se seguem.

5
Repetição das Cartas na Distribuição

Na Posição Natural

4 Reis = grande honraria; 3 Reis = consulta; 2 Reis = opinião de menor importância.

4 Damas = grande debate: 3 Damas = decepção por parte de mulheres; 2 Damas = amizades sinceras.

4 Cavaleiros = assuntos sérios; 3 Cavaleiros = debate vivo; 2 Cavaleiros = intimidade.

4 Pajens = doença perigosa; 3 Pajens = disputa; 2 Pajens = inquietação.

4 Dez = condenação; 3 Dez = novas condições; 2 Dez = mudança.

4 Noves = um bom amigo; 3 Noves = sucesso; 2 Noves = recebimento.

4 Oitos = reverso; 3 oitos = casamento; 2 Oitos = novos conhecimentos.

4 Setes = intriga; 3 Setes = enfermidade; 2 Setes = notícias.

4 Seis = abundância; 3 Seis = sucesso; 2 Seis = irritabilidade.

4 Cincos = regularidade; 3 Cincos = determinação; 2 Cincos = vigílias.

4 Quatros = pequena viagem próxima; 3 quatros = assunto que merece reflexão; 2 quatros = insônia.

4 Três = progresso; 3 Três = unidade; 2 Três = calma.

4 Dois = contenção; 3 Dois = segurança; 2 Dois = acordo.

4 Ases = oportunidade favorável; 3 Ases = pequeno sucesso; 2 Ases = trapaça.

Invertidas

4 Reis = celebridade; 3 Reis = comércio; 2 Reis = projetos.

4 Damas = má companhia; 3 Damas = glutoneria; 2 Damas = trabalho.

4 Cavaleiros = aliança; 3 Cavaleiros = duelo ou desforço pessoal; 2 Cavaleiros = suscetibilidade.

4 Pajens = privação; 3 Pajens = ociosidade; 2 Pajens = Sociedade.

4 Dez = evento, acontecimento; 3 Dez = desaponto; 2 Dez = expectativa justificada.

4 Noves = usura; 3 Noves = imprudência; 2 Noves = um pequeno lucro.

4 Oitos = erro; 3 Oitos = um espetáculo; 2 Oitos = infortúnio.

4 Setes = brigões; 3 Setes = alegria; 2 Setes = mulheres de má reputação.

4 Seis = cuidado; 3 Seis = satisfação; 2 Seis = queda.

4 Cincos = ordem; 3 Cincos = hesitação; 2 Cincos = revés.

4 Quatros = viagem ao exterior; 3 Quatros = inquietação; 2 Quatros = disputa.

4 Três = grande sucesso; 3 Três = serenidade; 2 Três = segurança.

4 Dois = reconciliação; 3 Dois = apreensão; 2 Dois = suspeita.

4 Ases = desonra; 3 Ases = devassidão; 2 Ases = inimigos.

6
A Arte de Adivinhação Pelo Tarô

Chegamos agora à parte final e prática desta divisão de nossa matéria, sobre os meios de consultar e conseguir oráculos através das cartas do Tarô. Os modos de operação são bem numerosos, e alguns deles muito complicados. Deixei de lado os últimos, porque as pessoas versadas em tais questões acreditam que o caminho da simplicidade é o caminho da verdade. Também deixei de lado as operações que foram publicadas na seção de *O Tarô dos Boêmios* intitulada *O Tarô Divinatório;* ela pode ser recomendada, em seu justo valor, aos leitores que desejem ir mais além que os limites deste manual. Ofereço em primeiro lugar um curto processo que tem sido usado, em caráter particular, há muitos anos, na Inglaterra, Escócia e Irlanda. Não creio que tenha sido publicado — com certeza não em relacionamento com as cartas do Tarô; acredito que ele servirá para todas as finalidades, mas acrescentarei — para variar — em segundo lugar, o que costumava ser chamado na França de *Oráculos de Julia Orsini.*

7
Um Antigo Método Céltico de Adivinhação

Esse modo de adivinhação é o mais conveniente para se obter resposta a uma pergunta específica. Primeiramente, o Adivinho escolhe uma carta para representar a pessoa ou assunto a respeito do qual é feita a consulta. Essa carta é chamada a Significadora. Se o Adivinho deseja saber alguma coisa a respeito de si mesmo, toma a carta que corresponde à sua descrição pessoal. Um Cavaleiro deve ser escolhido para a Significadora, se o assunto da consulta é um homem de quarenta anos de idade para cima; um Rei deve ser escolhido para qualquer homem de menos de quarenta anos; uma Dama para uma mulher de mais de quarenta anos, e um Pajem para uma mulher mais moça.

As quatro *Cartas da Corte* de Paus representam pessoas muito bonitas, com cabelos louros ou castanhos, cútis clara e olhos azuis. As *Cartas da Corte* de Copas significam pessoas com cabelos castanhos-claros ou louros e olhos verdes ou azuis. As de Espadas pessoas de olhos castanhos ou verdes, cabelos castanhos-escuros e pele desbotada. Enfim, as *Cartas da Corte* de Pentáculos referem-se a pessoas de cabelos castanhos muito escuros ou pretos, olhos escuros e cútis pálida ou amarelada. Essas características estão sujeitas, contudo, às seguintes reservas, que impedem que sejam aceitas de maneira excessivamente convencional. Devemos nos guiar, na ocasião, pelo que sabemos sobre o temperamento da pessoa; uma pessoa que é muito morena pode ser muito enérgica, e seria melhor representada por uma carta de Espadas que por uma de Pentáculos. Por outro lado, uma pessoa loura que é indolente e apática deve ser relacionada com Copas e não com Paus.

Se for mais conveniente para a finalidade da adivinhação tomar como significadora o assunto a respeito do qual é feita a consulta, deve ser escolhida a carta menor ou de Trunfo que tenha um sentido correspondente ao do assunto. Suponhamos que a pergunta seja: "Será necessária uma ação judicial?" Nesse caso, toma-se o Trunfo N? 11, ou Justiça, como a Significadora. Ela se refere a assuntos judiciais. Se, porém, a pergunta fosse: "Serei bem-sucedido em minha demanda?" deveria ser escolhida como Significadora uma das Cartas da Corte. Subseqüentemente, podem ser feitas adivinhações consecutivas a fim de mostrar o curso do processo e o seu resultado para cada uma das partes interessadas.

Tendo-se escolhido a Significadora, deve ela ser colocada na mesa, de face para cima. Depois, embaralha-se e corta-se o resto do baralho três vezes, com as faces das cartas para baixo.

Vira-se a PRIMEIRA CARTA do baralho; coloca-se a mesma em cima da significadora dizendo: "Esta o cobre". Essa carta mostra a influência que está afetando a pessoa ou a questão objeto da consulta, de um modo geral, a sua atmosfera na qual as outras correntes atuam.

Vira-se a SEGUNDA CARTA, que é atravessada sobre a primeira, dizendo-se: "Esta o atravessa" Essa carta mostra a

natureza dos obstáculos na questão. Se é uma carta favorável, as forças opostas não serão sérias, ou ela pode indicar que algo de bom em si mesmo não terá bom resultado em um determinado relacionamento.

Vira-se a TERCEIRA CARTA, que é colocada acima da Significadora, dizendo-se: "Esta o coroa' Essa carta representa: (a) o objetivo ou ideal do Consultante no caso; (b) o melhor que se pode alcançar nas circunstâncias, mas que ainda não se tornou real.

Vira-se, então, a QUARTA CARTA, que é colocada abaixo da Significadora, dizendo-se: "Esta está por baixo dele" Ela mostra o fundamento ou base da questão, que pode já ter se tornado real e que a Significadora tornou sua própria.

Vira-se a QUINTA CARTA, que é colocada perto da Significadora no lado para o qual a figura não está olhando, dizendo-se: "Esta está atrás dele" Essa carta mostra a influência que já passou ou que está passando.

N.B. — Se a significadora é um Trunfo ou qualquer carta menor que não se possa dizer que está olhando para qualquer lado, o Adivinho deve resolver, antes de começar a operação que lado escolherá.

Vira-se a SEXTA CARTA, que é colocada perto da Significadora, no lado para o qual está olhando, e diz-se: "Esta está diante dele:' Essa carta mostra a influência que está entrando em ação e se fará sentir em futuro próximo.

As cartas estão agora dispostas em forma de cruz, cujo centro é a Significadora, coberta pela Primeira Carta.

As quatro cartas seguintes são viradas sucessivamente e colocadas uma acima da outra em fileira, do lado direito da cruz.

A primeira dessas cartas, ou a SÉTIMA CARTA da operação, significa a própria pessoa ou coisa representada pela Significadora e mostra a sua posição ou atitude nas circunstâncias.

A OITAVA CARTA significa a sua casa, isto é, o ambiente e as tendências ali reinantes que afetam a questão — por exemplo, a sua posição na vida, a influência de amigos chegados, etc.

A NONA CARTA mostra as suas esperanças e temores na questão.

A DÉCIMA é o que acontecerá, o resultado final, a culminação provocada pelas influências das outras cartas que foram viradas na adivinhação.

E sobre essa carta que o Adivinho deverá concentrar especialmente as suas faculdades intuitivas e a sua memória, no que diz respeito às significações divinatórias oficiais atribuídas no caso. A carta deve materializar tudo que possa ter sido adivinhado pelas outras cartas colocadas em cima da mesa, inclusive a própria Significadora e a seu respeito, não se excetuando luzes de mais alta significação que podem cair como centelhas do céu se acontecer que a carta que serve de oráculo, a carta destinada à leitura, seja um Trunfo Maior.

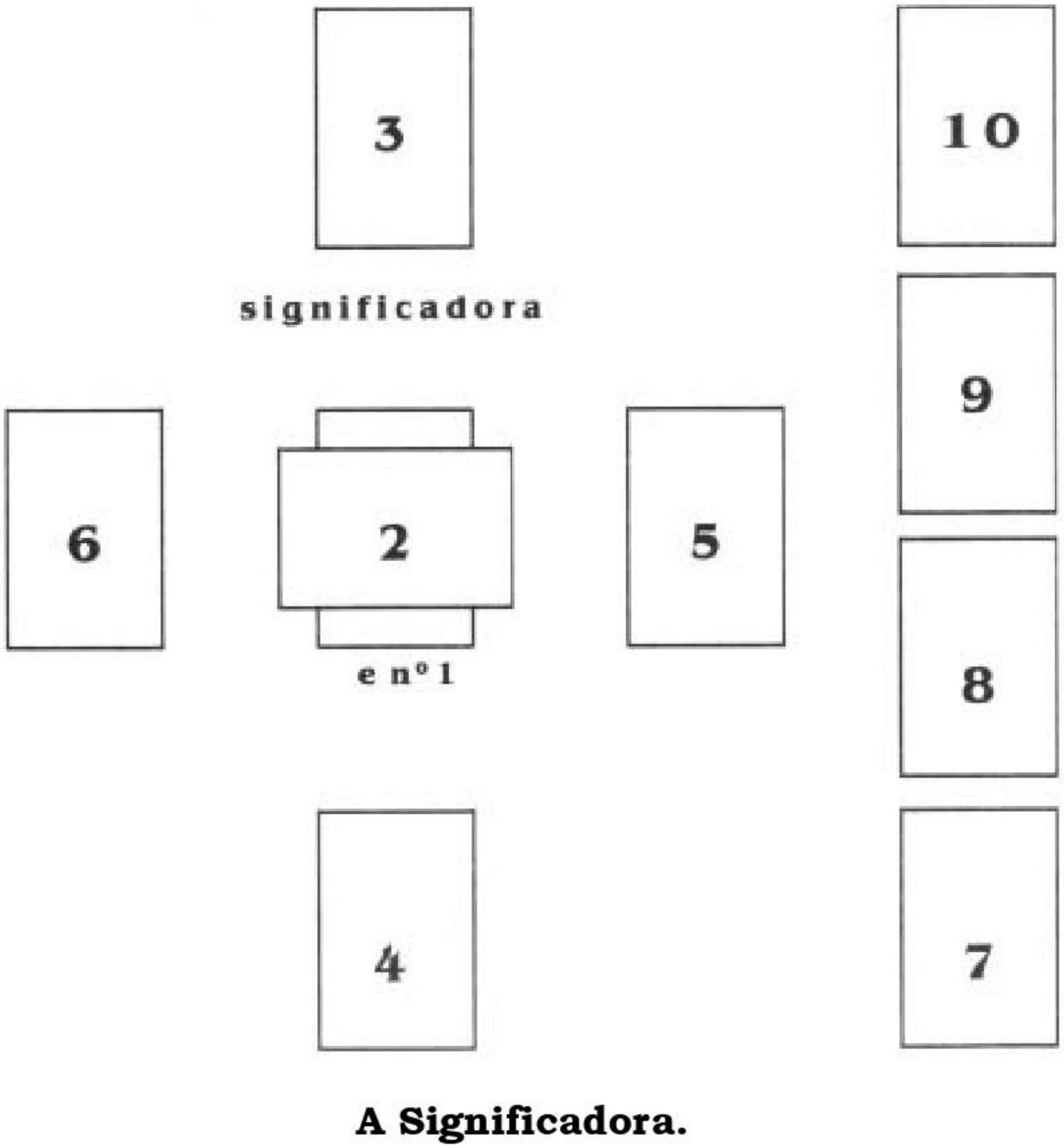
A operação está completa agora; mas se acontecer que a última carta seja de natureza duvidosa, da qual não possa ser tirada qualquer decisão final, ou que não pareça indicar a conclusão definitiva do caso, a operação pode ser repetida, tomando-se, em tal caso, a Décima Carta como Significadora, em vez da usada anteriormente. O baralho terá de ser de novo embaralhado e cortado três vezes e as primeiras dez cartas viradas como antes. Com isso, poder-se-á obter uma explicação mais pormenorizada de *O que irá acontecer.*

Se em qualquer adivinhação a Décima Carta for uma *Carta da Corte*, isso mostra que o caso sujeito à adivinhação acabará caindo nas mãos de uma pessoa representada por aquela carta e que o seu desfecho dela depende. Em tal caso, é aconselhável tomar-se a *Carta da Corte* em questão como Significadora em uma nova operação, e descobrir qual é a natureza da

sua influência no assunto e o que resultará disso.

Grande facilidade será alcançada por esse método, em um tempo relativamente curto, levando-se sempre em consideração os dons do operador — isso é a sua faculdade de discernimento, manifesta ou latente — e tem a vantagem especial de estar livre de todas as complicações.

Apresento aqui um diagrama das cartas como dispostas nesse modo de adivinhação. A Significadora está aqui olhando para a esquerda.



A Significadora.

1. A carta que a cobre.
2. A que a atravessa.
3. A que a coroa.
4. A que está abaixo dela.
5. A que está atrás dela.
6. A que está diante dela.
7. A própria pessoa.
8. A sua casa.
9. As suas esperanças e os seus temores.
10. O que acontecerá.

8
Um Método Alternativo de Ler as Cartas do Tarô

Embaralha-se todo o baralho e viram-se algumas das cartas em fileiras de maneira a inverter os seus topos.

O baralho deve ser cortado pelo Consultante, com a mão esquerda. Distribuem-se as primeiras quarenta e duas cartas em seis maços de sete cartas cada um, com a face para cima, de maneira que as primeiras sete cartas formem o primeiro maço, as sete seguintes o segundo, e assim por diante, como se pode ver no seguinte diagrama:

6.º maço	5.º maço	4.º maço	3.º maço	2.º maço	1.º maço

Toma-se o primeiro maço, estendem-se as cartas na mesa em fileira, da direita para a esquerda; colocam-se as cartas do segundo maço sobre elas, e depois sucessivamente as dos outros maços. Formar-se-ão assim sete novos maços de seis cartas cada um, dispostos da seguinte maneira:

7.º maço	6.º maço	5.º maço	4.º maço	3.º maço	2.º maço	1.º maço

Tiram-se as cartas de cima de cada maço, embaralha-se o maço assim formado e estendem-se as cartas da direita para a esquerda, formando uma fileira de sete cartas.

Depois tomam-se as duas cartas seguintes de cada maço, que são juntadas e embaralhadas e dispostas em duas fileiras abaixo da primeira fileira.

As vinte e uma cartas restantes dos maços são, por sua vez, misturadas e embaralhadas e dispostas em três fileiras abaixo das outras.

Teremos então seis fileiras horizontais de sete cartas cada uma, dispostas da seguinte maneira:

1.ª fileira.

7	6	5	4	3	2	1

2.ª fileira

7	6	5	4	3	2	1

3.ª fileira

7	6	5	4	3	2	1

4.ª fileira

7	6	5	4	3	2	1

5.ª fileira

7	6	5	4	3	2	1

6.ª fileira

7	6	5	4	3	2	1

Neste método, a pessoa Consultante — se é do sexo masculino — é representada pelo Mágico e, se é do sexo feminino, pela Alta Sacerdotisa. A carta, contudo, em nenhum dos casos, é tirada do baralho até que as quarenta e duas cartas tenham sido dispostas como se viu. Se a carta procurada não é encontrada entre aquelas dispostas na mesa, deve ser procurada entre as restantes trinta e seis cartas, que não foram distribuídas, e deve ser colocada a pequena distância à direita da primeira fileira horizontal. Se está entre aquelas, deve ser retirada e colocada da maneira que se assinalou, e uma carta é tirada ao acaso das trinta e seis cartas que não foram distribuídas, para ocupar o lugar dessa carta retirada, de modo que continue a haver o mesmo número de quarenta e duas cartas estendidas na mesa.

As cartas são, então, lidas sucessivamente, da direita para a esquerda, a começar da carta N.° 1 da fileira de cima, sendo lida em último lugar a da extrema esquerda, ou N.° 7 da última fileira embaixo.

Esse método é recomendado quando não se faz uma pergunta definida, isto é, quando o Consultante pretende tomar conhecimento, de um modo geral, do curso de sua vida e o seu destino. Se deseja saber o que poderá ocorrer dentro de um certo tempo, esse tempo deverá ser claramente especificado antes de serem as cartas embaralhadas.

Ainda com referência à leitura, não se deve esquecer que as cartas têm de ser interpretadas relativamente ao assunto, o que quer dizer que as significações oficiais e convencionais das cartas podem e devem ser adaptadas para se harmonizarem com as condições daquele caso particular em questão — a posição, tempo de vida e sexo da pessoa Consultante, ou da pessoa para quem é feita a consulta.

Assim, o Bobo pode indicar toda uma ordem de fases mentais entre a simples excitação e a loucura, mas a fase particular de cada adivinhação deve ser julgada levando-se em consideração a tendência natural das cartas, e, nesse sentido, naturalmente a faculdade intuitiva desempenha um papel importante.

Convém, no começo de uma leitura, percorrer as cartas rapidamente, de modo que a mente possa ter uma impressão geral do assunto — a tendência do destino — e depois começar de novo, lendo uma por uma e interpretando os detalhes.

Deve-se lembrar que os Trunfos representam forças mais poderosas e eficientes segundo as hipóteses do Tarô — do que as cartas menores.

E claro que é levado em conta na adivinhação o valor das faculdades de intuição e clarividência. No caso em que elas se apresentem naturalmente ou tenham sido desenvolvidas pelo Adivinho, as disposições fortuitas das cartas formam um elo entre a sua mente e o clima da questão em adivinhação, e então o resto é simples. Quando falha ou falta a intuição, podem ser usadas a concentração, a observação

intelectual e a dedução, da maneira mais ampla, para se obter um resultado satisfatório. A intuição, porém, mesmo se aparentemente adormecida, pode ser cultivada pela prática em tais processos divinatórios. Se estiver em dúvida sobre a significação exata de uma carta, recomendam ao Adivinho os versados na matéria pôr mãos à obra, tentar não pensar sobre o que deve fazer, e observar as impressões que surgem em sua mente. No princípio, é provável que isso resulte em mera conjetura e que pode se mostrar incorreta, mas, com a prática, torna-se possível distinguir-se entre uma conjetura da mente consciente e uma impressão surgida na mente subconsciente.

Não me compete oferecer sugestões teóricas ou práticas a esse respeito, mas os seguintes *additamenta* se devem a alguém que tem mais títulos para falar do que todos os cartomantes da Europa, se pudessem embaralhar só com duas mãos e adivinhar só com uma língua.

Notas Sobre a Prática da Adivinhação

1. Antes de se iniciar a operação, deve-se formular a pergunta definitivamente e repeti-la em voz alta.

2. Deve-se esvaziar a mente de qualquer pensamento o máximo possível, enquanto se embaralham as cartas.

3. Deve-se expulsar do espírito qualquer predisposição pessoal e idéias preconcebidas, tanto quanto possível, pois, de outro modo, o julgamento ficará prejudicado.

4. Em vista disso, é mais fácil adivinhar-se para uma pessoa estranha do que para si mesmo ou para uma pessoa amiga.

9
O Método de Leitura por Meio das Trinta e Cinco Cartas

Quando termina a leitura, de acordo com o esquema estabelecido no último método, pode acontecer — como no caso anterior — que algo continue duvidoso, ou pode se tornar desejável levar a indagação mais adiante, o que é feito da maneira seguinte:

Tomam-se as cartas não embaralhadas que permanecem de lado, sem terem sido usadas na primeira operação com 42 cartas. As últimas são postas de lado, empilhadas, com a do Consultante, de face para cima, no alto. As trinta e cinco cartas, baralhadas e cortadas como antes, são divididas em seis pacotes, do seguinte modo:

O *Pacote I* consiste das primeiras SETE CARTAS; o *Pacote II* consiste das SEIS CARTAS seguintes; o *Pacote III* das CINCO CARTAS seguintes; o *Pacote IV* das QUATRO CARTAS seguintes; o *Pacote V* das DUAS CARTAS seguintes, e o *Pacote VI* contém as últimas ONZE CARTAS. A disposição será então a seguinte:

Pacote VI	Pacote V	Pacote IV	Pacote III	Pacote II	Pacote I
11 cartas	2 cartas	4 cartas	5 cartas	6 cartas	7 cartas

Tomam-se, então, esses pacotes sucessivamente, distribuem-se as cartas que eles contêm em seis fileiras, que serão, necessariamente, de comprimentos desiguais.

A PRIMEIRA FILEIRA representa a casa, o ambiente, etc.

A SEGUNDA FILEIRA representa a pessoa ou o assunto da adivinhação.

A TERCEIRA FILEIRA representa o que se está passando fora, acontecimentos, pessoas, etc.

A QUARTA FILEIRA representa uma surpresa, o inesperado, etc.

A QUINTA FILEIRA representa consolação e pode moderar tudo que for desfavorável nas fileiras anteriores.

A SEXTA FILEIRA é a que deve ser consultada para esclarecer os oráculos enigmáticos das outras; a não ser isso, é destituída de importância.

As cartas devem ser lidas da esquerda para a direita, começando-se na fileira superior.

Convém salientar, concluindo esta parte divinatória, que não há método de interpretação das cartas do Tarô que não

sejam aplicáveis às cartas de jogar comuns, mas as cartas da corte adicionais, e acima de tudo os Trunfos Maiores, contribuem para aumentar os elementos e valores dos oráculos.

E agora, concluindo toda a questão, deixei para estas últimas palavras — como à feição de um epílogo — um novo e final ponto. Diz respeito à maneira com que considero os Trunfos Maiores como contendo a Doutrina Secreta. Não quero dizer que estou familiarizado com ordens e fraternidades nas quais repousam tal doutrina e implicam mais elevado conhecimento do Tarô. Não quero dizer que tal doutrina, sendo assim preservada e transmitida, possa ser construída como embutida independentemente nos Trunfos Maiores. Não quero dizer que seja algo à parte do Tarô. Existem associações com conhecimento especial de ambas as coisas; em um ou outro caso, as raízes são as mesmas. Também há, todavia, certas coisas que não estão em ordens ou sociedades, mas são transmitidas de outra maneira. Fora de qualquer herança desse tipo, que qualquer um que seja místico considere separadamente e em combinação o Mágico, o Bobo, a Alta Sacerdotisa, o Hierofante, o Imperador, a Imperatriz, o Enforcado e a Torre. Que considere a carta chamada Juízo Final. Elas contêm a legenda da alma. Os outros Trunfos Maiores são os pormenores e — como se pode dizer — os acidentes. Talvez tal pessoa comece a entender o que existe por trás daqueles símbolos por quem quer que seja inventado e contudo preservado. Se assim fizer, verá também por que me preocupei com o assunto, mesmo correndo o risco de escrever acerca de adivinhação por meio de cartas.

SUMÁRIO

OS ARCANOS MAIORES

0 O Louco	11 A Justiça
1 O Mago	12 O Enforcado
2 A Sacerdotisa	13 A Morte
3 A Imperatriz	14 A Temperança
4 O Imperador	15 O Diabo
5 O Papa	16 A Torre
6 Os Apaixonados	17 A Estrela
7 O Carro	18 A Lua
8 A Força	19 O Sol
9 O Eremita	20 O Julgamento
10 A Roda da Fortuna	21 O Mundo

OS ARCANOS MENORES

O Naipe de Paus	O Naipe de Ouros	O Naipe de Espadas	O Naipe de Copas
Ás	Ás	Ás	Ás
Dois	Dois	Dois	Dois
Três	Três	Três	Três
Quatro	Quatro	Quatro	Quatro
Cinco	Cinco	Cinco	Cinco
Seis	Seis	Seis	Seis
Sete	Sete	Sete	Sete
Oito	Oito	Oito	Oito
Nove	Nove	Nove	Nove
Dez	Dez	Dez	Dez
Princesa	Princesa	Princesa	Princesa
Príncipe	Príncipe	Príncipe	Príncipe
Rainha	Rainha	Rainha	Rainha
Rei	Rei	Rei	Rei

Tarô

Concorda-se geralmente que o Tarei tenha as suas raízes na antiguidade remota. Uma minoria privilegiada conservou vivo o seu simbolismo, até ser ele apresentado em ilustrações. Na realidade, o Tarei apresenta um conhecimento altamente significativo, acessível apenas aos místicos. Os capazes de compreenderem o Tarei têm sido devotos e guardaram os segredos como um dever sagrado. A evolução de uma pessoa determina até que ponto o Tarô pode ser percebido e absorvido. Apenas os Iniciados têm capacidade de abranger os grandes ensinamentos encerrados dentro de cada carta. A obra é dividida em três partes:

1. Antiguidade, abrangendo a fonte de toda a fantasmagoria; 2. Simbolismo;

3. A parte Divinatória — a personalidade na história do Tarei. Um aspecto positivo da obra, e que será de grande utilidade para o leitor, é o método de dar as cartas. Outro aspecto ainda mais importante é a interpretação das cartas. Arthur Edward Waite estudou profundamente o ocultismo. Foi membro da Ordem da Aurora Dourada, e nos permitiu conhecer o Tarei, ou tanto do Tarei quanto temos o privilégio de conhecer atualmente.